



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS**

ARYANNA DA COSTA AMORIM

**OS LIVROS ERAM VENDIDOS “NO GRITO MERMO”:
EXPERIÊNCIAS DOS SEBISTAS DA CIDADE DE FORTALEZA
(1960 – 2000)**

**FORTALEZA-CEARÁ
2015**

ARYANNA DA COSTA AMORIM

OS LIVROS ERAM VENDIDOS “NO GRITO MERMO”:
EXPERIÊNCIAS DOS SEBISTAS DA CIDADE DE FORTALEZA
(1960 – 2000)

Dissertação submetida ao programa de
Mestrado em História e Culturas da
Universidade Estadual do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do grau
de mestre em História.

Área de concentração: História Cultural

Orientador: Prof^ª Dr. Francisco José
Gomes Damasceno.

FORTALEZA-CEARÁ

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Amorim, Aryanna da Costa .

Os livros eram vendidos "no grito mermo":
experiências dos sebiistas da cidade de Fortaleza
(1960-2000) [recurso eletrônico] / Aryanna da Costa
Amorim. - 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do
trabalho acadêmico com 124 folhas, acondicionado em
caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade
Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado
Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: História e Culturas.

Orientação: Prof. Dr. Francisco José Gomes
Damasceno.

1. Mercado de livros usados - Fortaleza. 2.
Sebiistas - Fortaleza. 3. Sebos - Fortaleza. I. Título.

ARYANNA DA COSTA AMORIM

**OS LIVROS ERAM VENDIDOS “NO GRITO MERMO”: EXPERIÊNCIAS DOS
SEBISTAS DA CIDADE DE FORTALEZA (1960 – 2000)**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 07/08/2015.

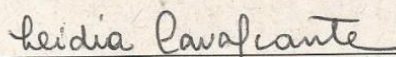
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares
Instituto Superior de Teologia Aplicada-INTA



Profa. Dra Lídia Eugênia Cavalcante
Universidade Federal do Ceará-UFC

AGRADECIMENTOS

Ao Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz, que esteve comigo nos momentos alegres, mas, sobretudo, nos momentos mais difíceis, que decifrou meus gemidos e orações, muitas vezes, fracas por me encontrar, em diversos momentos, perdida. Tu me trouxeste à tona!

Aos meus familiares, mãe (Gorette Silveira) e irmão (Ary Diógenes), que me permitiram habitar em um seio familiar que, mesmo não sendo perfeito, é presente, amável e sincero.

Ao meu amado Wesley Liberato, meu marido, companheiro e amigo, que esteve comigo em todos os momentos, dando-me apoio e um colo para chorar quando, muitas vezes, eu não tinha forças para continuar. Agradeço-te porque sei que, mesmo sem saber como lidar com meus dilemas, você me abraçou e usou de palavras doces e amáveis para confortar meu coração. Amo você!

À minha querida turma de mestrado Lucas, Elcelane, Natália, Rafaela Moreira, Adaíza, Alex, Nonato, Natan, Flávio, Cláudia, Ana Paula e Rafaela, por me aceitarem e me acolherem como uma de vocês. Aprendi coisas grandiosas das quais jamais me esquecerei. Obrigada pela amizade e pela ajuda oportuna!

Aos amigos mais chegados que irmãos, Lidiane, Alan, André e Mairla, que ofereceram seus ouvidos para que eu pudesse compartilhar dessa minha experiência e, mesmo sem saberem, me ajudaram a suportar os dias mais difíceis através de uma boa conversa e sorrisos intermináveis.

À elas, Larisse e Nívea, que há dois anos pularam de alegria ao me verem entrar no mestrado e torceram ao longo desses dois anos pelo meu sucesso. Agradeço pelas palavras de incentivo e por me levarem a um estado de autoconhecimento quando, algumas vezes, eu esquecia quem realmente eu era. Dois anos se passaram, é hora de pularmos de alegria novamente!

Agradeço também à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) por financiar a pesquisa, permitindo que a mesma fosse desenvolvida e concluída.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer ao meu orientador Francisco José Gomes Damasceno, pelo carinho, atenção e dedicação investida em mim. Obrigada pelo apoio, amparo e ajuda na construção desse trabalho.

Saio dele com um pacote de novidades velhas, e a sensação de que visitei, não um cemitério de papel, mas o território livre do espírito, contra o qual não prevalecerá nenhuma forma de opressão.

(O Sebo – Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Esta dissertação trata de um estudo com os sebistas da cidade de Fortaleza atuantes entre os anos de 1960 a 2000. O recorte espacial da pesquisa é, especificamente, o perímetro central de Fortaleza, onde se encontram o maior número de sebos. O objetivo principal é estudar em que medida a experiência dos sebistas da cidade de Fortaleza são importantes para o nosso conhecimento acerca do mercado de livros usados na referida cidade. O estudo aborda desde a exposição de quem são os sujeitos denominados sebistas, bem como, qual é a sua mercadoria e como eles estabelecem suas estratégias comerciais, até a construção da sua identidade singular e coletiva e sua relação com a cidade que experienciam. A metodologia aplicada na pesquisa foi a História Oral, sendo as entrevistas realizadas com os sebistas as principais fontes utilizadas, mas estão presentes, também, fontes hemerográficas e virtuais. Constatou-se que as experiências desses sujeitos revelam, não somente, uma forma singular de comercializar livros, mas também se constitui como a essência do “ser sebista”, sendo o estudo da mesma fundamental para a nossa compreensão acerca do mercado de livros usados.

Palavras-chave: Mercado de livros usados – Fortaleza. Sebista – Fortaleza. Sebo – Fortaleza.

ABSTRACT

This dissertation intends to introduce a study with *sebistas*¹ that actuated in the Fortaleza city between the years 1960 and 2000. The focus of this research is the central region of Fortaleza, where are most of *sebos*² in this city. The main purpose of this analysis is studying to what extent the experience of the *sebistas* of Fortaleza city is importante for our knowing about books used Market in this city. The study adress from exposure who are the *sebistas* until what is your merchandise and how they establish their commercial strategies, to the construction of their individual and collective identity with the city where they work. The methodology used in the research was the Oral History and the interviews with *sebistas* were the main research source used, but there were also, hemerographic and virtual sources. It was possible to verify that these expiriences with *sebistas* prove not only an essence of being *sebista*, but a unique way to market books and this study of this essence is too important to understand about used books market.

1 - Seller of used books

2 - Used Books Market

Keywords: Used Books Market – Fortaleza. Sebista – Fortaleza. Sebo – Fortaleza.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1-	Lord Hotel – Edifício Philomeno Gomes – Anos 50.....	108
FOTO 2-	Cartão Postal distribuído na inauguração do Excelsior Hotel.....	109
FOTO 3-	Abrigo Central em 1958.....	110
FOTO 4-	Confeitaria do Cidrack.....	111
FOTO 5-	Pedão da bananada enfrente ao Abrigo Central.....	112

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	“ENTRE OS MAIS HUMILDES COMÉRCIOS DO MUNDO ESTÁ O DO LIVREIRO”	20
2.1	“ONDE HÁ MUITA LIVRARIA, HÁ SEBO”: ENTRE LIVRARIAS E LIVREIROS DO BRASIL	22
2.2	SEBO: A NOVIDADE NO VELHO	27
2.3	O MERCADO DE LIVRO USADO EM FORTALEZA: DAS CALÇADAS AOS PRÉDIOS DO CENTRO	31
2.3.1	Dos sebos e dos sebistas	31
2.3.2	“Eu comecei por necessidade”: a ocasião faz o sebista	35
3	O SEBISTA E A QUESTÃO DA IDENTIDADE	56
3.1	“UM SEBISTA É...”: IDENTIDADE E DIFERENÇA	57
3.2	MEMÓRIA: A IDENTIDADE EM AÇÃO	61
3.2.1	Práticas e representação: a contribuição de Roger Chartier	64
3.3	A ORGANIZAÇÃO DO SEBO COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO	68
3.4	O SEBISTA “TEM QUE DANÇAR CONFORME A MÚSICA”	73
4	A FORTALEZA DOS SEBISTAS	80
4.1	A CIDADE-CONCEITO	81
4.2	“É UM CRUZEIRO! É UM CRUZEIRO!”: LIVROS VENDIDOS “NO GRITO”	82
4.3	“OS JOGOS DOS PASSOS”	89
4.4	UMA LEITURA DA FORTALEZA ANTIGA	101
4.4.1	As livrarias da época	101
4.4.2	A Fortaleza do “rabo de burro”	102
4.4.3	As peripécias na Ditadura Militar	105
4.4.4	Copas do Mundo	106
4.4.5	Fortaleza e lazer	107
4.4.6	A hora da merenda e da cachaça: A Fortaleza do Abrigo Central	109
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	LISTA DE FONTES	118
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120

1 INTRODUÇÃO

Rua 24 de maio, esquina com rua Pedro I, centro da cidade de Fortaleza. Pessoas iam e vinham, trabalhadores, estudantes, camelôs, vendedores de loterias e bêbados, o centro da Cidade, na sua variedade, tinha para mim agora um significado diferente que eu ainda não havia compreendido, mas conseguia sentir.

Procurei e então achei aquele de quem eu havia ouvido falar. Estava eu frente a frente com ele, prestes a balbuciar algumas palavras, mas tive tempo de refletir sobre aquele encontro. Diziam que ele era grande, robusto, cheio de surpresas, um pouco velho, mas cheio de vida. Achei sua aparência um tanto injusta com a grandiosidade com que falavam dele, mas talvez o tempo tivesse se encarregado de deixá-lo belo da sua forma, afinal, beleza é um conceito relativo.

Diziam também que ele tinha um grande amigo, companheiro de épocas, que também era velho, de estatura baixa, simpático, experiente, que tinha um tom de voz baixo, calmo e tranquilo, alguém dedicado, que um “tempo desses” havia decidido abandoná-lo, desacreditado de que o velho amigo lhe pudesse dar mais alegrias, resolveu seguir outro rumo. Mas, com saudade da sua companhia e convencido de que o tempo havia provado que esses dois amigos nasceram juntos e eram felizes porque caminhavam unidos, voltou, ficou e continua, até hoje, ao seu lado.

Eu, ainda parada frente a frente com ele, olhei para sua fachada e nada encontrando, olhei a placa na sua calçada, tinha um aspecto envelhecido, marcada pelo tempo, na cor branca, e embora tivesse alguns detalhes em vermelho, as letras eram, sobretudo, pretas. Então li “CASA DE LIVROS USADOS “O GERALDO”. Era ele. O sebo¹ mais conhecido do centro da cidade de Fortaleza. Até então, eu não havia comprovado nenhuma afirmação feita sobre sua grandiosidade, mas decidi que os meus olhos fariam isso. Entrei e me deparei com um corredor de livros, que se seguia desde a porta de entrada, onde fiquei parada imersa em meus pensamentos, até uma outra porta que dava de frente para um senhor de poucos cabelos brancos, sentado por trás de uma mesa repleta de livros. Era o velho amigo. O dedicado. Não me dirigi diretamente à ele, primeiro porque não o conhecia e me senti constrangida. Segundo porque meus olhos se ocuparam de correr por tantas estantes, cheias de livros de todos os tipos, de todas as cores e espessuras, onde me perdi e me encontrei tantas e tantas vezes.

¹Livraria onde se vendem livros usados.

Era um verdadeiro paraíso para os apaixonados por livros. Havia uma acidez no ar, por causa dos livros velhos, mas também havia doçura nos olhos das pessoas passionais perdidas entre as estantes, com livros em suas mãos. Olhei em volta e havia muitas pessoas, uns mais discretos, outros em grupo, mais alvoroçados, felizes, comprando, enchendo de livros suas bolsas, mochilas, sacolas. Eu estava ali, observando tudo até que uma pergunta me chamou atenção: “Geraldo, quanto custam esses livros?”, e o velho amigo, de sua mesa respondeu: “Todos os livros dessa estante estão a 2 reais e dessa outra a 5 reais”.

Eu, diante da pergunta do cliente e confusa com a sua resposta, me indaguei: “Como pode existir livros a preços tão irrisórios?”. Fui olhar e vi clássicos, José de Alencar, Machado de Assis, alguns contos eróticos para mulheres, dentre outros. Olhando aquelas estantes cheias, transbordantes de conteúdos, pensei: “Que lugar é esse?”, foi então que iniciei o meu romance épico, minha aventura.

Em fevereiro do ano de 2009 eu entrava no curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará. Tudo no curso era minha cara: as pessoas apaixonadas por livros, bibliotecas, centros de documentação; as discussões sobre a história do livro, das bibliotecas, da importância da leitura, do mundo do impresso e do eletrônico; os textos sobre Sociedade da Informação, do Conhecimento e relação do homem com essas sociedades. Eu estava no lugar certo!

Passaram-se 3 anos, e, então a tão temida monografia para a conclusão do curso deveria ser escrita. Eu tinha muitas coisas em mente como proposta de pesquisa e, ao mesmo tempo, não tinha nada. Estava perdida, mas lúcida o suficiente para decidir que só me debruçaria sobre um tema se ele fizesse meu coração bater forte, afinal, era minha primeira experiência, salvo alguns artigos e outras análises realizadas no decorrer da graduação.

Certo dia, em meio aos corredores da Universidade, um professor compartilhava comigo uma leitura que ele havia feito, o livro intitulado “Cartografia sentimental de sebos e livros” da Márcia Cristina Delgado, chamou minha atenção. Fui à biblioteca, aluguei-o, li e me apaixonei. Compreendi o apelo da autora para que o registro da história dos livros usados, dos sebos, dos sebistas² fosse escrita e exposta no cenário científico, visto sua importância na história da circulação de livros não somente

² Conhecidos no Brasil, como livreiros de livros usados.

local, no caso do referido livro, em Belo Horizonte, mas em âmbito nacional e até internacional.

A partir disso, lembrei que havia em Fortaleza alguns sebos e resolvi os procurar e os conhecer. Até então, minha única experiência com eles foi quando criança, através de minha mãe, quando, vez por outra, ela ia a Praça dos Leões em Fortaleza trocar meus livros da escola, quando eu passava para a série seguinte. Foi a partir dessa lembrança que cheguei ao sebo do Geraldo, como relatei acima.

Depois de ir ao sebo do Geraldo, fui a outros e quando percebi eu era mais uma “garimpadora” de preciosidades de sebos. Comprava não somente pela paixão que me acometeu desde cedo, mas por causa da pesquisa, eu não queria somente teoria, eu queria empirismo, queria comprar livro usado, trocá-los com os sebistas, vendê-los para ver como eles estabeleciam suas regras de comércio, eu queria sentir o gosto desse mercado.

Comprei em sebos físicos e também comprei em sebos virtuais, pois minha proposta de pesquisa da graduação se estendia a essa nova categoria de sebos. Eu investiguei a contribuição dessas livrarias para o acesso ao livro em Fortaleza e descrevi a dinâmica usada pelos sebistas da Cidade. Conversei com sebistas e com frequentadores de sebos, passei por esse universo na tentativa de conhecê-lo e então, ao final de um ano, minha pesquisa resultou no meu trabalho de conclusão de curso: “Do sebo tradicional ao sebo virtual: possibilidades para o acesso ao livro” (AMORIM, 2012). Tinha mais perguntas do que certezas, mas como Jó falou a respeito de Deus nas escrituras, eu repeti para mim mesma a respeito dos sebos: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (JÓ, cap. 42, v. 5). Foi um bom começo, mas não parei por aí.

Em março de 2013, eu entrava no Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará. Saí da Biblioteconomia, da minha zona de conforto, e me aventurei a ir beber em outra fonte, pois algo dentro de mim sentia necessidade da História, meu objeto de pesquisa merecia mais do que eu havia lhe dado outrora, eu precisava da ajuda dos historiadores.

Com algumas modificações necessárias no meu projeto inicial, desloquei meu olhar do sebo, e foquei no sebista, pois, agora, era ele que me chamava atenção. Percebi que através das memórias desse sujeito eu poderia traçar aspectos relevantes para história do mercado livreiro e circulação dos livros da cidade de Fortaleza.

Com a ajuda do meu orientador, compreendi que um livro exposto em uma prateleira de uma livraria, de um sebo, ou em uma “casa de comércio”³, é um objeto cultural passível de indagações e carregado de uma história. Da mesma forma, percebi a importância dos mediadores de leituras, livreiros, sevistas, no processo de compreensão da circulação dos livros. As memórias dos livreiros constroem a presente pesquisa como fonte essencial, fonte esta, que acreditamos que dará sentido à realidade já vivida por eles.

Quando iniciei a pesquisa, eu percebi que as memórias dos sevistas seriam essenciais para o desenvolvimento da mesma, tanto que devido à importância delas para o estudo tornei as mesmas fontes principais, assim, foi a partir das memórias narradas que as experiências dos sevistas foram sendo evidenciadas no estudo.

Trabalhar com memória não é um trabalho fácil. Na minha primeira experiência de pesquisa com os sebos, ainda na graduação, fiz algumas entrevistas com os sevistas e tentei, da melhor forma possível, compreendê-las de maneira a construir um bom trabalho, mas me deparei com muitas dificuldades, sendo uma delas, a maneira linear que eu compreendia o processo memorial. Hoje, sei que esse processo não se apresenta de maneira linear, pois “é impossível assistir (como a um filme) ao que se passou, seguindo a continuidade do vivido, dos eventos e das emoções” (ALBERTI, 2004, p. 13), sobretudo, porque a história opera por descontinuidades, de modo que, relatamos de maneira selecionada o vivido, os acontecimentos passados. Não quero com isso dizer que essas dificuldades foram todas sanadas, pois ‘viver um dia de cada vez’ ainda é pouco quando se está em uma jornada científica, é preciso viver uma hora de cada vez, um conceito de cada vez, sem atropelos.

Trabalhar com a memória é manipular subjetividades a fim de compreender como as mesmas podem ser entendidas dentro de um contexto, bem como, como essas subjetividades são construídas ao longo do tempo. Trabalhar com a memória é manipular experiências vividas, pois, “Memória é a vida [...] vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetíveis de longas latências e de repentinas vitalizações.” (NORA, 1984, p.20). Assim, ao pensar na metodologia que usaríamos para problematizar as memórias dos sevistas e utilizá-las de maneira adequada para a proposta, optamos pela história oral, pois nela a experiência do sujeito iria encontrar um tom vívido. Afinal, “É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com

³ Segundo Delgado (1999), no Brasil do século XVIII, era mais adequado chamar os lugares onde se vendiam livros de casas de comércio.

um valor que nos é caro: um sujeito que efetivamente viveu” (ALBERTI, 2004, p.14). Investigar as memórias dos livreiros consiste na tentativa de compreendê-las dentro da suas várias facetas, da sua pluralidade e da sua relação com a realidade, pois como nos diz Nora “a memória se enraíza no concreto”. (1984, p.20).

Pensar nos sebastas é pensar em sujeitos que tiveram uma percepção além do imaginável, que em meio a um mercado editorial já consolidado, dão um novo sentido a esse mercado, olhando-o com outros olhos, percebendo nele uma possibilidade profissional e resignificando o que já existia. Os sebastas são sujeitos que se apropriaram do já existente mercado editorial, aproveitaram o que para esse mercado não importava mais, como obras antigas, edições substituídas, e deram a elas um novo tratamento, agregando valor e disponibilizando novamente ao consumidor.

Esses sujeitos fizeram ainda mais, reaproveitando o que para os consumidores não importava mais, como obras já lidas em seus acervos, e tornaram-nas passíveis de compra, vendas e trocas por outros consumidores, proporcionando a novidade no velho. São esses os sujeitos que nos interessam por terem resignificado sua realidade dando a ela nova perspectiva.

Acreditamos que por não serem muitos os estudos debruçados sobre os sebos e os sebastas, nem em âmbito nacional, nem local, a história da circulação de livros usados ainda é uma história por ser contada, com isso, e por isso, é possível fazê-la através da narrativa desses sujeitos e da investigação de suas experiências.

Através das memórias dos sebastas busquei compreender em que medida as experiências desses sujeitos são relevantes para o nosso conhecimento acerca do mercado de livros usados e da circulação de livros em Fortaleza no período recortado.

Escolhi como espaço para pesquisa a referida cidade, mais especificamente, o perímetro central, onde se concentram o maior número de sebos da cidade. A escolha por Fortaleza se justifica não somente por ser minha cidade natal e, como tal, mais viável de realizar a pesquisa, mas também, pela escassez de estudos que contribuíssem para o conhecimento acadêmico acerca do mercado de livros usados de Fortaleza. Percebi que havia uma lacuna histórica quanto à temática, dessa forma, tentei não necessariamente saná-la, mas amenizá-la, nas páginas que se seguem.

Depois da escolha do espaço em que a pesquisa seria desenvolvida, fui em busca de um recorte temporal que me permitisse atingir o objetivo do estudo, porém, a temporalidade do mesmo sempre se apresentou como uma dificuldade, até eu conseguir recortá-lo de modo coerente. Cabe aqui dizer que foi no mestrado em História que eu

vim compreender a importância do Tempo nos estudos historiográficos, até então, eu não compreendia, de maneira clara, qual era a relação do homem com o tempo.

A História tem por objeto o homem, mas segundo Marc Bloch chamar a História de Ciência dos homens ainda era vago demais, ao que era preciso acrescentar ‘dos homens, no tempo’, pois “O historiador não apenas pensa ‘humano’. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração”. (BLOCH, 2001, p. 55). Toda a rede de relacionamentos estabelecida pelo homem acontece em um tempo histórico, as vivências dos sujeitos, que é o ligamento entre o homem, as demais pessoas e o mundo ao seu redor, transcorrem no tempo histórico.

Dessa forma, para a História, o homem não pode ser estudado sem que o seu tempo faça parte do processo historiográfico, da mesma forma, que para o historiador “Nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento”. (BLOCH, 2001, p. 60). Foi então, que a partir dos devidos esclarecimentos, iniciei o processo de recorte da temporalidade do presente estudo.

Tendo sempre em mente que as experiências dos sebastas não poderiam ser compreendidas fora do tempo em que foram efetivadas, o recorte parte da década de 1960, período marcado pela constante presença de vendedores ambulantes espalhados pelas ruas da cidade, dentre elas, rua General Sampaio, rua Senador Pompeu, rua São Paulo, rua Guilherme Rocha, rua Floriano Peixoto, rua Liberato Barroso, etc. (LOPES, 2004).

As práticas desses vendedores mobilizavam as pessoas em direção a pontos específicos e davam significados a determinados lugares da cidade. Nessa época o comércio informal era tão intenso que mobilizou os governantes para uma reestruturação dos pontos de vendas na cidade, a fim de que se evitasse, dentre outras coisas, a clandestinidade de vendas (LOPES, 2004).

Em meio a variedade de produtos vendidos, sobretudo na rua Guilherme Rocha, conhecida como rua do Ouvidor, “havia tradicional venda e troca de revistas, livros e discos efetuadas por garotos, rapazolas e adultos.” (LOPES, 2004, p. 72). No turno da noite, as calçadas e batentes das casas comerciais eram utilizados por esses indivíduos para a venda de seus produtos, essa “prática de comércio alimentava uma verdadeira rede de articulação entre os consumidores dos artigos” (LOPES, 2004, p. 72).

“Comecei desse jeito! Aí, nessa época, [...] não tinha nenhum livreiro de livro usado aqui em Fortaleza.” (Geraldo Paulo Duarte, Fortaleza, 2 de agosto de

2012), diz Geraldo, considerado um dos sebistas mais antigos da cidade, participante do movimento do comércio ambulante na década de 60, que segundo ele, marcou o início da venda de livros usados na cidade. Junto a Idelmar, seu ajudante, afirma que iniciaram nesse mercado “já no finalzinho de 63, começando 64 [...] e na venda do meio da rua, eu fiquei até 75, aí saí da banca de revista e na banca de revista, eu fiquei até 82” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 4 de fevereiro de 2014).

Em depoimento, o sebista conhecido como Oliveira afirma que iniciou no mercado de livro usado no ano de 1962, vendendo livros na rua Floriano Peixoto. Ele afirma que quando começou havia mais “quinze vendedores” (**Oliveira**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014) de livros na mesma localidade.

Percebemos nas falas que há uma disputa pela memória entre os sebistas, sobretudo, acerca do início desse mercado na cidade. Embora elas pareçam contraditórias, visto que o Geraldo afirma que na época em que iniciou não havia nenhum livreiro de livro usado em Fortaleza, enquanto o outro sebista afirma que iniciou na venda ainda em 1962, percebemos que há uma sintonia quanto a década, o que nos faz supor que esse mercado de livro teve seus prenúncios no início da década de 1960, justificando assim, o nosso recorte inicial.

O recorte final da pesquisa, ano 2000, se justifica pela popularização da internet no Brasil no início desse ano, que faz surgir uma nova categoria de sebos.

Os anos 90 foram apenas de experimentos com a internet em nível brasileiro, pois, a Embratel⁴, primeira empresa que tentou fornecer o serviço de acesso à internet, só realizou seus primeiros experimentos em dezembro de 1994 com um pequeno número de usuários (CARVALHO, 2006) e a segunda metade dos anos 90 seguiu com novos experimentos até que a internet, de fato, se efetivasse no Brasil.

Assim, com a emergência e popularização da internet, bem como, a inserção da mesma no cotidiano dos brasileiros, surge outra categoria de sebos, hoje conhecidos, sebos virtuais. Dessa forma, compreendemos que a nova categoria é composta de práticas que, embora, se assemelhem em alguns aspectos às práticas tradicionais dos antigos sebistas, também possui suas características peculiares, que marcou, inclusive, o aparecimento de um novo grupo de clientes, que também possui suas especificações, portanto, merece um estudo diferenciado da presente pesquisa.

⁴ Empresa Brasileira de Telecomunicações.

Com o recorte temporal definido, iniciei o trabalho com todos ou, pelo menos, com os sebastas disponíveis a contribuir com a pesquisa, que atuaram dentro do período recortado. Através de entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos selecionados, coletamos o maior número possível de suas experiências narradas, realizando, às vezes, entrevistas mais de uma vez, na medida que a pesquisa requeria. Ao todo, trabalhamos com dez depoentes, escolhidos dentro dos critérios que estabelecemos na pesquisa, dentre eles, os relativos ao nosso recorte temporal.

Estivemos em campo diversas vezes, não somente, para a realização das entrevistas, mas também, para a observação do ambiente onde nossos sujeitos atuam, acreditando que a experiência dos sebastas, bem como, a dinâmica dos sebos se revelam tanto no momento que eles a rememoram, isto é, no período das entrevistas, quanto no próprio cotidiano onde estabelecem seu mercado.

Pudemos, assim, presenciar as relações comerciais estabelecidas por esses sujeitos, solidificando, dessa forma, nossos laços com os sebastas e enriquecendo nossa pesquisa com detalhes que, muitas vezes, fogem às entrevistas. As tais impressões e detalhes observados por nós estão registrados no diário de campo, considerado importante, sobretudo, como produto do trabalho de observação realizado.

Cabe-nos aqui dizer, que trabalhar com esses sujeitos foi um desafio, não somente pela falta de estudos desenvolvidos acerca dos mesmos, mas pela própria dificuldade que enfrentamos em estabelecer um relacionamento com eles que nos permitisse coletar o máximo de informações possíveis para o desenvolvimento da pesquisa. Justamente por isso, estivemos mais de uma vez com alguns deles.

As entrevistas, sempre realizadas no local de trabalho deles, entre uma venda e outra de algum livro, muitas vezes, não eram suficientes para captarmos suas memórias, de maneira que, tínhamos que passar boa parte do dia no seu sebo à espera de algum momento em que a entrevista pudesse ser realizada com um pouco mais de tranquilidade e concentração. Nesse meio tempo, observávamos a dinâmica daquele ambiente singular e registrávamos as devidas observações no diário de campo.

Sabemos, no entanto, que uma pesquisa científica também necessita da colaboração de teorias que nos ajudem a estudar o nosso objeto, seja com mais clareza, seja com mais rigor científico. Dessa forma, o aporte teórico que compôs o estudo teve como base cinco conceitos, a saber, *experiência, identidade, práticas, táticas e cidade*. Os referidos conceitos nos ajudaram a compreender os sujeitos da nossa pesquisa a partir de suas ações e experiências no mercado e ainda, contribuíram para examinar a

difusão e circulação dos objetos culturais, bem como, os sistemas que dão suporte a esse processo. Para isso, também fizemos uso de outros conceitos, para melhor direcionamento da pesquisa, como *cotidiano, representação e estratégias*, estes estão diluídos nas páginas que se seguem. Abordamos o estudo a partir da *História Cultural*, na medida em que esta nos permite dialogar com as Ciências Sociais, ciência importante para a compreensão de alguns aspectos da presente pesquisa.

Fora esta introdução, o estudo foi dividido em três capítulos, para melhor articulação e por sua vez, compreensão dos resultados. O primeiro é intitulado “*Entre os mais humildes comércios do mundo está o do livreiro.*”, nesse capítulo buscamos fazer um “passeio” pela história das livrarias do Brasil e também da cidade de Fortaleza, articulando com o surgimento dos sebos a partir das livrarias já existentes. Apresentamos também o universo dos sebos, seus sujeitos, vendedores, consumidores, fornecedores, bem como, seu produto comercial, preços e táticas de vendas. O aporte teórico principal desse capítulo consiste nos estudos de Márcia Cristina Delgado (1999), Rubens Borba de Moraes (1960), Thais Sena Schettino (2009), Laurence Hallewell (1985), Antonio Carlos Secchin (1996) e Edward P. Thompson (1981).

No segundo capítulo, intitulado “*O sebista e a questão da Identidade*”, discutimos como a experiência dos nossos sebistas permite que ele construa a si mesmo dentro do contexto que ele atua, estabelecendo assim sua identidade individual e coletiva. Tendo como principais teóricos Zigmunt Bauman (2012), Joel Candau (2011), Stuart Hall (2011), Henry Rousso (2006), Tomaz Tadeu da Silva (2012), Kathryn Woodward (2012) e Roger Chartier (1990;1991), construímos nosso debate em torno da temática da *Identidade* e outros conceitos ligados a esta.

Por fim, o terceiro e último capítulo, cujo título é “*A Fortaleza dos sebistas*”, tem como proposta de discussão pensar a cidade não a partir de quem a planeja, mas de quem a pratica, no caso, a partir dos sebistas, ressaltando, inclusive, o deslocamento dos mesmos entre ruas, avenidas e espaços da cidade, observando de que forma as práticas desses sujeitos interferem na dinâmica da cidade e vice-versa. Dentre os principais teóricos utilizados nesse capítulo estão Michel de Certeau (2014), Sandra Jatahy Pesavento (2015), Vânia Lúcia Silva Lopes (2004) e Larrosa Jorge Bondía (2015), que nos ajudam nas discussões de *cidade e experiência*.

Depois da aventura entre os sebos de Fortaleza e tantos outros que, através das minhas leituras se fizeram conhecidos, volto à pergunta que antecedeu a essa viagem épica: “Que lugar é esse?”.

Temo que as palavras sejam injustas ao descrevê-lo, mas me recordo das de um velho amigo chamado Carlos Drummond de Andrade que definiu o sebo como “ninho de surpresas”⁵, o lugar onde “no mar de obras condenadas ao esquecimento, pesca-se às vezes o livrinho raro”⁶, não necessariamente raro de todo, mas aquele que “nos pede para tirá-lo dali, pois está ligado a circunstâncias de nossa vida”⁷, como um livro perdido na infância, ou cuja a promessa de nos ser presenteado foi quebrada, ou ainda porque o poema, apenas um, tocou o nosso coração. São esses e outros livros que nos leva a uma verdadeira “operação de resgate a que procedemos com alguma ternura”⁸.

Ao adentrar no sebo do início da nossa conversa, eu tive a leve sensação de que, a qualquer momento, um daqueles livros gritaria meu nome, saltaria da estante e me contaria sua história, pois os livros também tem uma história. Suas marcas nas folhas, na lombada, na capa nos diz algo sobre os caminhos por onde ele andou. As dedicatórias nos contam um pouco sobre as mãos que os tocaram e os possuíram, os objetos esquecidos em seu corpo, as fotografias, as cartas de amor, os bilhetes, os “santinhos”, reaparecem entre as mãos dos “garimpadores”, como lembranças de uma história esquecida entre as estantes dos sebos à espera de alguém que a recrie ou, simplesmente, imagine-a.

Eu aceitei o desafio. Agora estou sentada no chão de um sebo, o lócus, no qual tudo começou, entre estantes e mais estantes de livros, de todos os tipos, tamanhos e cores, mas tenho apenas um em minhas pernas. Ao trazê-lo aqui, na placenta, onde ele recebeu o aconchego e os nutrientes necessários para o seu crescimento, eu “[Criei] as mais falsas dificuldades para [essa] coisa clandestina que [é] a felicidade. [Há] orgulho e pudor em mim”⁹. “Com o livro aberto em meu colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo”¹⁰, eu leio seu título: ‘Os livros eram vendidos “no grito mermo”: experiências dos sebastas da cidade de Fortaleza (1960-2000)’. E o convido à desfrutar de uma boa leitura.

⁵ Texto de Carlos Drummond de Andrade disponível em <
<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/prosa5.htm>>. Acesso em 12 fev. 2014

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem.

⁹ Adaptação do conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector, 1998. Por Aryanna Amorim, 2014.

¹⁰ Ibidem.

2 “ENTRE OS MAIS HUMILDES COMÉRCIOS DO MUNDO ESTÁ O DO LIVREIRO”¹¹

Entre os mais humildes comércios do mundo está o do livreiro. [...] o livreiro vende o artigo mais difícil de vender-se. Qualquer outro lhe daria maiores lucros; ele o sabe e heroicamente permanece livreiro.¹²

Monteiro Lobato

No trecho escrito acima e, de maneira mais profunda em todo o texto intitulado “O Livreiro”, Monteiro Lobato destaca o papel do livreiro na sociedade como um comerciante cuja sua mercadoria é a base da civilização, mercadoria esta, responsável por fixar a experiência humana. O livro, apresentado pelo autor, toma, no texto mencionado, a sua forma simbólica essencial, a de um elemento vital para a sobrevivência espiritual do homem civilizado, dando ao livreiro o posto de detentor da “lâmpada que arde, perpetua, a trêmula chamazinha da cultura”.¹³

O escritor atenta ainda para a dificuldade que acompanha a profissão do livreiro, justificando-a pela sua própria mercadoria, visto não ser o livro um objeto facilmente vendável, principalmente, em um país cuja prática da leitura ainda não passa de propagandas de incentivo a mesma, muitas vezes ineficazes. Mesmo assim, com todas as dificuldades, ele permanece livreiro.

É interessante pensar o texto de Monteiro Lobato, sobretudo, porque este não foi apenas um escritor no cenário brasileiro, mas foi ainda um empreendedor, alguém que se dedicou não somente a construção literária, mas estava muito mais envolvido com a produção editorial brasileira do que somente com a escrita, na condição de editor, impressor e vendedor de livro.

Lobato “ocupou o lugar de pioneiro ao pensar na construção das bases de um mercado de livros nos moldes capitalistas, uma instância que precisava ser organizada e ter, como premissa, práticas burocrático-rationais de trabalho.” (SCHETTINO, 2012, p. 513). Em um contexto de poucos leitores no país e baixa produção editorial, o escritor investia em uma nova dinâmica que daria aos livreiros um posto heróico de promotor de cultura graças à sua “generosa abnegação”¹⁴.

¹¹ Extraído do site da Associação Nacional de Livrarias. Disponível em < <http://anl.org.br/web/> > Acesso em 25 de março de 2014.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

Ali nos anos de 1920 e 1930 o negócio do livro era não somente um desafio como apresentado no texto citado de Lobato, mas também uma novidade mercadológica, visto, não somente, as peculiaridades da mercadoria, mas também dos clientes.

Dessa forma, temos no texto de Monteiro Lobato não somente a poesia do escritor, o romantismo da escrita, mas alguém que viveu efetivamente o comércio livreiro em um ambiente hostil, limitado pela escassez das vendas e, possivelmente, pela inexperiência dos livreiros ainda emergentes. Assim, diante dos caminhos ainda nebulosos da produção e da distribuição de livros, Lobato dá ênfase àquele que se aventura nesse novo mercado, o livreiro.

Entendendo que não há livreiro sem o mercado de livros, propomos como objetivo principal desse capítulo, primeiramente, fazer um breve passeio pela história das livrarias no Brasil, a fim de compreender a emergência das livrarias de livros usados e, posteriormente, desmembrar este mercado, quanto à identificação dos seus agentes, à sua dinâmica, às suas práticas e à sua mercadoria, a fim de que tenhamos um panorama do ambiente onde nossos sujeitos atuam. Em outras palavras, o objetivo desse capítulo pode ser expresso na seguinte questão: De onde emergiram as livrarias de livros usados e quem são os agentes dinamizadores desse mercado, bem como, sua mercadoria e suas práticas sociais e culturais?

No primeiro tópico exploramos a bibliografia que tivemos acesso quanto à história das livrarias e sebos aqui no Brasil, trazendo, ainda que de maneira breve e sucinta, as investigações e estudos de autores como Rubens Borba de Moraes, Thais Sena Schettino (2009), Laurence Hallewell (1985) e Márcia Cristina Delgado (1999). Ainda nesse tópico, trazemos algumas definições da pesquisa, sobretudo, quanto aos termos “sebos” e sebistas”, necessários para o desenvolvimento e compreensão do trabalho.

No segundo tópico, intitulado “*Sebo: a novidade no velho*”, nos dedicamos a adentrar o universo dos sebos. Aqui fazemos um pequeno “passeio” pelos sebos existentes no Brasil, que já foram catalogados, por Márcia Cristina Delgado e Antonio Carlos Secchin, este responsável pela criação do *Guia dos Sebos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo*.

O terceiro tópico, “*O mercado de livro usado em Fortaleza: das calçadas aos prédios do centro*”, possui ainda um subtópico intitulado “*Eu comecei por necessidade*”: a ocasião faz o sebista”, esses tópicos iniciam nossa discussão sobre os

sebos da cidade de Fortaleza, identificando os sujeitos da nossa pesquisa e fazendo as devidas justificativas de seleção dos sevistas e dos sebos que compõem a pesquisa. Nesses tópicos iniciamos a análise das questões mais profundas do capítulo.

2.1 “ONDE HÁ MUITA LIVRARIA, HÁ SEBO”¹⁵: ENTRE LIVRARIAS E LIVREIROS DO BRASIL

Segundo Delgado (1999, p. 30) “a presença de livros no Brasil remonta ao século XVI”. De teor predominantemente religioso, os livros foram trazidos pelos jesuítas para subsidiar os estudos nos colégios, construindo, no decorrer do tempo, bibliotecas como a de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. Então, com a expulsão dos jesuítas do Brasil, o acervo bibliográfico dessas bibliotecas se perdeu. “Poucas são as informações sobre os livros existentes nas mãos de particulares nos séculos XVI e XVII” (idem, p. 31).

Existiam ainda acervos bibliográficos importantes nos conventos beneditinos e franciscanos na colônia, bem como, nas bibliotecas dos clérigos inconfidentes, estas, compostas por acervos numéricos quanto a obras profanas e livros proibidos, como obras de Anacronte, Catulo, Sêneca, Virgílio, Descartes, Diderot, Montesquieu, Voltaire, dentre outros. (DELGADO, 1999). No século XVI as obras censuradas entravam na colônia por vias do contrabando, pois o conteúdo das referidas obras questionavam o poder da igreja e do Rei. Assim, a “circulação legal de livros era responsável apenas por parte do comércio livreiro”. (idem, p. 32).

Quanto à presença de livrarias e livreiros no Brasil, historiadores, baseados em informações contidas nas obras de viajantes estrangeiros visitantes do Brasil nos fins do século XVIII, dizem que as livrarias no País eram quase inexistentes (MORAES, 1960, p. 39) e que um homem por quem era conhecido de Lord Macartney, que esteve no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, em 1793, menciona uma única livraria que se ocupava da venda de livros religiosos e de medicina.

¹⁵ MORAES, Rubens Borba de. Conversa de porta de livraria. In: **Catálogo 205 da Livraria Kosmos, raridades para bibliófilos, assuntos fora do comum do século XV ao XIX**. Rio de Janeiro, 1960. p. 1-4.

Mesmo com as informações acima acerca da existência de alguns lugares, sobretudo, de bibliotecas em tempos coloniais no Brasil, onde era “possível” se encontrar livros, “estamos mal-informados sobre a maneira usada na Colônia para a aquisição de livros. Sobre livrarias os dados são escassos.” (MORAES, 1960, p. 39). Ainda segundo Moraes (1960) os Almanques do Rio de Janeiro dos anos de 1792 e 1794, feitos por Antônio Duarte Nunes, menciona apenas uma livraria existente e em 1799 passou a existir duas livrarias. Uma quantidade irrisória.

Conforme Delgado (1999), no século XVIII no Brasil talvez fosse mais apropriado falar em “casas de comércio” do que em livrarias, pois as livrarias existentes vendiam livros juntamente com outras mercadorias, não sendo especializadas unicamente na venda de livros.

Com a criação da Imprensa Régia em 1808, houve um crescimento significativo no número de tipografias no País, dentre elas: a tipografia Plancher-Seignot; Imprimerie de Gueffier & Cie.; a Typ. Imp. E Constitucional de J. Villeneuve & Comp., dentre outras tipografias francesas; a Typ. Americana de Justiniano José da Rocha e a Typ. Brasileira de Maximiano Gomes Ribeiro, dentre outras (DELGADO, 1999).

No século XIX, a editora do livreiro português Manuel Antônio da Silva Serva se estabeleceu na Bahia e outras tipografias se estabeleceram também em Minas Gerais, como a do José Maria Corrêa e Belarmino de Mattos. Assim, ocorreram também mudanças no comércio de livros no Rio de Janeiro e os registros, cada vez maiores, do número de lugares onde se vendia livros (DELGADO, 1999).

No século XIX era muito comum a comercialização de livros juntamente com outros produtos. Assim, em 1821, na cidade do Rio de Janeiro, já havia 16 livrarias, em 1850, 15 livrarias e 47 no ano de 1900. Sendo que dessas 47 livrarias, 5 eram “sebos”¹⁶. (DELGADO, 1999)

Segundo Schettino (2009, p.4), o “surgimento e desenvolvimento do comércio livreiro esteve sempre ligado ao da editoração”, visto que, “eram os livreiros que imprimiam os jornais, folhetos e livros” que eram vendidos em seus estabelecimentos”. Assim, entende-se que cabia ao livreiro produzir seus próprios produtos de venda, selecionando as obras originais e imprimindo em gráficas próprias ou por encomenda. (SCHETTINO, 2009).

¹⁶ Livraria de livros usados ou de segunda-mão.

Durante um tempo construiu-se a imagem do livreiro sempre atrelada a imagem do editor e essa relação só se desfez em meados dos anos de 1970 e 1980, quando grupos construíram livrarias dedicadas exclusivamente à produção, investindo no segmento editorial (HALLEWELL, 1985).

O comércio de livros no século XIX predominou, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, que atraía os intelectuais de todo o país. Somente no século seguinte é que o mercado brasileiro de livros se firma em outros lugares do Brasil. Devido a uma indústria de papel deficiente e à escassez de equipamentos gráficos adequados, a produção editorial que estava concentrada no Rio de Janeiro desloca-se para, dentre outros locais, a cidade de São Paulo. (DELGADO, 1999).

Um dos nomes mais importantes no cenário editorial de São Paulo, já no ano de 1920, é Monteiro Lobato, empresário, escritor e editor, lançando autores e pagando “direitos autorais dignos, numa época em que isso praticamente inexistia” (DELGADO, 1999, p. 39) e ainda, inovando nas estratégias de divulgação e distribuição de livros.

Assim, o século XX é marcado por um aumento, cada vez maior, de editoras no Brasil, e nesse momento, o acesso ao livro e o fluxo de leituras se tornava mais intenso. Pelo exposto, acreditamos que no século XX já era possível ter acesso ao livro por meio de várias livrarias e também através de “sebos”, ou seja, pelas mãos de vários livreiros em espaços variados.

Como dito anteriormente, no início do século XX, mais especificamente no ano de 1900, existiam 47 livrarias na cidade do Rio de Janeiro, sendo que 5 eram “sebos”, que segundo Moraes (1960) “é ao lado desses livreiros e editores que aparece o comércio de livros usados”, pois, “onde há muita livraria, há sebo” (p. 2).

O que vem então a ser esse mercado que nasce, possivelmente, com o surgimento das livrarias no País? O que são os sebos?

Segundo o *Dicionário eletrônico Priberam da Língua Portuguesa* (2012), “sebo” significa casa de alfarrabista, que, por sua vez, de acordo com o *Dicionário Houaiss* (2009) significa que ou quem coleciona, lê ou consulta livro antigo. Conforme o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010), “sebo” significa livraria onde se vendem livros usados. Conta-se que o nome sebo vem do tempo em que não havia energia elétrica e as pessoas liam a luz de velas, sujando e engordurando os livros, surgindo assim os termos “ensebado” e “sebento” (DELGADO, 1999).

Sebo é o nome como ficaram conhecidas no Brasil as livrarias que vendem livros usados e raros, bem como, DVDs e CDs usados, porém, esse sebo ultrapassa uma definição simplória do que realmente são essas livrarias, definição esta que trataremos adiante.

Segundo Alexandre Obelins, livreiro paulista citado por Delgado (1999, p. 50), “Foi no Rio de Janeiro que surgiram as primeiras casas de comercialização de livros de segunda mão.”, e conforme Moraes (1960) os sebos estavam dominados, possivelmente, pelos portugueses, assim como, “todo o pequeno comércio carioca” (p. 2). Em 1875 “das 23 livrarias existentes no Rio de Janeiro [...], 8 eram sebos” (DELGADO, 1999, p. 54).

Os sebos tem oferecido aos amantes do livro não apenas a aquisição de livros raros e antigos, mas também, o acesso ao livro por um preço acessível, bem diferente dos altos preços das livrarias que vendem livros novos. Conforme Delgado nos diz:

A importância dos sebos está no fato de serem espaços que, além de possibilitarem um preço mais acessível para o livro, permitem que se encontrem ali edições esgotadas, já fora de circulação do mercado, bem como livros raros e coleções valiosas. Os sebos permitem, ainda, outras formas de negociação que as livrarias de livros novos não utilizam, como troca e compra de livros. (1999, p. 53)

O mundo dos sebos envolve uma grande complexidade, visto que o entendimento acerca do que seja um sebo ultrapassa a definição de um edifício com livros de segunda mão para serem vendidos.

Segundo Brito, citado por Delgado (1999, p. 50), o termo sebo é uma “forma vulgarizada para designar livraria onde se vendem livros usados e raros”, mas “o local pode ser também uma banca de jornal ou, simplesmente, um calçadão”, bem como, vendedores ambulantes de livros em calçadas. Assim, para Brito, inexiste na língua portuguesa uma palavra que defina com propriedade o que seja uma livraria de livros usados, “O que interessa é que tenha o livro usado e que esteja mais acessível, à disposição do estudante e dos pesquisadores.” (idem, p. 51).

Como parte da complexidade do universo dos sebos podemos citar a existência de uma significativa variedade entre os sebistas, dentre eles estão os sebistas proprietários, isto é, os que possuem seu próprio sebo; os que vendem livros usados nas

ruas e praças públicas; os que são vendedores ambulantes e até sebistas que vendem para outros sebistas.

O nome “sebo”, bem como, o nome “sebista”, não é consenso dentro do mercado de livros usados, pois devido à alusão pejorativa do termo, que nos remete também ao termo “seboso” que, por sua vez, transmite uma ideia negativa, “muitos são os livreiros que não gostam de ser chamados de sebistas” (DELGADO, 1999, p. 51), preferindo que os chamem de “livreiros”, porém não são todos, como é o caso do sebista de Fortaleza, Hosano:

Aliás, eu tinha até um cartão meu de apresentação que tinha ‘Sebo o Hosano’, mas esse cartão eu tirei ele, faz tempo, antes de eu ter a livraria própria, né. Era um quiosquim pequeninim que eu vendia mais livro usado, livro antigo, raridade, essas coisas assim. Aí eu adotei o nome de sebo. (Hosano Lopes, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014)

Como citamos anteriormente, a variedade de tipos de sebista também demonstra a complexidade que envolve o universo dos sebos. Sendo assim, a temática carece de esclarecimentos que fujam dos estereótipos construídos ao longo do tempo acerca desse mercado conhecido como a venda de livros usados, esclarecimentos estes, que perpassem, não somente o ambiente peculiar dos sebos, mas também as singularidades dos sebistas. Para isso gostaríamos de optar por algumas definições, para melhor compreendermos a temática.

Certa vez, entramos em contato com um sebista da cidade de Fortaleza e perguntamos se ele era proprietário de um estabelecimento cujo primeiro andar do edifício era uma livraria e o segundo era um sebo, para nossa surpresa, o senhor do outro lado da linha respondeu, com uma voz forte e defensiva, da seguinte forma: “sebo é um tipo de livraria, só que de livros usados” (**Diário de campo**, Fortaleza, 2012), resposta que demonstrou antipatia por termos diferenciado a livraria do sebo. Percebemos então que possivelmente esse era um dos sebistas que não adotava o nome “sebo” para sua livraria de livros usados.

De fato, e como já definido antes, o sebo é uma livraria, porém de livros usados. Mas para diferenciarmos das livrarias convencionais, isto é, das livrarias que vendem somente livros novos, chamaremos, nesta pesquisa, as livrarias de livros usados de “sebos”, pois foi como as mesmas ficaram conhecidas no Brasil. Assim, quando usarmos o termo “livraria” estaremos nos referindo as livrarias de livros novos, e por sua vez, o termo “sebo” para as livrarias de livros usados.

Na presente pesquisa, compreendemos como sebo toda e qualquer manifestação de venda de livros usados e não somente as que ocorrem no interior de um edifício, adotando a definição de Britto citado por Delgado (1999) na qual considera como sebo desde antiquários¹⁷ até vendedores ambulantes de livros nas calçadas, pois estes “diferem na estrutura, mas se vendem livros usados, então é um sebo.” (DELGADO, 1999, p, 50).

Assim como compreendemos que os sebos são livrarias, também entendemos que os sebistas são livreiros, porém para os diferenciarmos dos livreiros que vendem apenas livros novos, os chamaremos na presente pesquisa de “sebistas”.

Consideramos como sebista, desde o vendedor que possui seu próprio estabelecimento até o vendedor ambulante de livros, compreendendo os sebistas que vendem para outros sebistas e os que vendem em ruas, praças e qualquer outra variedade.

Devido à complexidade do universo dos sebos, envolta, sobretudo, pela variedade desse mercado e de seus sujeitos, optamos por fazer esses esclarecimentos tanto para orientar o leitor, quanto para dar um teor mais didático a nossa temática, ressaltando e respeitando as preferências de cada sebista quanto aos termos a ele direcionados, pois acreditamos que os termos pelos quais esses sujeitos são conhecidos e optam também refletem uma identidade construída ao longo de suas experiências e práticas.

Fizemos essa diferenciação, também, seguindo a Classificação Brasileira de Ocupações¹⁸, que diferencia o livreiro do alfarrabista¹⁹. Como a referida classificação os coloca como comerciantes com códigos diferentes e é de nosso interesse explorar o contexto comercial desses sujeitos, acreditamos que ficará mais claro para o leitor com as devidas definições.

2.2 SEBO: A NOVIDADE NO VELHO

Ao longo do tempo a imagem construída dos sebos sempre compôs uma imagem negativa de um lugar sujo, desorganizado, empoeirado e por vezes inacessível

¹⁷ Local onde se comercializam antiguidades.

¹⁸Disponível em < <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>> Acesso em 25 de março, 2014.

¹⁹ Sebista.

por ser, na maioria das vezes, um ambiente diferente dos demais espaços que vendem livros. Até hoje, os próprios sebastas são vistos como homens sujos, que não se importam com a organização de suas lojas, como exposto anteriormente, o próprio nome “sebista” acarretou ao longo da história desses profissionais um peso negativo.²⁰

Porém, a complexidade envolta do mundo dos sebos nos mostra que essa realidade não se aplica a todos os sebos, pois há, no cenário brasileiro, sebos que se diferenciam entre si, sobretudo, devido seus espaços, existindo desde sebos arrojados, bem ventilados, com música ambiente, até espaços minúsculos, pouco ventilados e um tanto empoeirados.

Um exemplo de sebo considerado “de qualidade” no Brasil é a Livraria Kosmos Editora Ltda²¹, localizada no Rio de Janeiro, uma das livrarias mais tradicionais da cidade. A Kosmos, fundada em 1935, inovou no comércio livreiro por ser uma livraria que passou a vender, paralelamente ao livro novo, o livro antigo e raro, estando no 3º andar, os livros usados em geral, no 2º, as obras raras e no 1º, os livros novos. (SANTOS, 1991). Segundo Santos (1991), mesmo que de maneira irregular, a Kosmos realiza uma catalogação do seu acervo.

Outro sebo “de qualidade” no Rio de Janeiro é o Berinjela Outros Livros Ltda²², fundado em 1994, com um espaço aconchegante, segundo Secchin (1996), e ainda, outro exemplo de sebo carioca considerado “de qualidade” é a Livraria Dantes Ltda²³, fundado em 1994, comparado aos sebos londrinos, exemplarmente organizado e classificado.

Acreditamos que como o Rio de Janeiro, outros lugares do Brasil, por exemplo, São Paulo, possuem sebos tão sofisticados quanto os da Cidade Maravilhosa, pois “se foi o Rio de Janeiro do século passado que os sebos surgiram, é na contemporaneidade cosmopolita de São Paulo que se concentra o maior número de sebos do país” (DELGADO, 1999).

Além dos sofisticados, acreditamos que o maior número de sebos sejam os conhecidos sebos “populares”, caracterizados pelo acervo diversificado e com o preço acessível, a fim de que a mercadoria circule. Esses sebos, na maioria das vezes,

²⁰ Essa visão negativa acerca dos sebastas foi tema explorado no meu estudo, onde trabalhei não somente com alguns sebastas de Fortaleza, mas também com alguns clientes de sebos que citaram a falta de organização dos sebos como um elemento negativo para imagem dessas livrarias e dos sebastas. (AMORIM, 2012).

²¹ Rua do Rosário, 155 – Rio de Janeiro – CEP: 20041-005. Email: livrorio@kosmos.com.br

²² Avenida Rio Branco, 185, subsolo, loja 10 – Rio de Janeiro – CEP: 20040-000. Email: berinjela@brfree.com.br

²³ Rua Dias Ferreira, 45-B – Rio de Janeiro – CEP: 22431-050. Email: dantes@plugue.com.br

possuem um aspecto mais “desorganizado” e são, geralmente, parecidos com os sebos mais tradicionais onde “o freguês tinha que remexer, que ‘fuçar’ para encontrar o que lhe convinha” (MORAES, 1960, p. 1-4). Os sebastas desse tipo de sebo dificilmente fazem uma catalogação do acervo, devido à dinâmica e à rotatividade das mercadorias, mas acreditamos que sejam esses os sebos mais conhecidos das pessoas.

Apesar da preferência de alguns por sebos mais sofisticados e, muitas vezes, possuidores da opinião de que os sebos com características mais tradicionais, como os descritos acima, acabam por restringir sua clientela por muitos não frequentarem seus espaços devido à falta de organização e aspectos higiênicos do local, há quem compartilhe da opinião de que são exatamente essas características que dão peculiaridades aos sebos, que os diferenciem das demais livrarias, considerando até uma necessidade tais aspectos. Conforme Mansur (2007, p.5)²⁴,

o bom sebo não pode ter muita luz, tem que ser um pouco na penumbra. Também não pode ser muito limpo, bastando um espanadorzinho de vez em quando, para não sufocar os alérgicos. Também não devem ser muito espaçosos, as pilhas de livros precisam formar corredores e esquinas estreitos, fazendo com que o leitor se sinta literalmente (ou literariamente) cercado por livros.

Enquanto algumas pessoas não frequentam esse tipo de loja por acharem que as condições em que as mesmas se apresentam não são atrativas, existem outros que não se incomodam com a disposição das mercadorias, o que demonstra a divisão de opiniões acerca desse tipo de estabelecimento (AMORIM, 2012). Segundo Antunes (2010),

para muitos o acervo dos verdadeiros sebos deve ser desorganizado ou sem qualquer tipo aparente de organização. Dessa forma os clientes podem garimpar preciosidades em meio a grandes pilhas de materiais e encontrar de formas totalmente inesperadas aquilo que há muito tempo procuravam. (p. 44)

Percebe-se nesse tipo de livraria que o cliente possui uma liberdade maior para passear entre as prateleiras, sem que tenha um vendedor o tempo todo a sua disposição a fim de procurar o livro de seu interesse, o sebo dá ao cliente uma sensação de liberdade para olhar, ‘fuçar’ e garimpar, diferentemente das livrarias convencionais,

²⁴ Disponível em <<http://oglobo.globo.com/blogs/paralelos/posts/2007/09/25/exaltacao-aos-sebos-74739.asp>> Acesso em 25 de março de 2014.

sempre organizadas, com as mercadorias bem dispostas. Acreditamos que essa “desorganização” tem um *porquê*.

Seriam aspectos de organização ou desorganização, bem como, o cheiro forte das obras de segunda-mão e antigas, questões identitárias dos sebos ou pura negligência de seus administradores? Vejamos o que Moraes (1960, p. 1-4) diz acerca dos sebos das primeiras décadas do século XX:

O comércio de livros usados era primitivo, vivia isolado do mundo. A própria instalação, a apresentação da mercadoria, era rudimentar. Os livros estavam misturados nas estantes e espalhados aos montes pelo chão. Os Sebos mais progressistas faziam uma classificação rudimentar: Direito, Literatura, Livros Escolares...Muito dono de Sebo mas sabia o que tinha. [...]. Era uma tradição dos Sebos deixar os livros em desordem para dar ao freguês o gosto de remexer e a ilusão de descobrir. [...]. Mas quanta poeira se engolia, quanta dor nos joelhos de passar horas agachado, fuçando as prateleiras baixas!

Pelo exposto, percebemos que os aspectos, já mencionados no texto, acompanham os sebos há muito tempo, contendo características que tornam esses espaços peculiares. Percebemos ainda, que mesmo com algumas rupturas, mudanças nas formas de apresentação dos sebos, existem algumas permanências, dando a esse mercado a variedade que existe hoje e ainda, aspectos que os diferenciam em meio a um mercado editorial estabilizado. Acreditamos assim, que a desorganização associada a esse tipo de livraria, não é um aspecto meramente administrativo, mas de identidade.

Percebemos que a má disposição dos livros, bem como, a não catalogação do acervo, nos diz mais sobre um mercado diferenciado com normas próprias, com uma lógica interna de funcionamento, que perpassa desde a disposição dos livros na estante, até o ato da compra da mercadoria, do que sobre problemas administrativos desses espaços e questões higiênicas por parte dos sebilistas.

A importância dos sebos está no seu papel em meio a um mercado editorial já consolidado. Ao pensarmos no nascimento dos sebos como um mercado que surge paralelamente à difusão das livrarias no Brasil, pensamos em um comércio que ramificou o mercado editorial, oferecendo opções ao consumidor de livros. Assim, os sujeitos envolvidos nessa nova perspectiva de vender livros são responsáveis por inaugurarem uma proposta de mercado que, talvez sem saberem ou perceberem a dimensão de seu ofício, proporcionaria ao consumidor novas possibilidades de aquisição de livros.

Pensar nesses sujeitos é pensar em indivíduos que tiveram uma percepção além do imaginável, que em meio a um mercado editorial já consolidado, dão um novo sentido a esse mercado, olhando-o com outros olhos, percebendo nele uma possibilidade profissional e resignificando o que já existia. Os sevistas são nada mais, nada menos, que sujeitos que se apropriaram do já existente mercado editorial, aproveitaram o que para esse mercado não importava mais, como obras antigas, edições substituídas e deram a elas um novo tratamento, agregando valor e disponibilizando novamente ao consumidor. Esses sujeitos fizeram ainda mais, reaproveitando o que para os consumidores não importava mais, como obras já lidas em seus acervos e tornaram-nas passíveis de compra, venda e troca entre outros consumidores, proporcionando “a novidade no velho”. São esses os sujeitos que nos interessam por terem resignificado sua realidade dando a ela nova perspectiva.

2.3 O MERCADO DE LIVRO USADO EM FORTALEZA: DAS CALÇADAS AOS PRÉDIOS DO CENTRO

Nossa pesquisa tem como espaço a cidade de Fortaleza, especialmente o Centro da Cidade, “bairro histórico de forte dinamismo comercial” (SILVA et al, 2010, p.1), outrora, habitado por elites de Fortaleza, e ainda hoje, muito importante para expansão da economia da Cidade, sobretudo, para as famílias menos abastardas de Fortaleza, o Centro da Cidade funciona como cenário para compras de produtos por preços mais acessíveis e foi nesse cenário que encontramos nossos sujeitos.

Antes de adentrarmos o espaço da pesquisa, gostaríamos de expor de que maneira selecionamos nossos sujeitos, bem como, algumas informações acerca deles e de seus sebos, para proporcionarmos ao leitor uma visão geral dos mesmos e dos procedimentos de seleção da pesquisa. Advertimos, porém, que as informações acerca da trajetória profissional dos nossos sujeitos estão diluídas nas páginas que se seguem, costurando o desenvolvimento do texto, estando nesse primeiro momento apenas informações mais pontuais sobre eles.

2.3.1 Dos sebos e dos sevistas

O primeiro critério de seleção dos sujeitos foi a busca por sebistas ativos entre o ano de 1960 e o ano 2000. Buscamos esses sujeitos, sobretudo, porque foram eles que vivenciaram o período em que o mercado de livros usados passou a ganhar força em Fortaleza, a saber, década de 60, continuando a ser visto pelas décadas que se seguiram até o ano 2000, quando surgem novas possibilidades de ter acesso a livros usados, por exemplo, através das compras em sebos virtuais.

Esse tipo de mercado ainda pode ser visto atualmente, mas veremos nas páginas seguintes que a emergência da internet trouxe grandes transformações, inclusive o surgimento de novos e a adaptação dos antigos sebistas. Dessa forma, optamos por trabalhar com os sebistas ativos antes do surgimento das compras virtuais, a fim de compreendermos como esse mercado era efetivado nos seus primórdios.

Trabalhar com sebistas que atuaram no recorte selecionado também nos ajudou a perceber as transformações ocorridas ao longo do tempo, inclusive, como esse mercado se apresenta hoje. Assim, a partir desse critério, nos dedicamos a procurar pelas ruas de Fortaleza, onde esses sujeitos estariam.

O primeiro sebista que encontramos foi o Geraldo²⁵, através dele conseguimos encontrar outros, a saber: o sebista Assis²⁶, o Nazareno²⁷, o Magela²⁸, o Richard²⁹, o João³⁰ e o ex-sebista Idelmar³¹. Alguns deles, sobretudo, o Geraldo e o Richard, nós já havíamos estabelecido contato desde a graduação, quando iniciamos a pesquisa com o mercado de livro usado. Os demais como o sebista Antônio³², o Hosano³³ e o Oliveira³⁴, encontramos através dos contatos estreitados com os já conhecidos sebistas. Dessa forma, o universo dos nossos entrevistados é de dez sujeitos³⁵.

Acreditamos que possam existir outros sebistas que estariam dentro do nosso universo, embora não houvésssemos encontrado mais nenhum até a conclusão da

²⁵ Geraldo Paulo Duarte, 73 anos. Sebista.

²⁶ Francisco de Assis Ferreira Santos, 62 anos. Sebista.

²⁷ José Nazareno Silva de Oliveira, 65 anos. Sebista.

²⁸ Geraldo Magela Lins Guedes, 65 anos. Sebista.

²⁹ Richard Chamberlain de Andrade, 45 anos. Ex-sebista.

³⁰ Nome fictício. Devido a um processo encaminhado à Justiça Brasileira o sebista pediu sigilo de sua identidade.

³¹ Idelmar Cunha, 69 anos. Ex-sebista.

³² Antônio, 63 anos. Sebista.

³³ Hosano Lopes, 49 anos. Sebista.

³⁴ Oliveira, 68 anos. Ex-sebista.

³⁵ Alertamos que um, dentre os dez sujeitos que entrevistamos pediu que sua identidade fosse guardada, inclusive, o nome do seu sebo e sua localização, devido a um processo que ainda estar correndo na justiça, falou conosco em sigilo. Respeitando seu pedido, demos à ele o nome fictício de João.

pesquisa. Sendo assim, não queremos com a referida seleção esgotar a quantidade de sevistas ativos entre 1960 e 2000. A seleção foi feita para viabilizar a pesquisa e nos permitir ter um universo mínimo de entrevistados para o desenvolvimento do trabalho.

Para melhor visualizarmos construímos um quadro que organiza os sevistas e seus respectivos sebos. Lembrando que na presente pesquisa consideramos como sebo qualquer manifestação de venda de livro usado, e não somente as que ocorrem dentro de lojas e prédios.

SEBISTA	SEBO	LOCALIZAÇÃO NA CIDADE, ATUALMENTE
Geraldo Paulo Duarte, 73 anos	Foi vendedor ambulante na rua Guilherme Rocha. Hoje possui um sebo chamado Sebo “O Geraldo”	Rua 24 de maio, 950 - Centro
Francisco Assis Ferreira Santos, 62 anos	Foi vendedor ambulante na rua Guilherme Rocha. Hoje possui um sebo chamado Espaço do livro “O Assis”	Rua 24 de maio, 865 – Centro
Geraldo Magela Lins Guedes, 65 anos	Ex-dono de um sebo em um prédio na rua Duque de Caxias. Hoje possui um sebo chamado Livraria Ciência e Cultura	Rua Major Facundo, 954 – Centro
Hosano Lopes, 49 anos	Foi vendedor ambulante na rua Guilherme Rocha. Hoje possui um sebo chamado Livraria e Papelaria Luíza, antiga “Hosano Livros”	Rua General Bezerril, 444 – Centro. (Praça dos Leões)

José Nazareno Silva de Oliveira, 65 anos	Foi vendedor ambulante na rua Floriano Peixoto. Ex- dono do sebo “Cantinho do Livro”, localizado na rua General Sampaio, 1375 – Centro	Hoje é vendedor ambulante, podendo ser encontrado na rua Duque de Caxias, 1700 – Centro
Richard Chamberlain de Andrade, 45 anos (Ex- sebista)	Casa dos Livros (Fechou no ano de 2013)	-
Antonio Vieira Alves, 63 anos	Foi vendedor ambulante na rua Floriano Peixoto. Hoje possui um stand	Praça dos Leões
Oliveira, 68 anos (Ex – sebista)	Vendedor ambulante na rua Floriano Peixoto. Vendia na calçada da extinta Livraria Colegial.	-
João (identidade resguardada)	-	-
Idelmar Cunha, 69 anos (Ex- sebista)	Foi vendedor ambulante na rua Guilherme Rocha. Hoje é aposentado do Estado.	-

Observamos através desse quadro que a maioria dos sebistas selecionados começou como vendedor ambulante. Essa era a realidade de muitos profissionais atuantes no perímetro central de Fortaleza. Embora tenham trabalhado nas ruas da cidade quando começaram, também observamos que a maioria, hoje ou em outro momento histórico, ocupa um dos prédios do Centro da Cidade, salvo aqueles que já não atuam mais na profissão ou que continuam trabalhando eventualmente, como no caso do Antônio Vieira Alves.

A característica “vendedor ambulante” nos fez lembrar de uma leitura feita por Braudel (1985) sobre a venda ambulante na Europa dos século XIV ao século

XVIII, em que para o referido autor a diferença entre a venda ambulante moderna e a da Idade Média é que a segunda é pioneira e a primeira subsiste devido às faltas do mercado estabelecido. Nas palavras de Dantas (2012, p. 13) “A segunda, é pioneira, e a primeira sobrevive graças a existência de vazios nas redes de abastecimento.”

Dessa forma, podemos perceber que a venda de livros usados adentra a vida de cada um dos sujeitos acima, devido a variados motivos, seja desemprego, opção, etc., mas permanece, sobretudo, porque o contexto em que estavam, de certa forma, “permitia” esse tipo de comércio. Afinal, a mercadoria que comercializava não circulava nas redes de abastecimento do mercado convencional, só sendo possível acessá-las através da rede informal que circulava na cidade.

Conversaremos um pouco mais acerca do contexto citadino em que os sebistas atuavam no terceiro capítulo, no qual falaremos não somente das práticas exercidas por eles na cidade, mas também acerca dos obstáculos enfrentados para conseguirem estabelecer seu mercado.

2.3.2 “Eu comecei por necessidade”: a ocasião faz o sebista

A venda de livros usados se insere na vida de Richard, sebista de Fortaleza, a partir da necessidade do mesmo de se inserir no mercado de trabalho. “Eu comecei por necessidade” (**Richard Chamberlain de Andrade**, Fortaleza, 21 de junho de 2012) é uma frase corriqueira nas falas de alguns sebistas de Fortaleza, que entraram no mercado através da venda de livros usados. No caso de Geraldo, que de fato, começou seu trabalho de sebista como vendedor ambulante, “externa nada mais que a falta de oportunidades noutras atividades” (DANTAS, 2013, p. 19).

No caso de Idelmar, a inserção no mercado de livro usado ganha um significado maior, pois, na época, além do ex-sebista não ter uma profissão, possuía outros problemas sociais, dentre eles, a falta de moradia: “Na realidade, quando nós começamos mesmo sabe, eu morava no mei da rua, eu num tinha casa, eu morava lá na igreja da Sé” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 4 de fevereiro de 2014). Idelmar conta que através de Geraldo sua vida passou a mudar quando este o levou para morar no Arraial Moura Brasil, onde morou por muito tempo.

Quanto ao sebista Nazareno, mais conhecido entre os colegas de profissão como “Naza”, a inserção nesse mercado se deu de forma diferente. Primeiramente, vendia livros na Floriano Peixoto, segundo ele no início da década de 80.

Posteriormente, foi empregado nos Correios e depois de alguns problemas que enfrentou na instituição, “pedi as contas” (**José Nazareno Silva de Oliveira**, Fortaleza, 4 de fevereiro de 2014) e voltou para venda de livros na rua Floriano Peixoto.

Em 1986 foi a vez do sebista Hosano, que assim como Geraldo e Idelmar, usou das calçadas da rua Guilherme Rocha para vender sua mercadoria, “Eu comecei vendo lá o Geraldo vender [...], o meu cunhado também trabalhava com livro, aí eu peguei, ajudando meu cunhado, aí comecei a butar meu próprio negócio” (**Hosano Lopes**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014). Ainda na década de 80, o sebista Magela, também através de um amigo, “que já estava estabelecido como comerciante de livros usados” (**Geraldo Magela Lins Guedes**, Fortaleza, 28 de janeiro de 2014), se inseriu neste comércio. “[...] era um amigo meu, Ramires Magalhães que trabalhava com livros usados e ele me cedeu um espaço, praticamente anexo a loja dele, pra eu comerciar, comerciar livros usados, e eu comecei com uma parte da minha biblioteca. Isso em 1987”³⁶.

Dentre as coisas que percebemos, nas falas acima, acerca da inserção desses sebastas no mercado de livro usado, está, em praticamente todas as falas, a influência de terceiros na sua decisão de iniciar nesse comércio, sobretudo, amigos que já trabalhavam na venda e que, de alguma forma, seja através de um convite, ou mesmo um pedido de auxílio no trabalho, fizeram parte da trajetória desses sujeitos. Alguém que possuía a experiência da venda, que já conhecia a dinâmica e que detinha de um certo poder de influência, na medida em que, ofereciam as garantias de lucro do mercado, caso contrário, eles, possivelmente, não se aventurariam em um comércio cuja mercadoria não se vende com tanta facilidade.

Outra coisa que podemos destacar é que, para alguns, embora essa inserção no mercado tenha sido de maneira “compulsória”, percebemos que, ao longo do tempo, as habilidades dos sebastas vão sendo desenvolvidas a ponto de que aquilo que era a falta de oportunidade, se torna, então, agradável de se trabalhar. “No começo foi pela necessidade depois fui criando gosto, achei que dava pra mim ficar trabalhando, eu não tinha profissão nenhuma, semianalfabeto.” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 2 de agosto de 2012), a fala de Geraldo testifica que a sua experiência com o mercado de livro usado teve papel fundamental para o estabelecimento de uma profissão, sempre atrelada à sua condição pretérita.

³⁶ Idem.

Acreditamos que a condição de sebista está diretamente ligada à sua experiência no mercado e que investigar esse sujeito nos leva, automaticamente, ao estudo do seu espaço de trabalho. Pensamos que a pergunta “*O que é um sebista?*” nos leva a outras perguntas, como “*O que um sebista faz?*” e ainda “*Como ele faz?*”, e assim, todas essas perguntas nos direcionam à sua experiência dentro do mercado de livros usados.

Como já dissemos, não são muitos os estudos sobre esses sujeitos, para muitas pessoas, o seu fazer é até “desconhecido” ou “esquecido”. Em meio a uma sociedade em que o que reina é o ‘império da novidade’, os livros antigos, fora de circulação, não interessam para uma grande parcela, sendo privilégio de apenas alguns apaixonados.

Dessa forma, diante da escassez de estudos, cremos que essa história ainda estar por ser contada e acreditamos veementemente que ela não pode ser contada sem que a experiência desses sujeitos, chamados sebijistas, seja levada em consideração. Assim como Thompson (1981), cremos que a história é construída a partir das ações humanas e das experiências dos sujeitos, isto é, ações que são vivenciadas em um dado espaço e no tempo.

Estendermos o nosso estudo para a experiência desses sujeitos nos permite ampliar os conceitos e, ainda, nos possibilita perceber as ações para além dos estereótipos que, por acaso, já possamos ter construído acerca da temática. Queremos com isso demonstrar que estamos de acordo com os estudos de Thompson (1981), no que tange seu desejo de evidenciar as experiências de homens reais, que se originam exatamente nas suas ações vividas, pois, como já dito, acreditamos que a compreensão do “ser” sebista é diretamente ligada à sua função no mercado, na sua ação vivida e vivenciada e não fora dela, aqui, a experiência histórica e cultural do sebista é compreendida como seu espaço de prática e “catalisadores de ação social” (MELO JÚNIOR, 2011), é nela que ele se reconhece e constrói sua identidade.

Thompson (1981) chama de sistema de *fechamento* aquele cuja “A teoria está sempre recaindo sobre a teoria ulterior. Ao recusar a investigação empírica, a mente está para sempre confinada aos limites da mente” (p. 185). Esse sistema, segundo Thompson (1981), é o lugar onde todos os marxismos devem terminar, por serem “sistemas teóricos auto-suficientes, auto-justificativos, auto-extrapolantes” (p.185). Por recusarem o empirismo e, por sua vez, o estudo das experiências dos sujeitos, a exploração do mundo se apresenta de maneira restrita ao que a teoria diz, “Mas se

voltarmos à ‘experiência’ podemos passar, desse ponto, novamente para a exploração *aberta* do mundo e de nós mesmos” (p.185) e com o mesmo rigor teórico confrontamos os conceitos (a teoria) com o empirismo (experiência).

É fato que estudar, analisar, tentar compreender os sujeitos e suas práticas podem nos levar ao desconhecido, àquilo que não consta na teoria, mas concordamos quando Thompson (1981) diz que nem tudo o que é necessário saber “sobre a história pode ser construído a partir de um aparelho mecânico conceitual”. Cabe-nos, ao estudar sujeitos históricos, os compreendermos a partir da consciência de que são seres sistêmicos, dotados de pluralidade. Pluralidade esta que não podemos simplesmente enfiá-la em um quadro teórico, ignorando a necessidade de um olhar diferenciado ou um olhar caleidoscópico, e diante do desconhecido, “O que resta fazer é interrogar os silêncios reais, através do diálogo do conhecimento” (p.185) e assim, estaremos buscando compreender a história de homens e mulheres reais, “E, à medida que esses silêncios são penetrados, não cosemos apenas um conceito novo ao pano velho, mas vemos ser necessário reordenar todo o *conjunto* de conceitos.” (p.185).

Adotamos o conceito de *experiência* de Thompson porque acreditamos que ele nos leva a uma compreensão mais ampla do que são as práticas do “ser” sebigista e de como a teoria nos ajuda a compreender sua experiência e vice versa. A experiência dos sebigistas, ou talvez seja melhor falar em experiências, é a razão de ser da presente pesquisa, pois é a partir dela que conhecemos e compreendemos os sistemas complexos no qual o sebigista se insere, sobretudo, o mercado de livros usados, os circuitos de aquisição de mercadoria, os círculos de fornecedores, as estratégias de vendas, etc., que são parte integrante da experiência desses sujeitos.

Acreditamos que o mercado de livros usados é uma ramificação, ainda que não intencional, do mercado editorial estabelecido, visto que, para Moraes (1960) os sebos surgem a partir de livreiros e editores. Mesmo que haja uma relação estreita entre livreiros e sebigistas, no que diz respeito ao contexto em que atuam, existem algumas diferenças, citadas por eles mesmos, que nos permitem uma leitura mais ampla acerca da identidade desses mercadores, diferenciando-os radicalmente do comércio de livros estabelecido.

Para o sebigista Magela a diferença fundamental entre o livreiro e o sebigista,

[...] é que o livreiro de livros novos, exceto quando as edições estão esgotadas, ele tem a possibilidade de ter sempre a mão os livros que ele precisa. Se eu quero vender, por exemplo os livros de Clarice Lispector novos,

então eu posso, simplesmente, me dirigir nesse momento à editora Rocco e comprar todos os livros dela na quantidade que eu precisar, se não estiverem esgotados. Enquanto o livreiro dos livros usados ele fica à mercê do acaso. Ele pode passar meses sem receber um livro de Clarice Lispector. (**Geraldo Magela Lins Guedes**, Fortaleza, 28 de janeiro de 2014)

A teoria de que esse comércio possui sua dinâmica própria e que, por isso, merece um olhar diferenciado não somente sobre o mercado, mas, sobretudo, sobre os agentes que fazem, constroem, dinamizam o mesmo, surge para que, à luz dessa teoria, consigamos enxergar o todo, isto é, a teoria nos ajuda, na medida em que, nos fornece alguns sinais para clarear o nosso estudo, pois “A teoria nos lembra constantemente que as ações de qualquer agente ou organização em particular são sempre partes de um todo maior, um sistema [...]” (THOMPSON, 2013, p. 10).

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações³⁷ (código 1414 05) o livreiro aparece como comerciante varejista, enquanto o alfarrabista (código 1414 05 e 10), outro nome dado ao sebista, aparece como comerciante atacadista e varejista. Essa dupla categorização diferencia o ‘alfarrabista’ do ‘livreiro’ do comércio convencional, pois segundo a CBO o livreiro é responsável por passar o produto diretamente ao seu consumidor final, enquanto o alfarrabista estabelece comércio não somente com o consumidor final, mas inclusive com outros comerciantes, que é o caso de sebistas que vendem para outros sebistas.

Podemos visualizar um exemplo desse tipo de comércio no início da carreira do sebista Assis: “Eu comprei de outro livreiro, comprei um monte de livro pra começar, fui montando devagazim [...] fui comprando e foi aumentando [...]” (**Francisco de Assis Ferreira Santos**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013). Ao mesmo tempo em que Assis estabelece comércio com outros livreiros, ele também vende e compra de outras pessoas, “A maioria, mais é estudante e professor né, vem muito professor comprar livro”³⁸. Assim como Assis, vimos nas falas de outros sebistas anteriormente, que é comum a compra e venda de livros entre eles mesmos e não somente, com o consumidor final.

Compreendemos que essa diferenciação sinaliza que a ação desses sujeitos é marcada, também, por experiências que se diferenciam entre si, e é a partir dessas experiências que os mesmos constroem sua história.

³⁷ Disponível em < <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf> > Acesso em 25 de março de 2014.

³⁸ Idem.

Começamos pela hipótese de que todo mercado possui uma lógica, e que a partir dessa lógica os sujeitos estabelecem suas práticas e adquirem experiência. Acreditamos que o mercado de livros usados se estabelece inversamente ao processo comercial da venda de livros novos, isto é, foi a partir das experiências dos sevistas com o mercado de livros que a lógica do mercado de livros usados foi se estabelecendo.

Vejamos a lógica do mercado editorial estabelecido: a aquisição de livros através de editoras e, por sua vez, a venda dos mesmos. Quando esses mesmos livros se desatualizam no mercado, os comerciantes os tiram de circulação. “O mercado de livros é saturado – e fica cada vez mais saturado à medida que, a cada ano, aumenta o número de títulos lançados.” (THOMPSON, 2013, p. 17), isto é, o mercado convencional de livro é baseado na venda dos títulos lançados, pois o desatualizado, velho, não possui valor na sua lógica.

Os sevistas são conhecedores da lógica do mercado editorial estabelecido, relatos como “[...] hoje tá muito explorado né, tem muito vendedor, [...] tem as feira dos colégio que atrapalha muito o comércio da gente, tem agora o negócio da internet” (**Hosano Lopes**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014) demonstram que os sevistas possuem uma noção panorâmica do mercado editorial, questões como a xerox, a internet, os livros virtuais, inclusive a adoção de apostilas pelos colégios em detrimento dos livros, são aspectos que permeiam não somente o comércio do livro usado, mas o mercado editorial como um todo.

Dessa forma, foi através dessas percepções acerca do mercado editorial estabelecido que eles resignificaram e criaram uma nova forma de vender livros, com uma nova dinâmica dotada de uma lógica, pois o mercado de livros usados não ocorre de maneira desordenada, como veremos adiante ao analisarmos suas estratégias de compra e venda, de aquisição de mercadoria, de organização do seu espaço, etc.

Assim, acreditamos que foi a partir da experiência dos sevistas com o mercado editorial que os mesmos estabeleceram as “regras”, a lógica, as possibilidades do mercado de livros usados, que se modificou ao longo do tempo, “Os livros daquela época servia pra um irmão, pro outro, pro outro, hoje em dia tudo é descartável” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 4 de fevereiro de 2014), “Se a gente fosse trocar um por um não tinha nem sentido né, [...] a troca ou você traz dois livro e leva o que você ta precisando, ou você pode trazer um livro e dá uma pequena diferença ou pode também opinar pela compra.” (**Hosano Lopes**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014)

Nesse campo dotado de lógica, os sevistas,

sabem como participar do jogo [...]. Eles podem não ser capazes de explicar a lógica do campo de forma clara e concisa, podem não fornecer uma fórmula simples que resuma tudo isso, mas podem descrever como foi a primeira vez que entraram em campo, como funciona agora e o que mudou com o passar do tempo. (THOMPSON, 2013 p. 18)

Por isso, o estudo da experiência desse sujeito é tão importante para a construção de uma história dos sebos, sobretudo, da cidade de Fortaleza, pois diante da escassez de estudos que se debruçam sobre o mercado editorial na perspectiva do livro usado e da experiência dos sebistas, vemos na investigação desta uma forma cara de adentrarmos o universo desse mercado.

O livro usado como mercadoria principal, bem como, a venda e troca das mercadorias e a diversidade dos livros, dentre eles livros raros e fora de circulação, se apresentam como base na dinâmica desse mercado.

Quanto à aquisição das mercadorias, é comum ver que os sebistas adquirem os livros, mormente, no início de sua experiência, através de outros livreiros, “quando comecei na Guilherme Rocha [...] a única livraria que tinha era a livraria Gurgel e assim mesmo, tava fechando, fechou e tava [...] pra acabar o estoque, inclusive eu comprei o resto do livro dele.” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013).

Depois de estabelecido Geraldo convidou seu irmão, Assis, para trabalhar com ele na venda de livros usados na rua Guilherme Rocha, permanecendo ali desde 1967, 1968, até 1973, quando foi embora para a cidade de São Paulo, onde permaneceu trabalhando com a venda de livro usado. Depois de trinta anos, Assis voltou para Fortaleza, onde, hoje, é proprietário do sebo Espaço do Livro “O Assis”. Assim como Geraldo, Assis também, ao decidir trabalhar por conta própria passou a comprar de outros livreiros para se estabelecer enquanto sebista.

A aquisição de mercadorias pelo sebistas se apresenta de maneira diferenciada. É através da venda e também da troca entre os próprios sebistas que eles montam o acervo que será vendido. Além dessa forma, os consumidores também assumem um papel importante na aquisição de livros pelos sebistas, assumindo a atribuição de fornecedor. “Antigamente, o pessoal chegava, dava o endereço e eu ia buscar nas casas, agora não, o pessoal vem deixar aqui.”, diz Geraldo.

Muitos livros são adquiridos das mãos dos próprios consumidores que vão ao sebo para comprar, pois a possibilidade de troca entre sebista e cliente, bem como, a compra pelos sebistas de livros oferecidos pelos clientes, é o fator primordial para a

dinâmica do sebo. Segundo Geraldo e Assis, é muito comum eles comprarem de clientes livros que estes não querem mais, “são os próprios clientes, tem pessoas que vem vender livros que nunca veio aqui, aí vem e vende, tem outras pessoas, que compra, compra e depois vende, outro vem e troca, é assim todo tempo.” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013).

Percebemos através da fala de Geraldo que para ele é normal ter como fornecedor o próprio cliente, inclusive, compra de pessoas que nunca frequentaram e nem compraram em seu sebo. Ele ressalta ainda os clientes que realizam várias compras em seu sebo e que depois de um tempo revendem para ele os mesmos títulos outrora comprados por ele. A fala de Assis também evidencia esta forma de aquisição da mercadoria:

a maioria dos nossos clientes...[...] passa dois, três meses comprando livro, aí vai guardando né, aí depois eles “rapaz, Assis tú quer comprar esses livros de volta não ou trocar por outros?”, aí a gente “Não, pode trazer que a gente compra, troca por outros.”, porque as vezes você fica com dificuldade de comprar de novo né, aí vem, traz e troca por outro. Aí as trocas a gente troca dois por um né, ele dá dois e gente dá um. (**Francisco de Assis Ferreira Santos**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Além dos aspectos meramente mercadológicos, percebemos na fala de Assis que a relação entre sebista e cliente no sebo não se estabelece apenas no desejo de vender e comprar, mas o consumir assume um teor sensível, na medida em que o sebista compreende a necessidade do cliente de consumir e, muitas vezes, a sua dificuldade de fazê-lo.

Acreditamos que assim surgiu a possibilidade da troca dos livros, independente dos títulos terem sido comprados no mesmo sebo em que a troca se realizara. No mercado de livro usado é possível proporcionar ao cliente o seu objeto de desejo, sem que o sebista saia perdendo, percebemos isso na estratégia de Assis em trocar dois livros do cliente por um seu.

Identificamos essa relação forte entre sebista e cliente fornecedor também na fala de Geraldo, ao narrar sua postura no momento da aquisição de mercadoria, ao mesmo tempo em que justifica a quantidade de livros que seu sebo possui.

Agora também tem um negócio, sabe por que eu compro, vem muita coisa pra cá? Porque tudo que o pessoal traz eu compro, tem muito aquele negócio, a pessoa traz quarenta, cinquenta livro, tem dez não vale nada, aí eu boto no mei e aí eu tiro né, pra reciclar, aí tem gente que não quer voltar com os livro

né, aí fica assim nessas condição[...]. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Geraldo possui uma característica que não vemos em muitos sebastas que trabalhamos, seu desejo de agradar o cliente excede sua certeza de venda. Dessa forma, compra tudo que lhe oferecem, dificilmente permite que seu fornecedor retorne com o livro de onde veio e quando percebe que não venderá determinados livros, os recicla e transforma o seu excedente em lucro, nunca pensa somente na venda efetiva do livro. Aparentemente, não existe critério na compra de mercadoria por Geraldo, mas seus critérios sempre se estabelecem baseados no desejo de seu cliente.

Outra fala de Geraldo, na qual podemos perceber essa relação entre o sebastas e seu cliente fornecedor, nos mostra novamente a sensibilidade desses mercadores para com as necessidades de seus clientes, independente de quais sejam.

Dia vinte, dia vinte pode é juntar dinheiro pra comprar livro [...] chega o fim do mês aí é [difícil] pra todo mundo né, aí a pessoa precisa pagar uma luz, precisa pagar uma coisa, falta dinheiro [...] aí traz um livro, vende, aí paga [...] aí eu também trabalho de um jeito também, que eu só compro a dinheiro, não deixo pra depois, pra mim comprar, eu só compro se for a dinheiro, compro fiado não [...] aí esse aí é um sistema que já que a pessoa vem atrás [...] ou ele quer desocupar o lugar ou ele tá precisando fazer alguma coisa né [...] então [eu compro], porque o cara quer dinheiro é agora [...]. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Compreendemos que há uma intenção do sebastas ao adquirir o livro, independente de que situação ele o faça, claro que na realidade ele quer adquirir a mercadoria para futuramente vendê-la, ele quer lucrar, mas não podemos ignorar que há um diferencial na forma de fazer mercado do sebastas. A sua experiência narrada nos permite perceber que não estamos lidando com um mercador comum, conseguimos traçar diferenças radicais entre sebastas e livreiros convencionais, desde a natureza de sua mercadoria até suas estratégias de venda. Dentre as diferenças podemos citar: a) Seu produto principal é o livro usado; b) Obras fora de circulação; c) A venda não é a única opção de aquisição da mercadoria pelo cliente; d) Na troca, o livro adquire valor de moeda em seu mercado; e) Eles também se utilizam da consignação para realizar comércio; f) Seus fornecedores não são as editoras.

Existem outros fornecedores cujo seu papel é de extrema importância para o sebista no momento de adquirir sua mercadoria para venda, a saber: os trapeiros³⁹ e as esposas, por vezes, viúvas de consumidores de livro usado, colecionadores e bibliófilos⁴⁰, fornecedores estes, que Delgado (1999) já ressaltou em seu trabalho.

São nas calçadas, nas imediações dos sebos, que os trapeiros, também definidos como ‘indivíduos que catam papéis nas ruas, nas latas e carroças de lixo, para vendê-los às fábricas de papel’, estacionam seus carrinhos, cujo conteúdo é uma pesada carga constituída de latas, garrafas, jornais, caixas de papelão, livros e revistas. (DELGADO, 1999, p. 89)

As práticas dos sebistas são muito semelhantes, seja o sebista de Fortaleza, seja de Belo Horizonte, de São Paulo, do Rio de Janeiro e demais localidades. Dessa forma, percebemos nas falas dos sebistas de Fortaleza aspectos semelhantes aos relatos de sebistas de outros lugares, trabalhados por Delgado (1999).

Segundo Assis um dos seus fornecedores é o sujeito que vende livros em carrinhos pelas ruas de Fortaleza, também conhecido como trapeiro. Esses sujeitos levam livros usados, que conseguem de várias maneiras, diretamente para os sebistas a fim de lucrar. Ao se referir a esses sujeitos, Assis diz:

Eu compro dele, eles vão buscar em Belém, Belém, Manaus, vem de lá, eles vão pra lá comprar, Maranhão. Eles fazem assim, o esquema deles é assim, o livro que ta adotado aqui, que ta adotado aqui, que tem lá, eles traz pra cá e os que num ta adotado aqui e ta adotado lá, eles trocam, compram e leva pra lá também [...] pra vender lá. (Francisco de Assis Ferreira Santos, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Geraldo também faz referência a esses sujeitos que trabalham de maneira livre nas ruas de Fortaleza, à procura de lucrar com o que encontra, seja livro, revista e outros objetos que por acaso podem interessar a alguém.

A pessoa vai joga fora, vai direto pra reciclagem, e eles andam pelas reciclagens, tem os do carrim e outros que andam de bicicleta em todas as reciclagens procurando, tem peça de ventilador, aí eles remontam e vendem, do mesmo jeito eles fazem com revista e com livro, eles compram lá e traz pra gente aqui. (Geraldo Paulo Duarte, Fortaleza, 2012)

³⁹ Indivíduos que apanham trapos, latas, objetos velhos, bem como papéis, nas ruas e os vendem para fábricas de papel ou demais interessados.

⁴⁰ Amante e colecionador de livro.

Para alguns sebigistas como Eduardo, de Belo Horizonte, citado por Delgado (1999), muitos trapeiros que oferecem livros e revistas para sebigistas não conhecem o valor da mercadoria que levam aos sebos, de maneira que, muitas vezes, os livreiros comprem raridades por preços irrisórios.

Quanto às viúvas, que também assumem um papel importante no fornecimento de mercadoria para os sebigistas, bem como, outros familiares de colecionadores, bibliófilos, consumidores assíduos de livros, surge na fala de Assis como uma surpresa para nós ao percebemos que as práticas dos sebigistas de Fortaleza se assemelham em muitos pontos com as de outros sebigistas de outras localidades.

É, acontece mesmo, isso acontece demais. Tem, tem, eu já comprei livro assim também, de viúva também que quer vender os livro e... as mulher tem raiva de livro, a maioria das mulher tem raiva de livro porque põe duas, três, quatro [prateleiras] só juntando poeira e elas tem que limpar, e elas num querem né [...]. (**Francisco de Assis Ferreira Santos**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Segundo Delgado (1999) da mesma forma que as viúvas se apresentam como inimigas pessoais das bibliotecas particulares, conforme o que contam os sebigistas,

não se pode dizer que elas estabelecem o mesmo tipo de relação com os proprietários dos sebos, na medida em que atuam como fornecedoras de edições que se encontram, na maioria das vezes, esgotadas e que, quando comercializadas, são fonte de lucro para os sebigistas. (1999, p. 88)

Ao contar algumas anedotas sobre as viúvas, Assis narra um exemplo de um cliente que, ainda vivo, relata sua dificuldade de comprar livros sem que sua esposa note que o seu acervo está crescendo.

Tem um colega aqui, que compra livro aqui, que ele [não pode vim aqui] pra comprar meus livros agora não, “Que eu compro os livros, chego em casa, ela briga. Aí eu to fazendo assim, eu compro os livro, chego pertim de casa, eu deixo numa lanchonete lá guardado os livro. Aí sempre que eu chego em casa, ela pede, a mulher pede dinheiro pra comprar alguma coisa que ta faltando, aí eu dô o dinheiro, aí vou lá pego os livro, trago e ponho lá, escondido”. Ela não deixa mais entrar com os livros não. ((**Francisco de Assis Ferreira Santos**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Devemos com esses exemplos tomar cuidado para não generalizarmos a fama das esposas e viúvas de bibliófilos e colecionadores de livros, mas desejamos ressaltar a importância desses sujeitos para dinâmica dos sebos, pois segundo Delgado (1999),

essas mulheres que se despojam de acervos privados exercem uma função importante no que se refere à circulação do livro no mundo dos sebos, pois além de abastecerem o estoque dos livreiros, permitem aos frequentadores desses espaços, sejam eles bibliófilos ou não, o acesso ao livro impresso. (1999, p. 88)

Pelo exposto, percebemos que as formas de adquirir livros pelos sebistas de Fortaleza, e também de outros lugares, são as mais variadas possíveis do ponto de vista de seus fornecedores. Acreditamos com isso, que essas estratégias foram sendo adquiridas à medida que o sebista ia estabelecendo-se no mercado e construindo sua identidade como vendedor de livros, afinal, percebemos na fala do sebista Geraldo que ainda que, antigamente, ele tivesse que ir até à casa das pessoas para conseguir os livros que futuramente venderia em seu sebo, hoje, por já ser conhecido em sua profissão e até já gozar de certo prestígio dentro do mercado de sebos em Fortaleza, muitas pessoas é que vão até ele para vender, trocar e fazer comércio.

Vemos que as estratégias que os sebistas utilizam para dinamizar seu mercado também fazem grande diferença na dinâmica do sebo. A troca, por exemplo, nos mostra uma significativa estratégia dos sebistas para ganhar clientes e fornecedores ao mesmo tempo, garantindo a sua permanência no mercado e possibilitando ao consumidor uma nova maneira de adquirir o que deseja. A troca nos mostra uma das moedas do universo dos sebos, o livro.

Apesar de serem poucos os sebistas de Fortaleza que vendem por consignação, vale ressaltar que esta também é uma das opções do mercado de livro usado. Consignar é o ato de entregar (mercadorias) para serem negociadas por terceiros⁴¹, isto é, os interessados oferecem as obras para os sebistas negociarem e caso estes vendam a obra, eles ganham uma porcentagem em cima do valor que o título foi vendido. “Na consignação, a margem de lucro do livreiro é pequena, além do encargo contratual que lhe é delegado, caso os livros consignados se extraviem.” (DELGADO, 1999, p. 98), o que veremos ser um dos problemas apontados.

O sebista Geraldo adota essa estratégia de lucro, obtendo livros de editoras e até mesmo de escritores da região que deixam suas obras no sebo para serem vendidas

⁴¹ FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** - 5. Ed – Curitiba: Positivo, 2010.

por um preço mais acessível que na livraria, explica Estela⁴², funcionária fiel de Geraldo:

Os escritores né, daqui da região, que faz o livro, publica, aí pede pra deixar aqui, só que [...] eles pedem pra deixar muitos, “não quero só cinco exemplares”, porque? Como não dá pra gente ficar monitorando todo livro que chega aqui das pessoas levarem, que acontece isso, aí eu escolho só um exemplar, aí se vender [...], a gente vai e repõe, avisa que vendeu, a pessoa vem pegar o dinheiro, é uma oportunidade também pra gente, bota livro bem mais barato do que que vai pra prateleira de livro novo, e assim vai. [...]
(**Francisca Auristela Alves de Sousa**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Vemos então, que a consignação também compõe o conjunto de estratégias de venda utilizadas pelos sebastas. A consignação, tomando os devidos cuidados, como no caso de furtos e até de uma má comercialização, apresenta-se como uma oportunidade de lucro.

Depois de adquiridos os livros, a atribuição de preços aos mesmos também compõem uma das atividades dos sebastas, diga-se de passagem, atividade um tanto complicada visto que atribuir preço a um livro usado requer muita sabedoria para não colocar preço de livro novo e, ao mesmo tempo, um preço baixo a ponto de não valorizar o livro e ainda não ter lucro na venda.

Percebemos que a pesquisa de mercado é fundamental para atribuição de preços pelos sebastas, de maneira que o valor dado ao livro pelas livrarias é sempre levado em consideração no momento de dá um valor de venda ao livro no sebo.

Segundo o sebista Assis, é comum para ele colocar a metade do valor do livro novo no livro usado, pois compreende que seus clientes estão em busca de algo mais acessível, “Geralmente é assim ó, um livro desse aqui na livraria custa...cinquenta reais, aí aqui, como ele é usado aqui, a gente vende por vinte cinco, vinte, metade do preço.” (**Francisco de Assis Ferreira Santos**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013). Dependendo de alguns tipos de livros, como os paradidáticos⁴³, Assis não sente necessidade de fazer uma pesquisa de mercado, pois sua experiência já lhe permite atribuir os preços sem muita dificuldade.

⁴² Francisca Auristela Alves de Sousa, 41anos, conhecida como Estela, é cunhada do Geraldo e trabalha com ele a mais de dez anos. É tão conhecida quanto o próprio dono do sebo, pois, segundo o Geraldo, o conhece melhor do que ele mesmo.

⁴³ Diz-se de livros, material escolar, etc., que sem serem propriamente didáticos, são utilizados para este fim.

O livro paradidático, os livros de literatura, paradidático, eu nem preciso saber quanto ele tá, que eu já sei valor dos livro paradidático, a base. A base do paradidático, ela é uma base de vinte cinco, vinte oito reais. [...] Já sei. Pelo valor dos paradidáticos, é nessa base de vinte oito, vinte cinco reais, de trinta pra baixo. A gente vende por quinze, doze, oito, cinco [...]. (**Francisco de Assis Ferreira Santos**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Vale ressaltar que esse tipo de livro, conhecido como paradidático, usado sobretudo pelas escolas, “Vende mais na época que as escolas manda a lista e pede paradidático”⁴⁴, quando marca-se o começo do ano letivo nas escolas, isto é, não é um tipo de livro que dê muito lucro o ano todo, mas especificamente no começo do ano, é um dos livros mais vendidos.

Tem outras pessoas que vendem livro didático aqui, chega no começo de ano, rapaz é uma correria tão grande aqui, pessoal correndo atrás [...]...num pode ver ninguém com uma sacola na mão que fica perguntando se é livro, “é livro, é livro?”, “é pra vender?”, “é pra trocar?”, é muitos, que vendem, transportam livro, eu nem ligo [...] porque se eu for pra lá brigar com eles, eu vou brigar com todo mundo [...]. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Segundo Geraldo, é comum a correria no começo do ano, quando as pessoas vendem, compram, trocam e realizam as mais diferentes comercializações na busca por livros didáticos. Geraldo tem muita consciência que esse tipo de livro só se vende, em boa quantidade, no começo do ano. Percebemos até algumas disputas por vendas nesse período, mas Geraldo afirma que não se incomoda com a concorrência entre os sebitas.

No sebo do Geraldo é a Estela, funcionária, que realiza a atividade da atribuição de preços, mas segundo Geraldo o preço colocado por eles em seu sebo nem se compara ao preço da livraria convencional, pois sua freguesia tende a reclamar quando isso acontece.

[...] ela sempre consulta sabe o preço e tal, mas ninguém....nem compara, a gente nem compara com o preço de livraria, porque nao pode né, porque o povo reclama né [...] “Vixe na livraria é tanto...”, até eu brinco com eles e “aqui num é livraria não?” (risos), só porque é de livro usado né?. A Estela é que sabe das coisas, ela aqui é que sabe, mais do que eu (risos). (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013)

Estela tem uma maneira inteligente e séria de atribuir os preços aos livros e sempre leva em consideração o valor que o mercado convencional está oferecendo, de maneira que não haja abuso do cliente.

⁴⁴ Idem.

Apesar de realizar uma pesquisa de preços, Estela reconhece que é impossível verificar o preço de todos os livros que chegam ao sebo por dia, “Se a gente for consultar o valor de cada livro que chega aqui não dá tempo não” (**Francisca Auristela Alves de Sousa**, Fortaleza, 6 de setembro de 2013), dessa forma, tem em mente que o sebo sempre vai vender o livro mais barato, assim, baseado na sua experiência, ela sabiamente atribui os preços, diríamos que, muitas vezes, por instinto.

É tem duas formas. A gente bota o valor do livro inferior ao valor de mercado né, ao valor de prateleira e também a gente cobra muito pelo valor que se compra, se a gente comprar barato, vende barato, se compra um pouco mais caro, aumenta o valor. Existem esses dois métodos. [...] Tem que comprar barato e vender barato, aí eu sei que se eu botar aquele valor, eu sei que eu to botando, que eu não to passando do valor do livro novo, eu não to explorando o cliente e não to vendendo tão barato [o livro] que não tenha aquele valor né, que não mereça aquele valor né.⁴⁵

Vale ressaltar que a fama dos sebos na venda de livros mais baratos só pode ser levada em consideração quando pensamos no tipo de livro que falamos. De fato, os livros paradidáticos, os livros didáticos, ou ainda, os livros de literaturas mais fáceis de encontrar no mercado, são mais baratos nos sebos que nas livrarias convencionais. Porém, quando falamos de livros raros faz-se necessário dizer que as coisas mudam de figura, pois não estamos falando de um livro qualquer, mas de livros fora de circulação, esgotados no mercado, de estética diferenciada, de valor histórico-cultural.

Como todo mercado, este só existe porque existe o consumidor, a sua demanda. Quem seriam então, os consumidores da mercadoria dos sebastas?

Acreditamos que os clientes de sebos compõem uma camada que se diferencia de muitos consumidores de livros novos e ainda entre eles mesmos, “pois como os livros, os frequentadores de sebos do circuito se distribuem em muitas variedades” (DELGADO, 1999, p. 101). Alguns deles não compram o livro em sebo somente devido o seu preço, mas pelo valor que atribui ao livro usado.

Como vimos anteriormente, a relação estabelecida, muitas vezes, entre o sebista e seu cliente é “um tipo de relação que ultrapassa o âmbito comercial” (DELGADO, 1999, p. 102). É possível ir a um sebo, andar pelos corredores, garimpar nas estantes ou no chão livros do seu interesse, ler à vontade, sem que tenha um funcionário o tempo todo atrás de você, na expectativa de vender. Nos sebos, é possível manusear um livro, folheá-lo, conhecê-lo, sem ter que romper com o lacre existente no

⁴⁵Idem.

livro novo, isto é, é possível se sentir à vontade entre os livros e ter o seboista como alguém que compreende sua visita, sem se precipitar quanto à compra.

Geraldo enxerga seu sebo como um lugar de sociabilidade, ponto de encontro entre pessoas, intelectuais, estudantes, que muitas vezes vão até sua loja somente para conversar, “Tem gente que todo sábado vem aqui, esses intelectuais, conversar, aí chega “Fulanim veio?” “Veio não” e sai. (Geraldo Paulo Duarte, Fortaleza, 2 de agosto de 2012).

Outro seboista de Fortaleza afirma que a filosofia adotada em seu sebo não é composta meramente da venda, mas ultrapassa o desejo de lucrar, “Nossa filosofia não é vender livros pra você, é mostrar o que tem, porque quanto mais as pessoas leem, mas elas ficam abertas para o diálogo” (João, Fortaleza, 7 de junho de 2013).

Carlos Drummond de Andrade descreve de maneira muito sensível as peculiaridades dos frequentadores de sebos, falamos não somente dos que vão à procura do livro barato, mas, sobretudo, dos que vão porque parecem conhecer a fundo o valor do livro usado, do livro antigo, do livro raro.

É agradavelmente desarrumado, mas não muito, como convém ao gênero de comércio, para deixar o freguês à vontade. Os fregueses, mesmo não se dando a conhecer uns aos outros, são todos conhecidos como frequentadores crônicos de sebo. Caras peculiares. Em geral usam roupas escuras, de certo uso (como os livros), falam baixo, andam devagar. Uns têm a ponta dos dedos ressecada e gretada pela alergia à poeira, mas que remédio, se a poeira é o preço de uma alegria bibliográfica? Formam uma confraria silenciosa, que procura sempre e infatigavelmente uma pérola ou um diamante setecentista, elzeveriano, sabendo que não o encontrará nunca entre aqueles restos de literatura, mas qualquer encontro a satisfaz. Procurar, mesmo não achando, é ótimo. Não há a primeira edição dos Lusíadas mas há do Eu, e cumpre negociá-la com discrição, para que o vizinho não desconfie do achado e nos suplante com o seu poder econômico. À falta da primeira, a segunda, ou outro livro qualquer, cujo preço já é uma sugestão: “Me leva”. Lá em casa não cabe mais nem aviso de conta de luz, tanto mais que as listas telefônicas estão ocupando lugar dos dicionários, mas o frequentador de sebo leva assim mesmo o volume, que não irá folhear. A mulher espera-o zangada: “Trouxe mais uma porcaria pra casa!”. Porcaria? Tem um verso que nos comoveu, quando a gente se comovia fácil, tem uma vinheta, um traço particular, um agrado só para nós, e basta.⁴⁶

Percebemos a importância dos sebos, sobretudo, quando olhamos para os apaixonados por livros, quando o percebemos em sua jornada pelo livro desejado, quando se deparam com um título fora de circulação ou mesmo com a beleza estética de uma determinada obra.

⁴⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. **O Sebo**. Disponível em: <<http://www.casadobrujo.com.br/poesia/c/prosa5.htm>> Acesso em 25 de março, 2014.

Entre bibliômanos⁴⁷, bibliófilos⁴⁸, bibliopiratas⁴⁹, eis que o frequentador de sebos se ramifica. Artistas do colecionar, amantes, muitas vezes, patológicos, caminham entre as estantes à procura do livro desejado e, às vezes, sem saber o que procura. Segundo Benjamin (1987),

Colecionadores são pessoas de extinto prático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza, a mais remota papelaria um ponto-chave. (p. 231)

Nos sebos são encontrados leitores comuns, em busca de obras de preço baixo, à procura do livro didático para suprir as necessidades educacionais corriqueiras, mas pensar em sebo é pensar no colecionador, no leitor incomum, no amante do livro, naquele capaz de passar horas e horas, enfiado com as mãos e o rosto na poeira, garimpando em um, dois, três sebos. Não podemos assim, ignorar que o cliente de sebo se diferencia até no seu desejo, ele não quer qualquer livro, ele quer o livro raro, que segundo Mindlin (1997, p. 29) “basicamente, todo livro que se procura, e não se consegue encontrar, é raro”.

Falar do universo dos sebos, do trabalho dos sebistas, bem como, do frequentador de sebos é falar de trocas, não só comerciais, mas é falar de subjetividades também, difíceis até de serem colocadas no papel, pois a existência do sebista está sujeita à existência do frequentador de sebos e este está sujeito as suas próprias subjetividades. Segundo Benjamin (1987), a existência do colecionador

está sujeita a muitas outras coisas: a uma relação muito misteriosa com a propriedade [...], a seguir: a uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino. O maior fascínio do colecionador é encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa quando passa por ela a última excitação – a excitação da compra. (p. 228.)

Essa relação íntima do colecionar com os livros é, muitas vezes, transferida para sua relação com o livreiro ou com o sebista, que em determinada situação é detentor daquilo que irá satisfazer o seu desejo. Essas trocas subjetivas é o que garantem

⁴⁷ Aquele que tem mania de acumular livros.

⁴⁸ Amante dos livros.

⁴⁹ Aquele que se apropria de maneira indébita de livros.

as vendas dos sebistas, mas também o que alimenta a garimpagem dos colecionadores. Manguel (1997) descreve de maneira muito sensível essa subjetividade do colecionador:

Enquanto ergo pilha após pilha de volumes familiares [...], pergunto-me como já fiz tantas vezes, por que guardo tantos livros que sei não lerei novamente. Digo a mim mesmo que, sempre que me desfazo de um livro, descubro dias depois que era exatamente aquele que estava procurando. [...]. Digo a mim mesmo que os trouxe para dentro de casa por algum motivo e que esse motivo pode surgir novamente no futuro. Invoco desculpas: meticulosidade, raridade, uma vaga erudição. Mas sei que a razão principal de me apegar a esse tesouro sempre crescente é uma espécie de ganância voluptuosa. (p. 269)

A biblioteca de José Mindlin, conhecida e reconhecida por inúmeros bibliófilos e amantes dos livros, foi construída com a ajuda de muitos amigos livreiros, passeios por vários sebos [...] à procura dos desejados livros, relações harmoniosas com sebistas e garimpagens (AMORIM, 2012). “Essa biblioteca ‘que nos tem’, deve andar por volta de trinta mil volumes, e possivelmente ainda mais.” (MINDLIN, 1997, p. 137).

As garimpagens realizadas por José Mindlin, por Rubens Borba de Moraes e por outros bibliófilos só foram e são possíveis porque o sebo tem um papel importante dentro do cenário de circulação de livros. A sensibilidade dos sebistas no trabalho com o livro usado dá a este um valor ainda mais inestimável e para Rubens Borba e Mindlin, esses passeios por sebos de todo o mundo faz parte de um árduo trabalho, mas também prazeroso que requer atenção, sensibilidade e prática.

Não é tão fácil quanto parece comprar livros raros. Em primeiro lugar, não se compra o que se quer, mas o que se pode e o que se encontra. É por isso que não se deve hesitar em comprar livros que aparecem raramente no mercado [...]. Não perder a oportunidade é uma sabedoria que só se aprende depois de muito tempo de observação do mercado. (MORAES, 2005, p. 32).

Mindlin (1997) nos diz que:

Não há grande segredo em reunir livros. Mas é preciso saber o que se quer, estudar e conhecer livros, ler catálogos, garimpar sempre, viver de olhos abertos, explorar todas as oportunidades, porque nunca se sabe o que pode surgir e, finalmente, ter sorte, se é que a sorte existe. A gente procura o livro e o livro procura a gente. (p. 54)

Para não colecionadores o hábito de acumular livros, a paixão que se tem por esses objetos, pode parecer uma atitude insana, doentia, e às vezes o é, mas para o colecionador, é como uma necessidade. Assim, cremos que falar de sebos é falar desses sujeitos, pois eles são de extrema importância para a dinâmica desse mercado.

Percebemos que o sebista exerce um papel importante nesse círculo mágico e que sua relação com o cliente faz toda diferença no momento da compra. Geralmente, o cliente de sebo tende a estabelecer um contato diferente com o sebista.

Em *Leitor comum*, Darnton (1996) nos apresenta um leitor chamado Ranson. “Ranson é exigente, sobretudo no que concerne à matéria prima do livro.” (p. 148), ele é a figura mais simples de um colecionador. A relação de Ranson com o livreiro é uma relação de confiança, confiança de que o seu desejo será atendido exatamente como descrito. Em uma de suas cartas a um livreiro, Ranson se pronuncia dizendo:

Conheço quatro edições do *Sistema da natureza*. A primeira é a da Holanda, magnífica edição. A segunda e a terceira diferem pouco uma da outra. A quarta, da qual lhe envio em anexo uma folha, é o que se pode ver de pior execução, tanto pela impressão, que é cheia de erros, quanto pelo papel, que é detestável e que não quereria por trinta centavos. Se a que o Sr. me oferece e a quarta edição é semelhante (*sic*), é inútil enviar-me. [...] Mas como o Sr. anuncia que a sua é uma belíssima edição, presumo que seja uma das três primeiras. Nesse caso, peço-lhe que me envie dez exemplares, em folhas soltas ou em brochura. (p. 148)

Percebemos na carta de Ranson um comportamento comum a muitos leitores e frequentadores de sebos, a relação de confiança estabelecida com o livreiro é o um passo importante na aquisição de uma obra.

Ao falar de sua própria experiência e o que considera de importante em sua profissão, Geraldo ressalta o prazer de proporcionar diferentes emoções para as pessoas, sejam elas sentimentais, simbólicas ou práticas.

Tem cliente que chega aqui e agradece, homens e mulheres já bem de idade, compra livro barato pra poder se formar, isso aí é gratificante pra gente né! Tem muita gente que chega e diz “Aí, comprei muito livro a ele, passei no colégio, me formei”, isso é bom!

Analisar a experiência desses sujeitos, que durante tempos se dedicam a esse mercado tão peculiar, é ajudá-los a expor sua história, história esta na qual eles foram autores, sujeitos ativos, que da sua maneira, enxergaram uma forma de sobreviver

trabalhando com aquilo que, muitos deles, não tiveram nem oportunidade de ter acesso antes de tornar esses objetos sua mercadoria.

O semianalfabetíssimo de Geraldo nos leva a uma das perguntas mais intrigantes de nosso trabalho: como um homem, semianalfabeto, consegue em meio ao desemprego, enxergar no livro, o principal objeto da cultura letrada, uma possibilidade de obter uma profissão? Teria ele a noção de que tal mercadoria assumia e assume um papel tão importante na sociedade? Não sabemos. Mas mesmo que a resposta seja não, a experiência de Geraldo nos mostra que sua perspicácia ultrapassou qualquer conhecimento que por ventura ele pudesse ter sobre esse objeto.

Importa perceber que tudo que foi exposto faz parte do que conhecemos como sendo o universo dos sebos. As experiências desses sujeitos que identificamos nesse capítulo, os sebitas, os fornecedores, os clientes, todas elas nos ajudam a compreender, a nos aproximar, a tatear esse mercado, a perceber outros caminhos que os livros têm feito antes de chegar às mãos de vários sujeitos.

As experiências desses sujeitos, sobretudo, dos sebitas com quem estamos trabalhando, nos ajuda a identificar outros circuitos de aquisição de leituras diferentes do comércio editorial estabelecido, nos dando pistas, sinais, de outras formas de fluxos de leituras. Além disso, as suas práticas, a maneira como eles dão vida a esse mercado, parecem nos dar um olhar mais sensível, mais criativo de fazer mercado e de oferecer o livro, que por si só, já é envolto de uma nuvem simbólica que o torna tão desejável, tão atraente, tão necessário para as sociedades letradas.

Embora sua mercadoria seja a base da civilização, pois que é nela que se fixa a experiência humana, o livro não interessa ao nosso estômago nem a nossa vaidade. Não é portanto compulsoriamente adquirido. – O pão diz ao homem: ou me compras ou morres de fome; – O bato diz à mulher: ou me compras ou te acharão feia. E ambos são ouvidos. Mas se o livro alega que sem ele a ignorância se perpetua, os ignorantes dão de ombros, porque é próprio da ignorância sentir-se feliz em si mesma, como o porco com a lama.⁵⁰

É nessa sociedade que o livreiro exprime sua importância e sua força. Como disse Monteiro Lobato, o livreiro está entre os mais humildes dos comércios e qualquer outra mercadoria daria a um livreiro mais lucro, mas mesmo sabendo disso ele

⁵⁰ Extraído do site da Associação Nacional de Livrarias. Disponível em < <http://anl.org.br/web/> > Acesso em 25 de março de 2014.

permanece livreiro, “E é graças a esta generosa abnegação que a árvore da cultura vai aos poucos aprofundando as suas raízes e dilatando a sua fronde.”⁵¹.

Acreditamos que a história dos sebos, que pouco a pouco tem sido construída, nos permitirá dá um novo olhar ao mercado editorial e estamos conscientes de que se não considerarmos o território dos livreiros, dos sevistas, dos frequentadores, suas práticas, suas experiências, suas expectativas, não teremos como esquadrihar essa realidade que é o universo dos sebos, “Suprimam-se o livreiro e estará morto o livro – e com a morte do livro retrocederemos á idade da pedra, transfeitos em tapuias comedores de bichos de pau podre.”⁵².A história só é contada quando consideramos os agentes que a constroem e a transformam, suprimam-se os sujeitos históricos e não teremos história.

Com esse capítulo pudemos avançar no conhecimento acerca dos sebos e sevistas de Fortaleza conhecendo sua mercadoria, sua rede de fornecimento e aquisição da mesma e suas táticas de vendas.

Através desse capítulo também pudemos conhecer a atuação de sevistas não somente em contexto local, mas também nacional, e ainda, como esse mercado se associa e se relaciona com o mercado editorial estabelecido, surgindo a partir deste.

Pudemos ainda, introduzir a discussão do capítulo que se segue, onde falaremos sobre o os aspectos identitários dos sebos e dos sevistas, pois quando o diferenciamos dos demais livreiros estamos levantando elementos que o torna singular. Sabendo que a discussão sobre identidade requer uma exploração que sua complexidade reivindica, convidamos o leitor a adentrar a temática no próximo capítulo.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Ibidem.

3 O SEBISTA E A QUESTÃO DA IDENTIDADE

No capítulo anterior pudemos adentrar o contexto em que nossos sujeitos históricos atuam, de maneira a compreender melhor o mercado cujo sebista, bem como, sua mercadoria, suas táticas e redes necessárias estabelecidas para sua atuação. Isso nos permitiu não somente conhecer melhor nossos sujeitos, mas também nos familiarizarmos com aspectos importantes da sua experiência, dentre eles, inserção no mercado de livros usados, aquisição de mercadoria, critérios para o estabelecimento de preços, etc.

Reservamos para esse segundo momento um estudo voltado para o sujeito, propriamente dito, da nossa pesquisa e como sua experiência permite que ele construa a si mesmo dentro do contexto que ele atua. Queremos, com isso, dizer que nosso intuito nesse capítulo é estudar como os sebastas que estamos trabalhando estabelecem sua identidade individual e coletiva, compreendendo que fazendo eles parte de um grupo social, carregam consigo aspectos identitários os quais nos debruçaremos nesse capítulo.

Vale ressaltar que estudar o sujeito em questão não implica deixar de lado o estudo do seu ambiente de trabalho, muito pelo contrário, este é extremamente importante para levantarmos questões acerca de sua identidade, pois como já dissemos em outro momento, o sebista só existe em relação ao mercado de livros usados, bem como, o mercado de livros usados só existe porque o sebista o otimiza.

Dividimos esse capítulo em quatro tópicos e um subtópico, para melhor visualizarmos as questões tratadas no mesmo. No primeiro tópico, intitulado “*Um sebista é...’: identidade e diferença*”, tratamos do estabelecimento da identidade a partir da ação da linguagem e do discurso, bem como, de que maneira os sebastas se auto definem no contexto em que atuam em relação ao *Outro*, o diferente.

No segundo tópico, chamado “*Memória: A identidade em ação*”, discutimos um pouco sobre o papel da memória na construção da identidade. A partir das experiências rememoradas dos sebastas percebemos a ação de uma memória coletiva. Esse tópico traz ainda um subtópico intitulado “*Práticas e representação: a contribuição de Roger Chartier*”, que nos orienta quanto à importância da História Cultural para o debate da nossa pesquisa.

O terceiro tópico, “*A organização do sebo como elemento identitário*”, tem como objetivo, além de expor de que maneira os sevistas realizam a organização de seus sebos e por isso criam uma representação deste para sociedade, levantar o argumento de que essa organização é um elemento identitário e não uma questão meramente administrativa.

E por fim, o tópico “*O sevista ‘Tem que dançar conforme a música’*” trata da compreensão que os sevistas têm do contexto em que estão inseridos. A partir da rememoração do passado e das perspectivas que eles têm do futuro, percebemos de que maneira eles constroem sua identidade no transcurso do tempo.

Para tudo isso, é necessário compreendermos o que os estudos de *Identidade* têm trazido à tona e quais as contribuições desses debates para nossa pesquisa, pois a questão da identidade tem sido há muito tempo debatida entre vários estudiosos, dentre eles, sociólogos, antropólogos e historiadores, mas até hoje não se chegou a definições exatas, finitas, do que é a identidade ou de como ela se estabelece e se constrói. Não é por isso que esses estudiosos não tenham avançado nos debates e chegado a boas considerações acerca do tema.

Sabemos o quanto é fluido o estudo das identidades, exatamente porque “O próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.” (HALL, 2011, p. 8), mas acreditamos que o referido conceito é de significativa importância para questionarmos nossa hipótese de que os sevistas da cidade de Fortaleza construíram, ao longo do tempo, uma identidade compartilhada, que é percebida a partir de suas experiências. Utilizando o questionamento de Kathryn Woodward (2012) e aplicando ao nosso estudo, podemos encontrar uma “verdadeira” identidade dos sevistas?

3. 1 “UM SEVISTA É...”: IDENTIDADE E DIFERENÇA

Para Silva (2012), a identidade é simplesmente aquilo que se é, e na mesma linha de raciocínio, e “Apenas, nesse caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é [...]” (SILVA, 2012, p. 74). Quando eu digo “eu sou”, estou querendo dizer não somente o que faz de mim o que sou, mas também o que não faz, isto é, a diferença, o outro que o é.

No capítulo anterior, afirmamos que o mercado de livros usados é uma ramificação do mercado de livros convencional, experienciado pelos livreiros de livros novos. Falamos também que a partir de um, podemos assim dizer, *insight* comercial um indivíduo ou um grupo de indivíduos visualizou um novo mercado de livros originado daquilo que não interessava mais ao mercado de livros já estabelecido, como livros usados, fora de circulação, desatualizados, etc. Naquele momento, no contexto editorial, algumas distinções passaram a surgir, haveria agora um outro tipo de livreiro, o livreiro de livro usado, a saber, o sebista.

A partir dessas distinções ou diferenças é que hoje podemos afirmar ou, pelo menos, tentar dizer o que faz do sebista um sebista e não um “não sebista”. Queremos com isso dizer que existem aspectos e elementos da experiência desses sujeitos que nos permitem, dentro do contexto editorial, diferenciá-los dos demais sujeitos envolvidos com esse mercado e que estes são extremamente importantes para o estabelecimento da identidade do sebista. “Um sebista é aquele profissional que trabalha com todo tipo de livro” e “tem que ser de segunda mão” (**Francisca Auristela Alves de Sousa**, Fortaleza, 2 de setembro de 2014). Essa afirmação não só define, pelo menos para a referida entrevistada, o que é um sebista, como também o que não é. No caso, aquele que não trabalha com todo tipo de livro e nem de segunda mão, não pode ser considerado um sebista, logo “É fácil compreender [...] que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência.” (SILVA, 2012, p. 74).

Dentro da complexidade que envolve o conceito de identidade está a constatação de que a identidade e a diferença não pertencem ao mundo natural, mas são culturalmente construídas e se efetivam na linguagem, “É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais.” (SILVA, 2012, p. 77). “Não se pensa em identidade quando o ‘pertencimento’ vem naturalmente, quando é algo pelo qual não se precisa lutar, ganhar, reivindicar e defender [...]” (BAUMAN, 2012, p. 44). Dessa forma, é a partir da linguagem que essas lutas se efetivam e que as reivindicações ocorrem.

É somente a partir do momento que eu digo “eu sou isso”, “ele é aquilo” é que identidade e diferença são instituídas, e estas não podem ser compreendidas fora de um sistema de significação, “observa-se um relativo consenso entre os pesquisadores em admitir que essa seja uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o *Outro*” (CANDAU, 2011, p. 9).

Considerando que a identidade possui uma estreita relação com a diferença, isto é, com o *Outro*, vejamos o que Bauman (2012) nos diz acerca dessa relação:

A identidade *pessoal* confere significado ao ‘eu’. A identidade social garante esse significado, e além disso, permite que se fale de um ‘nós’ em que o ‘eu’, precário e inseguro, possa se abrigar, descansar em segurança e até se livrar de suas ansiedades. [...]. A identidade é percebida como segura se os poderes que a certificaram parecem prevalecer sobre ‘eles’ – os estranhos, os adversários, os outros hostis, construídos simultaneamente ao ‘nós’, no processo de autoafirmação. ‘Nós’ devemos ser poderosos, ou a identidade social não será gratificante . (p. 47)

Observemos que, assim como Candau (2011), Bauman (2012) admite ser a identidade uma construção. A identidade do outro sendo construída, simultaneamente, à construção do “nós”. Por serem culturalmente construídas podem ser alteradas ao longo do tempo, isto é, a definição de sebista na década de 1960, por exemplo, poderia ser diferente da dada pela sebista Estela na referida entrevista. Vejamos a seguir que, embora não seja uma definição, o ex-sebista Idelmar ao contar acerca da sua entrada no mercado na década de 60, menciona que no início suas vendas não consistiam na comercialização de livros, mas de revistas, “[...] eu cheguei ali tinha alguns colegas vendendo revista usada. Aí eu comecei, mais ou menos, num dia aí o Geraldo também chegou no outro dia e nós começamos ali vendendo revista usada. Aí depois foi que surgiu a ideia do livro.” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 4 de fevereiro de 2014).

Vemos que a definição de sebista, pautada no comércio do livro, poderia, se as entrevistas tivessem sido feitas na década de 60 e se o termo “sebista” já fosse empregado na época, ser diferente da de hoje, como por exemplo, “um comerciante ambulante de revistas usadas”, muito embora, a mesma definição da sebista Estela não restrinja em nada a experiência do sebista. Dessa forma, assim como as definições dadas a certos comportamentos ou experiências dos sujeitos podem ser alteradas ao longo do tempo, a identidade também continua sujeita a alterações.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’. (HALL, 2011, p. 39)

A ideia de uma identidade incompleta, em processo de formação e sujeita a alterações, é extremamente importante quando nos deparamos com sebastas que, atualmente, comercializam não somente livros usados, mas também livros novos. Isso desmitifica a ideia de que o sebastista só pode trabalhar com livro usado, embora este esteja em destaque no seu comércio. A própria entrevistada Estela que definiu o sebastista como aquele que trabalha com o livro de segunda mão, comercializa livros novos em consignação.

Embora essas contradições nos pareçam estranhas, pois tendemos a buscar uma identidade homogênea, “As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior [...]” (WOODWARD, 2012, p. 14), que só nos mostram que a noção de “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2011, p. 13).

As nossas tentativas de definições homogêneas daquilo que constituem nossa identidade, ou no caso do nosso estudo, a dos sebastistas, só é válida na tentativa de organizar mentalmente o mundo em que vivemos, assim, todas as nossas dicotomias ou jogos de palavras de sentidos opostos “são produtos de sistemas culturais de classificação cujo objetivo é a criação da ordem.” (WOODWARD, 2012, p. 48), pois as identidades podem ser compostas “por contradições que precisam ser negociadas” (WOODWARD, 2012, p. 48).

Dessa forma, ainda que a definição de sebastista seja representada, atualmente, pelo comércio de livro usado, é comum vermos esses mesmos sebastistas trabalharem hoje, ou em outros momentos, com livros novos, revistas, CDs, DVDs, isto é, outros artigos além de livros. Aliás, segundo Silva (2011) nos Oitocentos, entre a discussão da livraria mais antiga de Fortaleza, a autora informa que era comum a venda de livros em meio a outros artigos, não sendo o estabelecimento onde se vendia livros especializado apenas na venda destes, nem mesmo chamado de livrarias, mas uma casa de comércio de artigos conexos (SILVA, 2011).

Não temos, até hoje, certeza se essas casas de comércio dos Oitocentos trabalhavam apenas com livros novos. Desconfiamos, porém, que em meio ao surgimento de livrarias e tentativas de escoamento de leituras, é possível que o mercado de livros usados pudesse ser percebido de alguma forma. Por exemplo, a partir do que Silva (2011) nos fala, que “Em 1890, uma loja da Cidade dizia-se vendedora de livros. Com o anúncio “livros baratos”, em letras destacadas, a Loja Toscana oferecia “por preços baratíssimos” alguns “livros em bom estado” (p.73). Destaque de anúncios como

“livros baratos”, “livros baratíssimos” e “livros em bom estado”, só fazem sentido quando se comercializa livros de segunda mão, isto é, livros usados, mas até então é tudo que podemos tatear do “surgimento” dos nossos sebos.

Trouxemos essas informações para atentarmos para uma realidade antiga que sofreu alterações, mas que nos dá sinais de elementos estáveis, ainda visto em alguns atuais sebos, pois segundo Woodward (2012) “Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.” (p. 10). Talvez a identidade dos sebistas possa ser construída a partir dos objetos que ele “usa”, no caso, comercializa, e mesmo havendo algumas contradições, sua experiência nos dá sinais de elementos identitários, isso porque “A construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social.” (WOODWARD, 2012, p. 10).

Mas para falar de *identidade* é necessário também falar de *memória*, pois “A memória é a identidade em ação” e é ela “que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo” (CANDAU, 2011, p. 2011).

3.2 MEMÓRIA: A IDENTIDADE EM AÇÃO

Vejamos que a memória quando se transforma em discurso legítima, ainda mais, a identidade, da mesma forma, que a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade. (CANDAU, 2011). Por isso, a observação dos discursos memoriais é tão importante para detectarmos aspectos identitários dos sujeitos do estudo. Afirmações como “minha vida toda foi ligada ao livro” e “eu só poderia ser comerciante se fosse de livro.” (**Geraldo Magela Lins Guedes**, Fortaleza, 30 de junho de 2014), revelam não somente uma pré-disposição do sebista Magela em demonstrar satisfação pelo que faz, mas também aspectos identitários que justificam sua escolha pela profissão. Foi a sua experiência com o livro que o tornou um sebista, e agora, a sua identidade coletiva, ligada ao grupo de sebistas da cidade, também tem sua raiz na sua identidade individual, ligada à sua vida com o livro.

Como Rousso (2006) destaca, “A memória é incontestavelmente da atualidade”, e é há tempos discutida entre estudiosos. “Estes estudos representam uma abordagem interdisciplinar e a tentativa de integrar, ainda que com ênfase distintas, as dimensões de ‘tempo’, ‘indivíduo’ e ‘sociedade’” (SANTOS, 2002, p. 145).

A memória é, de maneira simplória, a presença do passado e “Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao

“tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana (ROUSSO, 2006, p. 94). Sendo a memória a presença do passado, ela também é

uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs.” (ROUSSO, 2006, p. 94)

Dessa forma, “A memória remete a algo mais do que a um mundo pessoal, deixando transparecer a relação entre o indivíduo e o seu meio social” (JUCÁ, 2011, p. 25), sendo assim parte integrante e essencial da identidade, permitindo, que mesmo sujeito aos efeitos do tempo, o indivíduo consiga perceber a si e aos outros no contexto no qual se encontra.

Mas essa percepção pode ser alterada de indivíduo para indivíduo, de grupos para grupos ou até de nações para nações, pois embora, toda memória individual seja coletiva, falar em “memória coletiva” não implica afirmar que as percepções, ainda que seja de um mesmo grupo, sejam compartilhadas da mesma forma.

Se o caráter coletivo de toda memória individual os parece evidente, o mesmo não se pode dizer da ideia de que existe uma ‘memória coletiva’, isto é, uma presença e portanto uma representação do passado que sejam compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade.” (ROUSSO, 2006, p. 95)

Devido a essa maneira diferente de perceber o mundo, é comum vermos os indivíduos fazerem leituras diferentes de uma mesma realidade. Vejamos a seguir as percepções dos sebastas Assis e Geraldo acerca da experiência de vender na calçada em detrimento da venda no prédio. Os dois sebastas estão falando de uma mesma realidade, a venda de livros usados nas calçadas da rua Guilherme Rocha, na década de 1960.

Há diferença porque na calçada passa muita gente ali, todo mundo tá vendo os seu livro na calçada. E outra, você não paga imposto nenhum né. Agora pra você alugar o prédio aqui no centro é caro. Aí você tem que ralar bem pra poder pagar. Lá era na calçada, você não paga nada. [...] muita gente passa ali, todo mundo vendo os seu livro. [...] Mais visado, porque era na rua né [...], dá pra você espalhar todos os livros. Já aqui é mais assim. Tem gente que num entra, [...]. (Francisco de Assis Ferreira Santos, Fortaleza, 27 de agosto de 2014)

A diferença sabe qual é? Muita diferença? Que na calçada ninguém paga nada, num prédio paga tudo. A diferença que eu acho é essa. Aqui o livro encarece mais. Pessoal sempre pergunta “tu era acostumado a vender as coisa

bem barato?”, era no mei da rua, em banca, pagava nada, vendia no chão. Aqui tem aluguel de mil e tanto, tem os funcionário, tem água, luz, telefone, internet. [...] Não, num tem diferença não (quanto as vendas). Os fregueses compravam lá no chão, compram aqui também. E aqui tem as condição melhor que...tem a condição da gente expor mais, né? No chão era difícil, era pouca coisa e aqui não. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 27 de agosto de 2013).

Duas percepções de um mesmo fato nos permitem perceber elementos comuns, como os altos impostos que eles pagam por venderem sua mercadoria em prédios no centro da cidade, pertencentes à prefeitura, e o não pagamento dos mesmos quando a venda era realizada nas calçadas. Mas também, percebermos elementos distintos, quanto às vantagens das vendas, que para o sebista Assis aumentam porque, na calçada, os livros ficam mais expostos e, por isso, atraem mais clientes. Já para o sebista Geraldo as vendas não são alteradas pelas paredes do prédio, muito pelo contrário, relata que no prédio, “As condições são melhores pra atender os fregueses, tem banheiro, tem tudo né, ventilador e tudo.” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 27 de agosto de 2014), permite que ele exponha mais livros, bem como, o encareça, e por isso, lucre mais na venda dos mesmos.

Falamos, então, da experiência de dois indivíduos de uma mesma realidade, relatada de maneiras distintas. Isso nos mostra que embora haja uma memória compartilhada entre eles, essa mesma memória não é representada da mesma maneira. Dessa forma, a memória coletiva não é, necessariamente, uma representação idêntica do passado, mas carrega consigo elementos de uma memória singular de cada indivíduo.

Essa realidade rememorada pelos sebastas acima não se trata da realidade em si, tal e qual se apresentava na década de 60, pois sabemos que uma das limitações do processo de escrita da história é a inacessibilidade, propriamente dita, do real. “Hoje, os pesquisadores das ciências humanas, ou ciências do espírito, para usar o termo de Dilthey, sabem que não é viável um conhecimento pleno do real” (SANTOS, 2011, p. 42), conhecemos, apenas, os fenômenos do real representados, e não o real em si, embora ele exista. (SANTOS, 2011).

Não queremos usar do dualismo *real x representação*, mas ressaltamos que a representação aqui, sobretudo, dos discursos proferidos pelos nossos sujeitos históricos, não deve ser entendida como algo mimético, cópia pura do real, mas “São interpretações de fenômenos culturais.” (SANTOS, 2011, p. 42- 43).

Dotadas da mesma complexidade que o termo *representação*, as noções de ‘identidade’ e ‘memória’ são ambíguas, exatamente porque estão diretamente ligadas àquele conceito (CANDAU, 2011).

3.2.1 Práticas e representação: a contribuição de Roger Chartier

Antes de adentrarmos a discussão sobre *representação* cabe mencionar e até nos debruçar um pouco sobre o campo onde esse conceito ou, para alguns, noção (BARROS, 2005), ganha força e significado, a saber, a História Cultural.

Segundo Chartier “[...] a história cultural tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (1990, p. 17). Ainda no que diz respeito ao pensamento de Chartier, essa História chamada Cultural, isto é, que se ocupa dos aspectos e elementos culturais, se interessa pelos sujeitos produtores e receptores de cultura, desde os intelectuais, artistas (produtores), até a massa, leitor comum (receptores) que são quem dinamiza a Indústria Cultural⁵³ responsável por boa parte da difusão da cultura.

Para o historiador francês, este campo historiográfico estudaria, dentro de um contexto social, os “mecanismos de produção dos objetos culturais” (aqui entendidos como quaisquer objetos culturais, e não apenas as obras-primas oficialmente reconhecidas). A História Cultural enfoca não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, como também os seus mecanismos de recepção [...] (BARROS, 2005, p. 128)

Compreendemos que a História Cultural ou uma história da cultura, não se limita a estudar apenas a produção literária e artística oficialmente reconhecida, mas abarca toda a dimensão cultural de uma sociedade localizada no tempo e no espaço, tendo como termo ordenador da vida humana, a ‘cultura’, essa dimensão “Trata-se, no entanto, de uma dimensão múltipla, plural, complexa, que pode gerar diversas aproximações diferenciadas.” (BARROS, 2005, p. 129).

A “História Intelectual” (DARNTON, 1990), praticada pelos historiadores da cultura no século XIX, conhecida como a história que tem como pretensão o estudo das manifestações textuais da História da Literatura e da História da Filosofia,

⁵³ Segundo o Dicionário de conceitos históricos de Kalina Vanderlei Silva (2005), Indústria Cultural “é a produção e disseminação de produtos culturais para o consumo em massa, ou seja, o consumo de grande número de pessoas em diferentes lugares, independentemente, das particularidades culturais.” (p. 225). Essa produção é realizada e promovida pelos meios de comunicação e é interligada à atividade industrial. Jornais, revistas, programas de TV, livros, etc. são exemplos de produtos culturais.

“Estudava-se então a cultura renascentista [...], as obras de arte dos vários períodos, os grandes textos literários, os tratados filosóficos [...]” (BARROS, 2005, p. 127), ignorando as demais manifestações que partiam não da “alta cultura”, mas do homem comum, da cultura popular, “Além disto, negligenciava-se o fato de que toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura.” (BARROS, 2005, p. 127).

Dessa forma, a História Cultural surge com uma perspectiva mais ampla do conceito de cultura, defendendo a ideia de que qualquer homem, rico ou pobre, alfabetizado ou analfabeto, intelectual ou não, também é produtor de cultura, e como aspecto mais elementar dessa produção está a comunicação, “A própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam esta noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura [...]” (BARROS, 2005, p. 127). Assim, a única condição dada ao sujeito para que ele produza cultura, é a sua existência.

A grande contribuição de Roger Chartier para a História Cultural foi a elaboração dos conceitos de *práticas* e *representações*, que de acordo com sua compreensão,

A Cultura (ou as diversas formações culturais) poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre estes dois pólos. Tanto os objetos culturais seriam produzidos “entre práticas e representações”, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos “modos de fazer” e aos ‘modos de ver’. (BARROS, 2005, p. 131)

Segundo Chartier (1991), nas definições antigas as acepções da palavra “representação” caminham em meio a duas famílias de sentido distinto e, aparentemente, contraditórias: na primeira, “a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado”, e na segunda, “é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa.” (p. 184). A primeira acepção, nos dá a noção de substituição de uma imagem, objeto, semelhante ou não a algo que não está presente, e essa noção se apresenta como “Uma relação decifrável [que] é, portanto, postulada entre o signo visível e o referente significado — o que não quer dizer, é claro, que é necessariamente decifrado tal qual deveria ser. (CHARTIER, 1991, p. 184).

Como práticas compreende-se

não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros.” (BARROS, 2005, p. 131)

As noções de práticas e representações nos são úteis porque através delas podemos analisar tanto os sujeitos como seus objetos, a maneira como estes e aqueles se movimentam, produzem e difundem cultura, bem como, “os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes.” (BARROS, 2005, p. 135).

A teoria de Chartier pretende fazer com que compreendamos como os sujeitos em uma dada realidade historicamente percebida constroem, produzem, compreendem a si e ao outro, e representam o mundo que vivem, dando a reconhecer uma identidade social. A noção de “representação social” de Chartier articula três modalidades de relação com o mundo social:

[...] o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991, p. 183)

Dessa forma, a História Cultural foca sua atenção tanto nos sujeitos, quanto nas estratégias simbólicas dos mesmos que determinam e constroem suas relações sociais, estabelecendo assim aspectos constitutivos de sua identidade. (CHARTIER, 1991).

Apoiando-nos nas noções de práticas e representações de Chartier, reconhecidas na História Cultural, acreditamos que esse é o caminho pelo qual pintamos as experiências dos sebastas a fim de compreendê-las dentro de uma realidade histórica.

Segundo já citamos, Woodward (2012) nos diz que existe uma associação entre a identidade de uma pessoa e as coisas que ela “usa”. Alargando um pouco mais essa afirmação, pensamos que essa associação é feita não somente pelo uso da “coisa”, mas também pela maneira que essa “coisa” é usada.

Quando falamos no mercado editorial pensamos em vários tipos de livreiros (inclusive o sebista) que usam o livro para comercializar. Mas embora estejamos nos referindo a dois profissionais que lidam com o livro, já mencionamos algumas diferenças entre esses profissionais, que indicam formas diferentes de usar a “coisa” e que, por sua vez, nos remete a uma identidade, em parte compartilhada, por lidarem ambos com o livro, mas também diferenciada, pois não se trata do mesmo livro.

É possível traçar alguns aspectos (como já fizemos anteriormente) da experiência dos sebistas que nos remetem a sua identidade sem que seja preciso fazer perguntas ou levantar questionamentos diretos como “O que faz de você um sebista?”, “Que elementos da sua identidade faz de você um sebista?”, ou mesmo, “O que é um sebista?”, ainda que tenhamos utilizado algumas dessas perguntas em nosso roteiro de entrevista.

Queremos com isso dizer que, ao longo da pesquisa, percebemos que ainda que os nossos sujeitos não soubessem responder às nossas perguntas de maneira direta, que aconteceu muitas vezes, a observação da maneira como eles lidavam ou lidam com sua realidade enquanto sebista era passível de uma análise, de maneira que nossas perguntas eram respondidas, na medida em que, presenciávamos uma venda, uma troca, ouvíamos um telefonema, uma conversa com um cliente ou contemplávamos uma recordação.

Vale lembrar que nossos entrevistados não são pessoas que tiveram uma vida muito promissora na educação, alguns sequer foram à escola, estudaram pouco, dentre eles, apenas o sebista Magela possui ensino superior, portanto, são homens comuns, que aprenderam acerca do mercado editorial através da sua própria experiência e não porque estudaram sobre ele. Portanto, quando eles falavam das suas experiências, do início do seu trabalho com o livro usado, da maneira como comercializam sua mercadoria, ou ainda, quando se portavam a um cliente, ou faziam uma troca, ou compra, ou venda na nossa frente, eles respondiam às nossas perguntas. Dessa forma, percebemos que o seu mundo estava ali, na nossa frente, em uma realidade dada a ler e que, embora não fosse fácil, era através da observação das suas práticas e da maneira como ele “usa” os seus objetos, íamos conseguir analisar os aspectos elementares de sua identidade.

Certos de que a identidade de um sujeito pode ser analisada não apenas pela associação das “coisas” que ele usa, mas também pela maneira como ele as usa,

passamos a observar a própria organização do sebo, a fim de descobrirmos se ela era um aspecto identitário.

3.3 A ORGANIZAÇÃO DO SEBO COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO

Ao indagarmos como era realizada a organização de suas lojas, os sevistas eram unânimes em afirmar que ela era feita por áreas do conhecimento, embora alguns deles também mencionassem o desafio e a dificuldade em manter a organização dessa forma.

Há uma tentativa de organização, mas em função da, do grande volume de obras que eu recebi mais recentemente eu tô com muitas fora de local, eu não estou organizado. Então a característica nossa aqui, nós não estamos organizados. Agora, na medida em que pudemos, organizamos por setor, história, física, matemática, química, literatura estrangeira, literatura brasileira, filosofia, religião, organizamos por setor e essa é a forma de organização, eu acho que da grande maioria do livreiros, não só sevista, como livreiros que trabalham com livros novos somente, e também daqueles que, daqueles sevistas, que como eu, trabalham também com livros novos. (**Geraldo Magela Lins Guedes**, Fortaleza, 30 de junho de 2014)

Eu aqui organizo mais assim por assunto, sabe? As literatura assim, eu ponho num canto, livro didático, livro de ensino médio eu ponho em outro, filosofia pra outro lá, psicologia, também é uns livro que num aparece muito [...] tem poucas coisa. As vez é uma estante assim a gente põe filosofia e psicologia tudo junto numa estante pequenininha assim. Agora didático não, a gente coloca tudo assim (na frente do balcão), aparece mais [...]. Tú quer um livro já olha aqui, física, matemática...Eu nem uso negócio de computador [...] (**Francisco de Assis Ferreira Santos**, Fortaleza, 27 de agosto de 2014)

O fator organização nesse tipo de livraria sempre foi, desde que elas passaram a se popularizar, um aspecto singular. Embora, seja comum a organização por áreas do conhecimento, também é muito comum encontrar um ou outro livro fora do seu local e basta um livro fora do local de origem, onde o sevista colocou, para que se inicie uma verdadeira aventura em busca do “tesouro perdido”.

A gente separa por assunto, mais ou menos por área, facilita pra gente e até mesmo pras pessoas que vem procurar, [...], o povo num gosta de ficar, da pessoa ficar o tempo todo ali no seu pé “Você tá procurando alguma coisa?” [...], a única coisa que eu pergunto quando a pessoa chega aqui perguntando se é separado por área, então eu pergunto “Você procura algum livro específico, algum assunto?”, “Quer ver literatura”, “Olha tem livro, aqui eu tenho contos, romances, tem teoria literária nessa estantezinha aqui e naquela sala de lá, é literatura universal”, aí a pessoa já vai [...], aí eu pergunto se tiver algum livro, as vezes eu sei onde é que tem. Dá certeza de

que tem, eu não dô não porque as vezes eu coloco um livro num lugar, sei que eu butei ali, sei que tá lá porque eu butei né, quando vou pegar num tá, então eu já levei muito dessas aí né.[...]. Eu agora evito de dá certeza de onde tá porque antes eu sabia, quando o acervo era menos né, mas ele cresce a cada dia então acho melhor num arriscar e dizer que tem. (**Francisca Auristela Alves de Sousa**, Fortaleza, 27 de agosto de 2014).

Percebemos nas falas que a dinâmica do sebo, isto é, entrada e saída dos livros, é um dos fatores que impedem a organização do sebo, não pelo processo entrada-saída, propriamente dito, mas pela rapidez com que alguns livros entram e saem, sem que muitas vezes, o sebista tenha tido tempo de saber de sua existência, além das grandes quantidades de livros que eles têm que lidar diariamente, sem possuírem um sistema de registro dos títulos, pois, nenhum dos entrevistados possuem um sistema, ainda que manual, para o registro dos títulos que entram e que saem da sua loja.

Eis um aspecto comum entre os sebistas e a sua forma de organizar suas lojas, normalmente, a organização se dá por áreas do conhecimento, mas nem sempre a forma de idealizar uma organização se faz de maneira unânime entre eles.

Separados por área do conhecimento, porque..o que é que eu chamaria de uma organização próxima do...muito próxima do desejável: é os livros organizados por área de conhecimento e os setores divididos entre os funcionários. Então, eu, por exemplo, me encarregaria, principalmente, pela área de ciências exatas, que é a minha área de formação, uma outra pessoa trabalharia com literatura estrangeira, literatura brasileira né, auto-ajuda e assim por diante, outra pessoa com filosofia, com história, com sociologia, com política né, e por ai a fora. Sem que isso impedisse que cada uma dessas pessoas de ter algum conhecimento das outras áreas também, além daquela que ele é, especificamente, encarregado. (**Geraldo Magela Lins Guedes**, Fortaleza, 30 de junho de 2014)

Para Magela, assim como para os demais sebistas, a organização por área do conhecimento atende às necessidades de seus clientes, mas a pouca quantidade de funcionários que possui dificulta o atendimento ao cliente, na medida em que, eles não conseguem atender a todas as áreas divididas e acabam não tomando consciência de todos os livros disponíveis para a venda. Ele reconhece que um sistema de registro facilitaria a busca e o encontro dos livros, mas não acredita que esse seja um fator determinante para suas vendas.

Para Estela, o sebo onde trabalha é organizado, “por não ser informatizado, num ter catálogo” (**Francisca Auristela Alves de Sousa**, Fortaleza, 27 de agosto de 2014), ela considera que sua organização tem atendido as necessidades dos clientes, mas menciona a informatização como um aspecto ideal para a organização.

Mas essa organização nem sempre se deu dessa forma. Na década de 60, quando Geraldo começou a vender livros nas calçadas, ele conta que a exposição dos livros, diferentemente de hoje, era feita de maneira “aleatória”, embora algumas vezes ele expusesse muitos livros, ele não usava de um arranjo lógico para expor sua mercadoria porque “sempre o povo gosta é de escolher [...]. No chão era difícil o povo procurar” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 28 de novembro de 2014) um livro específico, de maneira que, ele não sentia necessidade de se utilizar de outra forma para expor sua mercadoria.

Ao começar a comercializar livros dentro de um dos prédios alugados no Centro, Geraldo conta que a opção de expor a mercadoria por área do conhecimento só passou a ser efetivada com a chegada da funcionária Estela, “eu botava mais ou menos, os didáticos separados, outras coisa eu botava separado. [...]. Ela já tinha tido um trabalhozim em biblioteca no colégio que ela trabalhou” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 28 de novembro de 2014), e por isso, estava habituada a pensar a organização, pelo menos, por área do conhecimento, como é comumente visto em bibliotecas. “E ficou melhor né, porque a pessoa sabe né. Procura uma coisa e vai direto no lugar de procurar. Filosofia vão ali, História vão ali, e assim por diante.” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 28 de novembro de 2014).

Com base em todas as falas acima, afirmamos que esse tipo de organização, por áreas do conhecimento, é comum a todos os sebos atualmente, assim como a todas as livrarias tradicionais, mas diferentemente dessas, o sebista, embora considere uma dificuldade, não se sente obrigado a tornar todos os itens acessíveis de maneira plenamente organizada em sua loja, pois diferente do cliente de livraria, o cliente do sebo tem prazer na procura, na descoberta, na surpresa de encontrar os tesouros perdidos, porque

a pessoa quer vim e olhar, chegar assim e sentar e ficar à vontade, vendo os livro. E as vezes, a pessoa nem tá pensando em comprar aquele livro, mas vê aquele livro e ele gostou [...]. A maioria do pessoal que vai em sebo é que eles gostam de tá olhando direitinho tudim, vendo os livro [...]. Agora quem não gosta de sebo vai lá na livraria de livro novo, chega lá pede um livro, o pessoal vai lá no computador ali né, se tem [...], se não tem. (**Francisco de Assis Ferreira Santos**, Fortaleza, 27 de agosto de 2014).

Durante muito tempo, e até hoje, reconhecemos que os sebos não detêm de uma organização plenamente satisfatória, tal qual, nós concebemos a ideia de organização, isto é, possuidor de uma lógica consciente, como fazem as bibliotecas com

seus sistemas de classificação⁵⁴ e de catalogação⁵⁵, manuais ou informatizados, que estabelecem a ordem dos títulos, a que estante pertencem, etc. Espaço bagunçado, onde se procura, onde se investe tempo entre as prateleiras, onde os doentes com renite, sinusite, não podem entrar, essa foi e, ainda é, a representação concebida dos sebos. E como essa representação altera as práticas dos sebigistas?

Ora, altera de, pelo menos, duas formas, aparentemente contraditórias. A primeira diz respeito ao sentimento de não obrigação de manter um espaço logicamente organizado, visto que, como dito antes, o cliente de sebo experiencia a ida ao sebo de forma diferente do cliente de livraria convencional. O cliente de sebo sabe que no mínimo ele investirá boa parte de seu tempo na procura entre as estantes, e muitas vezes, esse é seu maior incentivo quando se dirige a essa loja. Segundo, altera na tentativa de romper com essa representação, ou estereótipo, construído ao longo do tempo acerca dos sebos.

Eu acho que isso é uma questão que depende do próprio proprietário do sebo, depende da visão que ele tem das coisas né, mas me parece que sebos com essas característica, eles se prejudicam muito né, realmente eu acho que você, o fato de você ter um sebo não significa que você não possa criar um ambiente onde a pessoa se sinta bem né, [...] aqui, por exemplo, eu tenho uma quantidade, razoável, de ventiladores que não resolvem o problema, mas minimizam, que o calor na cidade é muito grande, eu tenho lugar pro cliente se sentar, ler um pouco se ele quiser, tem água pra ele beber, tenho banheiro pra ele usar, tenho pia pra ele lavar as mãos depois de examinar os livros, então, são tudo coisas que eu acho importante que um cliente encontre. (Geraldo Magela Lins Guedes, Fortaleza, 30 de junho de 2014)

Essa preocupação de manter um ambiente agradável para os clientes é uma preocupação de muitos dos sebigistas de Fortaleza, mas ainda que haja a preocupação de romper com essa representação de espaço empoeirado, desorganizado, dentre outras características, os sebigistas não detêm de uma preocupação de romper totalmente com essa representação, por isso afirmo que essas práticas são aparentemente contraditórias. Parece-nos até, que eles convivem bem com essa imagem tida pela sociedade. Mas o

⁵⁴ Segundo o Dicionário de biblioteconomia e arquivologia e Murilo Bastos da Cunha (2008) um sistema de classificação pode ser compreendido como um plano para o arranjo de documentos de acordo com princípios predeterminados. Os sistemas mais conhecidos são a Classificação Decimal de Dewey (CDD), Classificação Decimal Universal (CDU) e a Classificação Expansiva (Cutter) usada para a classificação de autores.

⁵⁵ Ainda conforme o Dicionário de biblioteconomia e arquivologia e Murilo Bastos da Cunha (2008) um sistema de catalogação é um módulo de um sistema de automação de biblioteca, que tem o objetivo de criar catálogos que auxiliem na busca dos registros disponíveis na biblioteca. Um dos catálogos mais conhecidos e utilizados é o arquivo de registros MARC disponível comercialmente.

que essa “despreocupação” tem a ver com a representatividade dos sebos ao longo do tempo?

Em uma sociedade marcada pelas novas tecnologias, nanotecnologia, nova medicina, em uma sociedade sempre tendendo ao novo, às substituições diárias, o sebo representa aquela parte da nossa vida que não passa, ou que, pelo menos, ainda não passou. O sebo é o velho no novo, na nova vida ou nesse novo jeito de se viver. Ele permanece porque ainda lida com o essencial da cultura letrada, o livro, propriamente dito.

Em meio a *Ipads, kindles, tablets*, onde o livro eletrônico encontrou suporte, o sebo permanece porque por mais que se fale em uma decadência ou até mesmo extinção do livro impresso, em detrimento de todas essas novas tecnologias, que são substituídas rapidamente por outras, o livro impresso ainda faz parte do cotidiano da cultura letrada, ainda não é passado. É isso que o sebo representa, a parte da nossa vida que ainda não passou, que subsiste em meio ao novo.

Rapaz tá acontecendo uma coisa, que eu tô me admirando, que eu tô achando é bom. O povo tão pegando as biblioteca, informatizando e vendendo os livro. Vende os livro e eu acho é bom. De vez em quando um bocado de livro bom aqui. Eu comprei duas vez livro de biblioteca. [...]. Eu tô tranquilo em relação a isso aí. Agora eu vou dizer, precisa a gente trabalhar com cuidado, porque quem não trabalhar com cuidado é arriscado quebrar. [...]. Tem que dançar conforme a música. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 28 de novembro de 2014)

É importante lembrar que eles têm consciência e estão alerta ao que tem acontecido no mundo ao seu redor. Eles sabem que, por exemplo, o livro impresso já possui outro valor na sociedade atual, em virtude das demais opções apresentadas atualmente. A afirmação de Geraldo sobre o cuidado que os sevistas devem tomar ao trabalhar atualmente demonstra essa consciência. Essa é a leitura que Geraldo faz do mercado de livros usados atual, rememorando toda a sua experiência ao longo do tempo. Os sebos e os sevistas, além de difusores de cultura são essenciais para compreendermos o novo. Mesmo alertas e conscientes das mudanças ocorridas, não existe entre os sevistas qualquer preocupação acerca dessa imagem apocalíptica tida por algumas pessoas acerca do livro impresso.

Os sevistas são os velhos do mercado editorial, não por já trabalharem há um longo tempo, visto que, temos muito mais notícias de antigas livrarias do que de

sebos, e ainda, por acreditarmos que estes surgiram depois daquelas, mas por suas características, pelas coisas que fazem uso.

Dizem que os velhos têm mania de guardar coisas velhas, antigas, quinquilharias, sempre com a esperança de que um dia aquilo sirva para alguma coisa ou para alguém. Assim são os sebigas e seus sebos com seus livros usados e antigos, pois, “O tempo acresce o seu valor.” (BOSI, 2003, p. 27). Existem neles a mesma calma e tranquilidade que há nos velhos entrevistados por Ecléa Bosi (1979) e Gisafran Nazareno Mota Jucá (2011). A calma e a tranquilidade adquirida pela experiência.

3.4 O SEBIGA “TEM QUE DANÇAR CONFORME A MÚSICA”

O discurso “Tem que dançar conforme a música” pronunciado por Geraldo nos lembra um debate apresentado por Alain Touraine, analisado por Bauman (2012), acerca de dois programas, por vezes envoltos de confusão, a saber, o “multiculturalismo” e o ‘multicomunitarismo’, que refletem, basicamente, sobre identidade e tradição cultural em nível nacional, o papel do Estado-nação e das várias comunidades encontradas no contexto nacional. Resumindo, e muito, esse rico debate, para o multiculturalismo, a diversidade cultural no contexto nacional se apresenta de forma enriquecedora, enquanto para o multicomunitarismo, os valores universais, defendidos pelo Estado-nação, empobrecem a identidade das comunidades.

Dentre as diferenças entre os dois programas trabalhados por Bauman (2012) o que mais interessa ao nosso debate, é a terceira diferença que o autor destaca, vinda por parte dos comunitaristas, onde as comunidades passam a desenvolver uma mentalidade de “fortaleza sitiada”, na qual qualquer comunicação em nível cultural do “nós” com “eles”, afeta negativamente a identidade do “nós”. “O sentimento de fragilidade não alimenta a confiança, enquanto a falta de confiança alimenta uma suspeita que beira a paranoia” (BAUMAN, 2012, p. 65).

Embora tenhamos dito anteriormente que não há entre os sebigas qualquer preocupação com as atuais teorias apocalípticas acerca do livro impresso, para alguns deles, embora não se apresente como um medo concreto do futuro, as mudanças ocorridas ao longo do tempo não se apresentam de maneira muito amigável. Vejamos o que Magela nos fala acerca de algumas mudanças ocorridas ao longo de sua experiência na venda de livros.

Olha, eu diria a você o seguinte, eu já passei aqui muitas dificuldades. Eu diria que exatamente por não ser um comerciante [...] digamos assim, um comerciante esperto, não ser um comerciante, verdadeiramente, um comerciante, tanto que, como eu lhe disse só poderia lidar com livros, o que eu digo a você o seguinte, eu estou, razoável, por me sentir assim persistente, por ter sobrevivido a todos os problemas, por ter um sebo né, com uma perspectiva ainda de melhorar e tudo mais...ter mantido, só o fato de ter mantido esse sebo, durante todos esses anos, me deixa muito feliz. Agora eu sinto que o momento mais favorável ao sebo e as livrarias, esse momento eu não pude aproveitar, realmente pra crescer mais, pra ser uma pessoa, digamos tranqüila dentro do ramo. Esse momento passou faz tempo! Por incrível que pareça o melhor momento pra quem tinha livrarias e pra quem tinha sebo, livrarias normais e livrarias tipo sebo, era a época em que se lia mais, porque não havia essas tecnologias e era a época da inflação alta, aquilo era uma época boa para livreiro. A inflação alta era muito conveniente para o livreiro, por incrível que pareça [...] pra nós se a inflação alta voltasse, seria ótimo. (Geraldo Magela Lins Guedes, Fortaleza, 30 de junho de 2014)

Observemos que na fala de Magela os termos “persistência” e “sobrevivência” se apresentam como elementos importantes nesse mercado. As mudanças ocorridas ao longo do tempo se mostram, não somente, como um desafio, mas dão à experiência do sebista um aspecto resiliente, “eu já passei aqui por muitas dificuldades” mas sobrevivi, mas me mantive em pé” (Idem). A resiliência é um aspecto identitário do sebista, na medida em que, como afirmado por Monteiro Lobato, citado no início do nosso estudo, o livro não é um objeto fácil de ser comercializado, mas mesmo assim, nossos sujeitos permanecem livreiros.

Em contrapartida, percebemos no discurso de Magela um certo pessimismo acerca do futuro ou do presente da venda de livros, usados ou não. A esperança de vivenciar um momento favorável nesse mercado, não pertence mais ao presente, nem tampouco ao futuro, pois esse tempo já passou. “Na época que se lia mais”, “que não havia essas tecnologias”, ou ainda, quando na “época da inflação alta”.

Ao falar do baixo índice de leitura, Magela quer na verdade, falar da “crise” do livro impresso, sobretudo, no contexto escolar. Diversas vezes, ao conversamos, Magela fala da importância que as escolas tinham antigamente para o mercado de livros usados, visto que, muitas vezes, os pais por não poderem comprar os livros novos, acabavam aproveitando as oportunidades apresentadas pelos sebos, mas depois de um tempo “as editoras não permitem mais que o livro usado chegue nas mãos do livreiro que trabalha com livro de segunda mão. Quando o livro começa a aparecer [...] eles já têm lançado uma nova edição” (Geraldo Magela Lins Guedes, Fortaleza, 28 de janeiro de 2014), dificultando a venda do livro didático usado.

Outro fator apresentado por Magela é o surgimento das novas tecnologias, em que ele cita não somente o advento da internet, mas também a cultura da Xerox, que passou a ser uma realidade antes mesmo da internet.

Ainda no contexto escolar, Magela relata que as escolas não somente passaram a exigir, cada vez menos, a leitura de livros literários e paradidáticos, como passaram a produzir os seus próprios materiais de ensino, surgindo assim, as apostilas.

A situação era muito melhor, pra comercializar livros usados era muito melhor porque nós não tínhamos várias concorrências que nós temos hoje né, como a concorrência da Xerox, como a concorrência da internet né, uma concorrência brutal...muitos livros baixados da internet, as pessoas tem acesso através da internet” (**Geraldo Magela Lins Guedes**, Fortaleza, 28 de janeiro de 2014)

Magela ainda apresenta outro fator que se alterou ao longo do tempo, que interferiu diretamente no mercado de livros, a inflação.

A época da inflação alta, digamos que um livro, vamos dizer que uma inflação de quarenta por cento ao mês, então todo dia primeiro de cada mês, todo dia primeiro de cada mês, as editoras praticavam um aumento correspondente à inflação, mas quando era no dia trinta, ela ligava pra você e dizia “Quer aproveitar o preço de hoje? E fazer um pedido?” e você fazia. Se o livro custava cem (reais), você comprava por sessenta (reais). Quando ele chegava na sua loja, ele já tava custando cento e quarenta (reais) e quando você ia pagar, ele já estava custando quase duzentos, porque você ia pagar, digamos com quarenta e cinco dias, então já tinha havido um novo aumento quando você ia pagar, então ele já tava custando o triplo do que você pagou, então era um negócio para o livreiro, que tivesse condição de comprar muito, naquela época e pagar direitinho e tal, era um negócio excelente. [...]Era a época, acho que governo Sarney, principalmente, acho que foi na época do governo Sarney, nós tivemos essa inflação tão alta assim. (**Geraldo Magela Lins Guedes**, Fortaleza, 28 de janeiro de 2014)

Analisando o discurso de Magela, observamos que há na sua leitura acerca do mercado de livros usados, se não a mesma, pelo menos uma semelhança com a mentalidade dos comunitaristas de Alain Toraine, analisado por Bauman (2012). O mercado de livros usados como uma “fortaleza sitiada”, separada do mundo onde existem novas possibilidades de obtenção do livro, e até, de leituras. Embora em nenhum momento Magela demonstre a crença no fim do livro, e por isso, no fim de sua profissão, há uma certa fragilidade no mercado de livros usados compreendido por ele, e por isso, essa compreensão é facilmente abalada pelas mudanças ocorridas.

Até alguns anos atrás eu botava uma enciclopédia Barsa, de um lado, e uma Mirador do outro lado e toda semana eu vendia uma delas. Hoje se eu botar uma Barsa e uma Mirador, de cada lado ali da entrada da livraria, eu passo seis meses e não vendo uma. As tecnologias, digamos, acabaram com determinado tipo de livros né, e não criaram outros que você pudesse, que pudesse substituir. O mercado do livro, sob esse ponto de vista, ele decresceu. (**Geraldo Magela Lins Guedes**, Fortaleza, 28 de janeiro de 2014)

A leitura feita por Magela acerca do mercado de livros usados em Fortaleza possui um tom pessimista, sobretudo, porque para ele o jeito pós-moderno de se viver, representado pelas apostilas escolares, os livros baixados na internet, as reproduções de livros pelas máquinas de Xerox, parecem colocar em risco não somente a venda de alguns tipos de livros, mas o próprio crescimento do mercado de livros usados. Na leitura de Magela o discurso “multicultural”, marcado, sobretudo, pelas trocas entre as várias culturas (aqui nos referindo a uma cultura impressa e uma cultura digital, informatizada), não tem muito espaço. Na leitura de Magela, não se “dança conforme a música”, contrastando com a visão do sebista Geraldo, mas sobrevive-se às mudanças ocorridas ao longo do tempo. É possível que ao final de sua carreira, não haja um canto de vitória, mas de sobrevivência.

É certo que essa visão negativa da nova realidade marcada pelo surgimento das apostilas, das Xerox, do advento da internet, não aparece apenas nos discursos de Magela, outros sebistas também apontam esses elementos como interferências nas suas práticas, como podemos verificar no discurso do sebista Antônio.

Mas porque nesse tempo, não é que fosse maior a procura por livros, mas é porque não existe o projeto do Governo Federal de dar livros nos colégios né, então a procura era talvez...cinco vezes ou dez vezes mais de que é. Porque o Governo nunca tinha dado livros pras pessoas né. Hoje em dia os colégio [particulares], os colégios passaram a fazer apostilhas né e...o computador também derrubou, a Xerox também, tão fazendo muito livro em Xerox, os paradidáticos, principalmente, os paradidáticos. Então a venda caiu muito, caiu, em relação a essa década aí. (**Antonio Vieira Alves**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014)

Analisamos mais cuidadosamente o discurso de Magela porque nele percebemos um tom, inclusive da sua voz, de lamento, de perda de um tempo mais promissor para sua profissão, assim o termo “sobrevivência” nos causou um certo estranhamento ao analisarmos a leitura de Magela, uma sensação de que o mercado de livros usados, mesmo com opiniões positivas como a do Geraldo, nada contra a corrente, se esforça para se manter em um mundo que tem rapidamente mudado seu

comportamento diante do livro. Mas, analisando as experiências dos sebistas, percebemos que é isso mesmo, e nada é mais coerente do que essa certeza.

Até o presente momento, sabemos que o mercado de livros usados surgiu de um mercado de livros já estabelecido, representado pelas editoras e pelas livrarias de livros novos. Não sabemos bem como surgiu a ideia de comercializar livros usados, nem quem a originou, mas sabemos que tudo surgiu a partir das estratégias de uns, os livreiros de livros novos, que detinham o poder de comprar de editoras e até mesmo de editar os próprios livros, prática comum nos oitocentos (SILVA, 2011).

Sabemos também que os sebistas desde sempre se utilizaram do mercado estabelecido para manter sua dinâmica, afinal os livros usados já foram livros novos outrora e é baseado nos preços do mercado estabelecido que, muitas vezes, os sebistas baseiam suas vendas.

Há na realidade da experiência dos sebistas uma falsa autonomia, independência, e chamamos de falsa porque, analisando a sua ideia original até o presente momento, ela é diretamente ligada e dependente do mercado estabelecido, de tal forma que, pequenas alterações neste, são capazes de abalar, ainda que de forma sutil, a dinâmica dos sebos. Por exemplo, a produção de apostilas pelas escolas, torna completamente desnecessário a produção de livros didáticos, ou melhor, a exigência de obtenção desses livros por parte dos alunos, visto que as apostilas são compostas não somente pelos exercícios cujo aluno deve realizar, mas também pelo próprio conteúdo a ser estudado. Isso implica em uma diminuição das vendas de livros didáticos pelos sebistas. Embora não tenha havido uma completa improdutividade no ramo dos livros didáticos, é perceptível que a produção de apostilas pelas escolas tenha de fato alterado o cenário de produção desse seguimento de livros.

Vale ressaltar que a falta de autonomia pelos sebistas que citamos aqui, não se refere às práticas que eles mesmos inauguraram, quanto da sua forma de adquirir e negociar sua mercadoria, isso é inquestionavelmente, algo próprio, peculiar, mas quanto à dependência que eles possuem do seu contexto. É dos sebistas as táticas, como nos fala Certeau (2014) e não as estratégias. Estas pertencem ao mercado estabelecido.

Queremos dizer que o lugar que o sebista ocupa é senão o lugar do próprio mercado estabelecido pelas editoras e pelas livrarias. Isto é, os sebistas não possuem algo que podem chamar de “próprio”, a não ser que relacionado ao Outro. Fora do lugar do Outro, o mercado de livros usados não existe.

A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria; a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’ [...], e no espaço por ele controlado. (CERTEAU, 2014, p. 94).

A experiência do sebista se efetiva e se destaca quando no “campo do inimigo” ele cria formas de jogar com suas próprias cartas e embora ele mesmo não consiga ditar as regras, ele consegue jogar as leis que lhes são impostas. Eles “dançam conforme a música” como nos disse Geraldo, “opera golpe por golpe, lance por lance, aproveita as ‘ocasiões’” (CERTEAU, 2014, p. 94-95), mas, às vezes, são abalados pelas estratégias do outro ou pelos “azares do tempo” (CERTEAU, 2014) como percebemos no discurso de Magela. Os sebistas dependem, quase sempre, da sua astúcia, como qualquer jogador no campo do inimigo.

Em meio a tantas práticas que são próprias dos sebistas, acreditamos que esse seja o elemento mais importante da sua identidade, ele é, por natureza, um jogador astuto e persistente.

Retomando o questionamento que tomamos emprestado de Kathryn Woodward (2012) no início do capítulo, se podíamos encontrar uma “verdadeira” identidade dos sebistas, vimos que embora tenhamos iniciado o estudo “focados” ou “viciados” em demonstrar quão diferente os sebistas são dos demais livreiros, concluímos com nossas análises, que na verdade, eles, embora sejam dotados de características peculiares quanto ao seu modo de fazer mercado, constroem, ao mesmo tempo, sua identidade sempre em relação ao Outro, isto é, sua identidade, assim como a identidade de qualquer indivíduo, é construída não somente a partir de suas experiências individuais, mas também como resultado de um processo de socialização, convergindo com o pensamento de Dubar (1997), em que a identidade para si não se separa da identidade para o outro. Elas são correlatas, em um processo de interdependência.

Dessa forma, a verdadeira identidade dos sebistas não se apresenta de forma unificada, homogênea e estática, mas de maneira caleidoscópica e dinâmica na medida em que se relaciona com o Outro, seja o diferente ou não, e também com o seu contexto, em um processo permanente de mutação, amoldamento e transformação.

Também podemos visualizar outros elementos identitários nos sebistas na medida em que seguimos seus rastros nos deslocamentos deles pela cidade. Percebendo a dinâmica que davam a esta aos saírem de um lugar para o outro, de uma calçada para

outra, de um prédio para outro, observando que tipo de sebista eles foram se tornando ao longo do tempo.

Sabemos que a cidade onde eles estabelecem suas experiências também exerce uma grande influência nas suas práticas, embora existam elementos comuns entre, por exemplo, os sebijas de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Fortaleza, para citar algumas cidades onde eles podem ser encontrados. Sabemos também, que não sendo a mesma cidade, isso nos dá elementos distintos concebidos pelas próprias características do contexto. Dessa forma, o próximo capítulo nos ajudará a compreender um pouco mais desse contexto, agora, voltados para dinâmica da cidade onde os sebijas do nosso estudo estabelecem suas experiências.

4 A FORTALEZA DOS SEBISTAS

Conhecido o campo onde o sebista atual, no que diz respeito, às suas práticas, táticas, mercadoria e agenciamentos, bem como, de que forma sua identidade se constrói ou que elementos constituem essa identidade, queremos nesse momento levar o leitor a conhecer a Fortaleza dos sebistas, a Fortaleza onde “vivem os praticantes ordinários da cidade” (CERTEAU, 2014, p. 159), dentre eles, nossos sebistas.

O objetivo desse capítulo consiste no desafio de ver a cidade de Fortaleza não do ponto de vista de quem a planeja, ainda que esse planejamento interfira direta ou indiretamente na experiência dos nossos sujeitos, mas do ponto de vista de quem a pratica. Em que medida as práticas dos sebistas interferem na dinâmica da cidade, bem como, a dinâmica da cidade nas suas práticas?

Para melhor construção do trabalho dividimos esse capítulo em quatro tópicos, cujo último possui seis subtópicos, somente para organizarmos a leitura do capítulo.

O primeiro tópico, intitulado “*A Cidade-Conceito*”, traz a proposta de Michel de Certeau de compreender a cidade como um lugar marcado pela pluralidade, transformações e apropriações. É a partir dessa compreensão que baseamos nosso debate sobre *cidade*.

No segundo tópico, chamado “*É um cruzeiro! É um cruzeiro!: livros vendidos no ‘grito’*”, nos utilizamos das entrevistas realizadas com os sebistas para pintarmos o contexto da venda de livros usados no centro da Fortaleza antiga.

No terceiro tópico, “*Os jogos dos passos*”, nos apropriamos da proposta de Michel de Certeau de compreender o “ato de caminhar” como uma forma enunciativa. Assim, à luz dessa compreensão, analisamos os movimentos dos sebistas pelas ruas, praças e demais espaços de Fortaleza, verificando de que maneira eles se apropriavam destes e interviam neles.

Por último, o quarto tópico, “*Uma leitura da Fortaleza antiga*”, é composto por seis subtópicos, que propõem uma leitura de Fortaleza a partir, sobretudo, das memórias de dois sebistas, a saber, Idelmar Cunha e Geraldo Paulo Duarte. Nesse tópico destaca-se a lembrança de ruas, praças e outros espaços da Cidade vivenciados por nossos sujeitos, a fim de visualizarmos qual Fortaleza era praticada por nossos sujeitos.

4.1 A CIDADE-CONCEITO

Segundo Certeau (2014) desde, possivelmente, o século XVI houve uma transformação do *fato* urbano em *conceito* de cidade. “Muito antes de o próprio conceito destacar a figura da história, ele supõe que este fato seja tratável com uma unidade que depende de uma racionalidade urbanística” (p. 160), isto é, planejar a cidade não consiste apenas em levantar prédios, construir praças, supermercados e demais lugares que atendam as diferentes necessidades da população, mas consiste em um processo racional de pensar a pluralidade da realidade e efetivá-la no espaço urbano.

O que Certeau propõe é uma compreensão da cidade como um lugar marcado pela pluralidade, ou ainda, um “lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções”. A cidade-conceito, então, constituída por um passado opaco e um futuro incerto, é racionalizada, não aleatória, e por isso, tratável, dada a ler.

Dessa forma, é essa compreensão de cidade que adotamos no presente trabalho. Uma cidade racionalizada a partir da compreensão de sua pluralidade e também não estanque, passível de transformações e intervenções e construída pelos sujeitos praticantes do urbano. Acrescentamos ainda que essa “construção” da cidade não se dá apenas no âmbito da arquitetura e no urbanismo, mas também do ponto de vista simbólico.

Dentre outras compreensões do conceito de cidade, também nos interessa a proposta de Sandra Jatahy Pesavento (2005), que sugere uma compreensão da cidade como propriedade cultural partilhada, que a partir do reconhecimento de sua história, inscrita no espaço urbano, os sujeitos são capazes de construir sua memória social, compreender o sentido das ruas, das praças, e demais lugares da cidade e estabelecer uma relação de pertencimento, fortalecendo, assim, sua identidade.

Nossa compreensão de cidade também corrobora com a proposta de Pesavento (2005), na medida em que compreendemos a importância de manter “viva” a cidade sempre sujeita as transformações do tempo, isto é, é nosso papel de historiador, intervir de maneira que, em meio às sociedades acometidas pela doença de destruir tudo que remeta à um passado inglório ou não condiz com a modernidade, intervirmos no processo histórico e memorial das cidades, preservando, não somente, patrimônios materiais, mas também imateriais e simbólicos.

Ambas as compreensões de cidade, de Certeau e Pesavento, contribuem para a perspectiva desse trabalho, atribuindo à cidade de Fortaleza tanto a característica

de múltipla, plural, como de espaço cultural partilhado. Adentramos assim, não somente um espaço urbanisticamente pensado, mas social e simbolicamente praticado.

4.2 “É UM CRUZEIRO! É UM CRUZEIRO!”: LIVROS VENDIDOS “NO GRITO”

Segundo entrevista realizada com Geraldo, o início de seu trabalho como vendedor de livros usados se deu, como já mencionamos, na década de 1960, na rua Guilherme Rocha. Sua condição de desempregado não lhe deu outra opção de trabalho na época, “Eu não tinha emprego, aí um colega me chamou uma vez pra mim ajudar ele, vendendo esses livros, a noite, aí fui mais ele, eu tava desempregado. Comecei desse jeito!” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 2 de agosto de 2012).

Segundo Idelmar, ex-sebista e colega de profissão de Geraldo, na época em que iniciaram juntos no mercado, “isso era mais ou menos em 63, 64, por ai assim” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 4 de fevereiro de 2014) o livro ainda não era o principal artigo de venda, sendo as revistas usadas a mercadoria comercializada entre os sebistas.

Eu cheguei na Guilherme Rocha, ali naquele perímetrozim entre a Barão do Rio Branco e a Major Facundo, sabe? Aí eu cheguei ali tinha alguns colegas vendendo revista usada. Aí eu comecei mais ou menos num dia, no ôto dia o Geraldo também chegou no ôto dia e nós começamos ali vendendo revista usada. Aí depois foi que surgiu a idéia do livro. Aí tinha um cidadão lá chamado Sobral que vendia lá no chão, trouxe livro, o Geraldo começou a fazer, tinha [...] a livraria Gurgel fechou e o cara ofereceu tudo pro Geraldo, o restante dos livro que tinha lá. Aí o Geraldo botô pra nós vendermos, sabe? Nessa época tinha “O Céu está muito alto” nera? ”Essa geração perdida”, “Os amor”, era um bucado de título de livro da época (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 4 de fevereiro de 2014).

Expostos nas calçadas da rua Guilherme Rocha os livros eram vendidos “no grito mermo [...]. É um cruzeiro! É um cruzeiro!”⁵⁶, era dessa forma que os livros à venda eram divulgados. Sem grandes perspectivas ainda na comercialização de livros didáticos, segundo Idelmar, iniciaram no comércio desse tipo de livro somente pouco tempo depois do início das vendas.

Enquanto na rua Guilherme Rocha eram poucos os livros didáticos comprados das mãos de Geraldo e Idelmar, na rua Floriano Peixoto outro grupo de sebistas já se estabeleciam no comércio desses livros desde meados da década de 60.

⁵⁶ Idem.

Segundo o ex-sebista conhecido como Oliveira, quando este começou era ele “e mais quinze vendedores” (**Oliveira**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014) nas calçadas da rua Floriano Peixoto. O ex-sebista, que iniciou na venda de livro usado em 1962 através de um amigo que já estava inserido nesse mercado, expunha seus livros na calçada da extinta Livraria Colegial, “na livraria mesmo eu vendia meus livro usado. Vendia na porta da livraria”⁵⁷.

Pelos relatos visualizamos uma variada dinâmica de venda de livros usados nas ruas do Centro de Fortaleza no início da década de 60. Fosse na rua Guilherme Rocha ou na Floriano Peixoto, os sebistas expunham suas mercadorias nas calçadas da Cidade como verdadeiras prateleiras, a fim de conquistar a freguesia interessada em seus artigos.

Segundo Lopes (2008), nos fins da década de 60 podíamos perceber um intenso comércio ambulante em Fortaleza, inclusive o que diz respeito aos sebistas.

Na Rua Guilherme Rocha, também conhecida como do Ouvidor, no trecho compreendido entre as ruas Major Facundo e a General Sampaio, encontrava-se uma tradicional venda e troca de revistas, livros e discos, efetuadas por garotos rapazolas e adultos. À noite os batentes das casas comerciais eram apropriados como mostruários por esses indivíduos, cuja prática de comércio alimentava uma verdadeira rede de articulação entre os consumidores desses artigos. (LOPES, p. 212-213)

Lopes (2008) relata que muitos fortalezenses, dentre eles, profissionais liberais, intelectuais, estudantes, iam até a rua Guilherme Rocha à procura de livros, revistas e outros produtos disponíveis. O jornal da época *Tribuna do Ceará* relata o movimento de pessoas na rua Guilherme Rocha na época:

Ninguém se acanha em permanecer de cócoras 5, 10 ou mais minutos desfolhando alguma obra de Eça de Queiroz. Também os amantes da música perdem seu tempo ouvindo velhas gravações, as quais são adquiridas a preços dos mais baixos, sendo que às vezes são realizadas permutas entre os interessados. Tudo é encontrado com preço a menos de cinquenta por cento, sobre o valor, quer dos discos, revistas ou livros. (**Tribuna do Ceará**, 4 de novembro de 1969)

As ruas Guilherme Rocha e Floriano Peixoto aparecem com unanimidade nos relatos dos sebistas como as ruas que mais dispunham desse tipo de comércio. Antes da implantação da feira de venda de livros na Praça General Tibúrcio, popularmente conhecida como Praça dos Leões, “o foco de livro antes de existir essa

⁵⁷ Idem.

feira, era nessa rua aqui detrás...a Floriano Peixoto e a Guilherme Rocha, só nessas duas.” (**Hosano Lopes**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014).

Em conformidade com Lopes (2008), o ex-sebista Idelmar também afirma orgulhoso a presença de intelectuais entre os clientes dos livros usados, “professor saudoso, de saudosa memória Clodoaldo Pinto era um, um cliente nosso, e tantos e tantos outros...o Nirez começou a fazer a coleção dele comprando a gente lá na Guilherme Rocha” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 4 de fevereiro de 2014). “Muita gente que tinha dinheiro comprava, porque esse negócio de comprar livro no sebo é uma coisa muito tradicional” (**Antonio Vieira Alves**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014), afirma o sebista Antonio sobre a tradicionalidade dos sebos.

As vendas eram realizadas, sobretudo, no turno da noite, segundo Geraldo, a Fortaleza daquela época, se referindo ao comércio da Cidade, era bastante forte nesse turno. A presença de grandes e importantes hotéis no Centro da Cidade proporcionava um grande movimento no local, estimulando o comércio, inclusive de livros usados.

Lá onde a gente vendia era aquele primeiro quarteirão pra chegar na Praça do Ferreira e naquele tempo os focos dos hotéis era tudo aqui no Centro de Fortaleza, não tinha aqueles hotéis lá na praia não, não tinha nenhum prédio ali na praia, só aquele grandão, só tinha aquele prédio pra ali, os hotéis era tudo aqui no Centro, aí então, tinha o abrigo central e a noite, eu só vendia a noite, de dia a Prefeitura num deixava botar não. A noite quando era 18:00h eu botava, aí ficava até umas 22:00h. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 2 de agosto de 2012)

Vale aqui destacar que no início da década de 30 os problemas de Fortaleza se agravaram com uma “explosão” demográfica que tornou uma cidade, sem plano urbanístico, uma verdadeira desordem. Então nessa mesma década começou a haver um abandono, por parte das famílias mais abastardas da cidade, do Centro da capital onde até então era o perímetro mais povoado pelas elites, visto que, estas ainda não haviam se instalado nas áreas das praias, Aldeota e onde hoje conhecemos como bairros nobres. Assim, o perímetro central foi assumindo uma característica crescente de zona comercial deste essa época. (BRUNO; FARIAS, 2011).

Dessa forma, quando Geraldo afirma que não havia nenhum prédio grande na praia, se referindo, sobretudo, à Praia de Iracema, ele recorda um período da história de Fortaleza cujo ainda há resquícios desse povoamento, sobretudo, do Centro da capital, pois a construção da Avenida Beira Mar se deu apenas em 1963 e sua urbanização em 1979-82, bem como, a instalação de clubes sociais nos anos **1950 e**

1960 e o impulsionamento da Praia do Futuro (ainda hoje pouco habitável) e da Leste-Oeste como locais de lazer, sendo o Centro da cidade o principal local para o entretenimento dos fortalezenses durante um bom tempo (BRUNO; FARIAS, 2011). Segundo Geraldo, “até um dia desses” ainda era possível visualizar residências pelas redondezas do centro fazendo com que houvesse pouco movimento a favor do comércio, “Quando fui em setenta pra uma banca lá pra Barão do Rio Branco o pessoal dizia ‘Rapaz, o que é que tú vai ver ali, rapaz, não passa ninguém lá não’, ai eu [...] fiquei lá só uns quatro ou cinco mês até me tirarem de lá.” (Geraldo Paulo Duarte, Fortaleza, 28 de novembro de 2014).

As principais causas de Geraldo só vender sua mercadoria a noite era a grande movimentação das pessoas no turno da noite pelo Centro da capital e a intervenção da Prefeitura que como ele mesmo diz “num deixava botar” a mercadoria em outro horário. Essa intervenção que não ocorreu somente no Centro da Cidade, mas em outros espaços de Fortaleza, marcou os fins da década de 60, na qual a prefeitura investiu na fiscalização do comércio informal que insistia em se apropriar dos espaços da Cidade. A tentativa de intervir em diversas ruas “estavam associadas às expectativas de evitar as possíveis aglomerações no centro da cidade” (LOPES, 2008, p. 212).

Nessa intensa tentativa de controle dos vários espaços de Fortaleza, a prefeitura estabeleceu algumas normas de sociabilidade, sobretudo, para evitar que cabarés, boates, bem como, restaurantes no centro, interferissem na beleza do local e atrapalhassem o trânsito das pessoas. Assim, “a tentativa de controle sobre a vida noturna indica a imposição de fronteiras a separar os ‘contatos humanos’. Por este processo é possível perceber como os espaços de sociabilidade iam se tornando cada vez mais suprimidos.” (LOPES, 2008, p. 212), porém, os vendedores ambulantes, no turno da noite, apropriavam-se das ruas e organizavam suas mercadorias, dando um novo significado ao perímetro central da Fortaleza noturna e “por esta via improvisavam outras formas de sociabilidade.” (LOPES, 2008, p. 212), reagindo, às vezes, abertamente a essas normas, “usando de táticas para burlar ou desprezar o que autoritariamente era imposto ‘de cima para baixo’ e limitava seu modo de ser.” (BRUNO; FARIAS, 2011, p. 4).

Uma das estratégias tomadas pela Prefeitura foi a criação de um grupo de guardas de serviço urbano que controlasse os vendedores ambulantes do Centro da cidade, usando, muitas vezes, de violência para conter os conflitos causados devido à

tomada das mercadorias dos ambulantes por eles, o que gerava enorme insatisfação e até indignação dos vendedores. O referido grupo era conhecido como “o rapa”.

Eram violentos, eles eram violentos. Até bater eles batiam. Naquela época ali não tinha Direitos Humanos, não tinha nada, era tudo assim a granel mermo, a lei do pau é que mandava né, a lei do cacete mermo. [...], porque a polícia naquele tempo num queria saber não, metia o pau em qualquer um. (**Antonio**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014)

Uma vez eu presenciei uma cena triste, uma senhora vinha com uma garrafa de café e uma bandeja assim de bolo, vendendo café e bolo, os guardas pegaram ela, essa mulher chorava tanto. Eu nunca esqueci essa cena, a pobi chorava tanto. Aí o povo se sensibilizou e butaram os guardas pra correr, entendeu? O povo mermo, a população se revoltou. Aí essa senhora um transtorno, mais depois ela foi recompensada, o pessoal se juntou, um dava dez, outro dava vinte, dava vinte, porque ela disse que tinha vindo vender aquele café com aquele bolo pra comprar alimento pros filho dela. Aí nesse dia eu fiquei muito triste, chateado, aí cheguei ajudar. (**Hosano Lopes**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014)

O rapa suprimia as mercadorias, usando, muitas vezes, da própria violência para afastar os comerciantes das ruas, que possivelmente, se aproveitavam desses atos vistos por “todos”, sobretudo por transeuntes, para alegar a violência com que os guardas realizavam a retirada dos comerciantes.

Percebemos nas falas dos sebigistas Antonio e Hosano que a violência praticada pelo grupo conhecido como “rapa” era exercida de maneira explícita nas ruas do Centro, sem nenhuma intenção de construir uma imagem de justiça e respeito diante dos cidadãos fortalezenses, ao contrário disso, agiam de maneira a amedrontar a população como forma de evitar que os ambulantes tomassem conta do Centro ou até reagissem contra as suas ações, exercendo assim a “lei do cacete”.

A expressão “a lei do pau” e a “lei do cacete” proferida pelo sebigista Antonio, na passagem anterior, representa não somente a ação do “rapa” para com os vendedores ambulantes de Fortaleza, mas também a vida difícil que os mesmos levavam no Centro da cidade naquela época que, muitas vezes, sem um lugar fixo para vender suas mercadorias, ficavam de um lado para outro à procura de um ambiente que lhes fosse promissor e também onde o “rapa” não pudesse lhes impedir de fazer comércio.

Assim, em um cenário de grandes dificuldades para o comércio informal era comum, segundo o sebigista Hosano, reações do tipo “o povo se sensibilizou e butaram os guardas para correr”, depois de presenciarem as ações violentas do “rapa”, vistas e noticiadas nos meios de comunicação.

Dentro de 10 dias “o rapa” da Prefeitura Municipal vai entrar novamente em ação para afastar todos os vendedores ambulantes que comerciam, nas ruas Liberato Barroso e Guilherme Rocha, no trecho compreendido entre as praças do Ferreira e José de Alencar. O prefeito Milton Pinheiro, hoje pela manhã, autorizou ao secretário de Urbanismo a adotar as providências cabíveis no sentido de desobstruir aquelas ruas dos vendedores ambulantes que nelas se instalam, impedindo o tráfego de pedestres (**Correio do Ceará**, 1 setembro de 1968)

Segundo Lopes (2008),

É possível que os trabalhadores tenham tirado “partidos” de uma situação criada para desfavorecê-los. Nessa medida a tensão propagada pelos efeitos visuais da agressão física e a tomada das mercadorias se convertia em sensibilização aos transeuntes e constrangimento aos policiais. Constituíam-se, a partir daí, um ambiente favorável ao acesso desses trabalhadores às redações de jornais, à Câmara Municipal de Fortaleza, ao Gabinete da Prefeitura, ou seja, aos circuitos fechados do poder local. No terreno da visibilidade iam, portanto, se inscrevendo os instrumentos de pressão junto aos órgãos públicos que tentavam eliminar do espaço urbano o comércio informal. (p. 218-219)

Embora houvesse a possibilidade de levar aos meios de comunicação da época, sobretudo, os jornais a realidade em que os vendedores ambulantes viviam no centro, essa não era, necessariamente, a realidade. Talvez por falta de alguém que incentivasse esse tipo de atitude ou mesmo por medo de uma punição mais rigorosa, muitos ambulantes permaneciam calados a mercê da sorte de não serem pegos pelo rapa.

Ninguém fazia não, porque não tinha uma pessoa assim, que tomasse a frente, pra incentivar [...], a gente fazia era sofrer, a gente sofria muito porque perdia muito livro. Eu perdi muito livro, eu me lembro que uma vez eu tava nesse canto, eu tava com os livro daquele jeito ali [apontando pra foto] [...] aí eles chegaram, era assim umas onze meia pra doze horas, aí levaram os livro tudim, levaram tudo, me deixaram sem nada. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 28 de novembro de 2014)

Cabe-nos dizer que a problemática em torno do comércio ambulante de Fortaleza vem desde antes da década de 1960, na qual iniciamos o nosso trabalho, com o estabelecimento de alguns decretos “que vai caracterizar toda a intervenção da Prefeitura no período compreendido entre os anos 1930-1960” (DANTAS, 2013). O tipo de tentativa de modernização da Cidade entre esses períodos gerou um mercado de trabalho restrito, impedindo que muitos se inserissem no mesmo e, a partir disso, os

vendedores ambulantes passam a ser perseguidos, em que, “Este tratamento e perseguição ocorre de maneira violenta, com a destruição e/ou apreensão da mercadoria vendida pelo comerciante ambulante, seguida em alguns casos de agressão física e/ou moral.” (DANTAS, 2013, p. 60).

Percebemos, então, que o mercado informal de Fortaleza se manifestava em meio a grandes conflitos entre os comerciantes e as forças do poder local, que acreditamos até hoje tentar interferir nos espaços cujo mercado informal é visivelmente mais forte, a saber, o Centro da Cidade.

O Centro da cidade de Fortaleza é conhecido, sobretudo, pela variedade de produtos à venda, não somente em lojas convencionais, mas disponíveis pelo mercado informal da Cidade. Os vendedores ambulantes estão em toda parte do cenário do perímetro central de Fortaleza. Segundo Dantas (2013), no Brasil, e por extensão os países subdesenvolvidos, a atividade dos vendedores ambulantes “está ligada à tentativa de criação de uma demanda solvável e à tentativa de estabilização social” (p. 18). Assim, Dantas (2013) aponta dois aspectos para apreensão do significado e papel do comércio ambulante na economia:

1. Criar uma demanda solvável, quando fornece produtos por menores preços e por conseguinte tornando os acessíveis a uma camada maior de consumidores - com maior intensidade os consumidores das classes menos abastadas e que não teriam condições de consumir esses produtos no comércio estabelecido - e insere aqueles que desenvolvem a atividade do comércio ambulante na sociedade de consumo; 2. Funcionar como fator de estabilização social, quando a inserção na atividade do comércio ambulante é reforçada pela ideologia da ascensão social pelo consumo e pela ideologia de ascensão social pelo trabalho autônomo. (p. 18)

Segundo Dantas (2013), há uma importância no comércio informal ambulante, principalmente, no que tange ao fornecimento de produtos às classes menos abastadas, devido ao alto custo dos produtos no comércio estabelecido, bem como, a da inserção desses sujeitos que trabalham no mercado ambulante na sociedade de consumo.

Acreditamos serem vários os motivos pelos quais um sujeito entra no mercado informal, se tornando um vendedor ambulante. Segundo o sebilista Geraldo, o desemprego e o semianalfabetíssimo que o impediam de seguir outra carreira, o levou à venda de livros usados, e assim, como muitas pessoas se submeteram, e até hoje se submetem às condições conflituosas de ser um vendedor ambulante em Fortaleza, a maioria dos nossos sebilistas se sujeitaram à incerta situação de encarar as ruas de Fortaleza a fim de ganhar seu sustento.

Percebemos até aqui, que embora houvesse uma imposição, muitas vezes até violenta, do poder local sobre os vendedores ambulantes de Fortaleza, observamos também que, vez por outra, a população interfere nesse processo, aparentemente, de mão única. Seja reagindo às agressões físicas e morais, seja se solidarizando com os que sofriam com as imposições e violências, ou ainda, migrando de “cantos em cantos” da cidade a fim de fugir, não somente, da intervenção do rapa, mas também do ambiente inapropriado para suas vendas, pois “era muito triste pro camelô naquela época. Triste e humilhante né, muito humilhante né” (**Hosano Lopes**, 31 de janeiro de 2014).

Essas intervenções dos sujeitos praticantes da urbe mostram uma característica importante da cidade destacada por Certeau (2014), que embora sirva de baliza ou “marco totalizador” (p. 161), a cidade está sujeita a movimentos contraditórios, ou seja, embora exista nela o exercício de um poder local, ela não é um campo “de operações programadas e controladas” (p. 161), mas existe nela um campo formado por forças ou poderes sem identidade, dificilmente controladas e que interveem diretamente na gestão dela. E de onde veem essas forças e esses poderes? Veem, sobretudo, dos sujeitos praticantes da cidade, que resistem, que fogem, que perambulam pelas ruas da cidade, que respondem às imposições do poder local, que reivindicam direitos, etc.

Assim, a exemplos dos vendedores ambulantes de Fortaleza nas tentativas de fugir das situações conflituosas que envolvia não somente os sebastas daquela época, mas todo sujeito que se aventurasse pelas ruas de cidade com suas mercadorias em caixas, carrinhos ou calçadas, eles partiam, e partiam muitas vezes, desbravando a cidade a fim de encontrar em algum lugar um consolo da parte da Fortaleza que eles vivenciavam.

4.3 “OS JOGOS DOS PASSOS”

Para tecer nosso argumento nesse item faremos uso, novamente, dos pensamentos de Michel de Certeau, que propõe uma compreensão um tanto interessante acerca do “ato de caminhar”.

A proposta de Certeau sugere que “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos.” (2014, p. 164), existindo assim, no ato de caminhar, uma tríplice função “enunciativa”: primeiramente ele é um processo de *apropriação* do espaço pelo pedestre, da mesma

forma que o locutor se apropria da língua; em segundo, ele é uma *realização* espacial do lugar, assim como a palavra é sonorizada pela língua; e sua terceira e última função é que o ato de caminhar implica *relações* em forma de contratos acerca do movimento, da mesma forma que, a enunciação tem relação com o outro, sendo um contrato entre colocutores. (CERTEAU, 2014).

O que Certeau propõe é que compreendamos o ato de caminhar como uma forma de enunciar, comunicar algo, a partir da apropriação que os sujeitos fazem do lugar praticado, da maneira como eles o fazem e que relações estão envolvidas nesse processo. Assim, o ato de caminhar é por definição, segundo Certeau (2014) um “espaço de enunciação” (p. 164), isto é, um espaço de manifestação.

Durante todo o processo de pesquisa desse trabalho observamos que o “ato de caminhar” sempre se fez presente na experiência dos sebastas de Fortaleza, sendo a principal característica dos mesmos, a venda ambulante, em pelo menos, algum momento da sua experiência com livros usados, e ainda presente na vida de pelo menos um deles, no caso do sebastas Nazareno, que ainda hoje trabalha, literalmente, pelas ruas de Fortaleza.

Dessa forma, fizemos uso da proposta de Certeau para investigarmos os movimentos urbanos dos sebastas de Fortaleza, a fim de analisarmos o que seus “passos” pelas ruas da cidade dizem acerca da sua experiência como sebastas.

Já vimos que eram muitos os conflitos enfrentados pelos vendedores ambulantes de Fortaleza, sobretudo, devido à forte fiscalização da prefeitura nas ruas do Centro. Pincelamos também que devido à ausência de um lugar fixo onde se pudesse vender sua mercadoria, os sebastas saíam de um lugar para outro a fim de encontrar uma calçada, uma praça, onde pudessem comercializar tranquilamente. Sendo assim, o movimento pela cidade em uma busca incessante de um lugar para trabalhar é marca da experiência dos nossos sujeitos, que só depois de anos de trabalho conseguiram se instalar em algum prédio do Centro da cidade.

A saga dos nossos sebastas, como já vimos, iniciou-se nas ruas Guilherme Rocha e Floriano Peixoto, onde havia o maior fluxo de venda de livros usados em Fortaleza na década de 60, mas na tentativa de expandir as vendas, que foram enfraquecendo com o passar dos anos, obrigando a migração dos sebastas para outros lugares do Centro, a cidade passou a ser um espaço a ser conquistado, e deram-se início aos “Jogos dos Passos”.

Segundo Certeau (2014), se é verdade que existe uma ordem espacial que indica lugares onde se pode caminhar e onde não se pode, este, seja baseado em ordem do poder local ou mesmo de natureza arquitetônica, é possível que o caminhante atualize algumas dessas possibilidades, isto é, “ele tanto as faz ser, como aparecer” (p. 164).

Seguindo o raciocínio de Certeau, baseado nas possibilidades urbanas dos sebistas, estes interviram na cidade de tal forma que, apropriando-se dela, fizeram de suas calçadas, proibidas ou não, de suas ruas, de suas praças, um lugar a ser explorado, ainda que isso não resultasse em uma permanência.

Lembrando que desde a década de 30 o Centro estava sendo abandonado pelas famílias mais abastardas de Fortaleza, e então, assumia, cada vez mais, uma característica comercial, era comum que nas décadas seguintes houvesse muitas construções no perímetro central da cidade, lojas, cinemas, etc., como por exemplo, o “Cine Diogo, concluído no início dos anos quarenta, considerado o mais luxuoso da cidade, antes da inauguração do São Luís” (JUCÁ, 2011, p. 109), que só foi inaugurado em 1958. Dessa forma, era possível que sempre que os sebistas se instalassem em algum lugar do Centro fossem retirados de lá por conta de alguma construção. A seguir veremos parte da peregrinação de Geraldo, que depois de sair da rua Guilherme Rocha e, posteriormente, tentar suas vendas “enfrente uma casa velha, onde hoje aí é o Esplanada” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 28 de novembro de 2014), ficando somente até o fim da construção da loja, sendo imediatamente retirado de lá após isso, foi para a calçada dos Correios.

Cheguei lá a mulher dos Correio, a diretora dos Correio desceu de lá feito um cão “Pode tirar isso daqui que num pode ficar isso aqui”. “Minha senhora, não foi eu que quis vim pra cá não [...]”. A Prefeitura disse que ia tirar a banca de lá e ia butar aqui, vá lá na Prefeitura e fale lá [...]”. Ela subiu fumaçando! (risos). E ela foi? Foi não. Se foi, não arrumou nada. Fiquei lá mermo, passei uns tempos lá. Lá era muito ruim porque os Correio num abria diz de sábado, sábado era um dia que a gente precisava apurar mais um dinheirim, não abria. Aí depois arrumei pra botar [...] só numa ruazinha que tem assim, botando na outra calçada né, enfrente a Casa Colombo. Botei lá! Lá era melhor um pouco, mas assim mesmo era ruim. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 28 de novembro de 2014)

Embora Geraldo conte a história entre um riso e outro, percebemos através do seu discurso, e na medida que relembra o tempo longínquo, que nunca foi fácil encontrar um lugar onde pudesse trabalhar em paz nas ruas de Fortaleza. Ele que já vinha peregrinando desde o início da década de 60, nas calçadas da Guilherme Rocha,

Barão do Rio Branco, na década de 70, e agora na calçada dos Correios e Casa Colombo, ainda não tinha um lugar sossegado para trabalhar, afinal, “Caminhar é ter falta de lugar” (CERTEAU, 2014, p.170). Foi então que depois de sair da calçada enfrente a Casa Colombo, resolveu abandonar o negócio, vender tudo que tinha e voltar para casa. Depois de cinco meses em casa, sem trabalhar com livros, Geraldo voltou para o negócio, agora em outro lugar.

Na Pedro Pereira comecei de novo. Tinha um restim de coisa em casa, fui trazendo, fui trazendo e depois aluguei um ponto na Tristão Gonçalves, fiquei até o metrô chegar [*Geraldo se refere ao início da construção da linha de metrô*]. Quando o metrô chegou que cercou tudim, eu tive que sair. (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza 28 de novembro de 2014)

Como dito anteriormente, devido às construções realizadas no Centro da cidade, é muito comum ouvirmos nos discursos dos sebistas ser esta a causa mais certa das suas “andanças” pelo Centro, das suas migrações. “Eu sai da Floriano Peixoto num projeto de uns boxes que fizeram pra nós lá no Beco da Poeira né e foi feito mesmo. Aí houve aquele desmanche do Beco da Poeira aí foi obrigado nós vim pra cá né⁵⁸.” (**Antonio**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014). Lembrando que as primeiras propostas de retirada do Beco da Poeira, localizado até então na Praça José de Alencar, só ocorreu em 2001 e sua efetivação em 2010, indo para Avenida do Imperador. (SILVA; SANTOS; SILVA, 2010). Assim, Antonio permaneceu com seu boxe no antigo Beco da Poeira até a transferência deste para outro local, e posteriormente, passou a vender seus livros na Praça dos Leões, de janeiro ao início do mês de março, e esporadicamente, em outros locais da cidade.

A exemplo de Geraldo e de Antonio, podemos concluir que como praticantes da urbe eles se apropriam do espaço da cidade, por vezes, somente fazendo uso das possibilidades permitidas, e outras vezes, inventando-as, pois não tendo lugar certo, fixo, eles transformam o espaço já existente a fim de fazer uso dele, e ainda atualizam-no sempre que necessário, construindo assim, uma experiência descontínua, no que diz respeito a sua apropriação do espaço urbano.

Embora ao falar sobre as caminhadas como operações enunciativas Certeau (2014) se refira aos pedestres, àqueles que passam e não necessariamente ficam, também identificamos as “caminhadas” dos sebistas pelo espaço urbano como

⁵⁸ Quando o sebista Antonio usa a expressão “nós vim pra cá” ele se refere a sua ida, e de outros vendedores, para a praça conhecida como Praça do Leões.

enunciações, por atenderem aos critérios de *apropriação* dos espaços urbanos, *realização*, indicando ação no espaço urbano, e *relações* através de contratos. Portanto, as “caminhadas” dos sebistas estão para sua experiência como a enunciação está para a língua, pois embora fosse possível na década de 60 possuir um lugar fixo onde eles pudessem realizar seu comércio, por exemplo, um prédio no Centro da cidade, verificamos na história que não era essa a realidade. Que somente depois de muitas migrações pelo espaço urbano, de calçada e calçada, de ruas e ruas, é que boa parte deles dispõem, ou dispuseram em algum momento da sua experiência, de um lugar fixo.

Queremos ressaltar que essas movimentações pela cidade não se dão apenas no âmbito geográfico da questão, existe algo de simbólico nos jogos dos passos. A própria decisão de ir para uma rua X e não para a rua Y indica que existem elementos, que estão para além da geografia, que impedem esse movimento. Sejam os contratos que indicam as proibições do poder local, seja a desertificação da rua, não proporcionando boas vendas, nos alerta para o fato de que as caminhadas não se efetivam somente no âmbito geográfico.

Dizemos isso porque ao iniciar esse trabalho estudamos a possibilidade de mostrar, através de um mapa, os movimentos realizados pelos sebistas pelas ruas de Fortaleza, mas além de não conseguirmos um mapa da época, para respeitarmos os limites e estrutura de Fortaleza do período, percebemos que trabalhar os movimentos dos sebistas pelas ruas da cidade não se encerrava apenas na indicação de suas “andanças” no mapa, mas os jogos dos passos é mais complexo do que alguns traços gráficos. Corroboramos então com as palavras de Certeau (2014) ao nos dizer que,

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc. as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em porções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida diversidade dessas operações enunciativas. Não seria, portanto, possível reduzi-las ao seu traçado gráfico. (p. 166)

Diante desse jogo complexo, Certeau identifica a existência de uma retórica da caminhada, isto é, tal qual a arte de se moldar frases, também se moldam percursos. O que Certeau está dizendo é que assim como a linguagem combina estilos e usos, especificando no mundo simbólico uma singularidade, o percurso também supõe combinações que lhe dão status de singular, “Eles se cruzam para formar um estilo do uso, maneira de ser e maneira de fazer.” (CERTEAU, 2014, p. 166). A retórica da

caminhada, portanto, revela não somente a maneira de ser, que revela uma identidade, mas também a maneira de fazer, que remete a experiência do sujeito, e assim, a sua singularidade.

Utilizando a retórica da caminhada na nossa reflexão, concluímos que os jogos dos passos dos sebistas não são efetivados de maneira aleatória, isto é, embora andassem de ruas em ruas, de calçadas em calçadas, existia nessa prática e no ato em si, uma lógica, que nos revela a sua maneira de fazer. Quando eles andavam pelas ruas do Centro, à procura de um lugar para expor sua mercadoria, eles faziam isso aleatoriamente ou existiam critérios de escolha? Era qualquer rua e calçada?

Vimos anteriormente que, muitas vezes, a escolha de algumas ruas e calçadas gerava conflitos para os sebistas, como o episódio da calçada dos Correios relatada por Geraldo. Discursos como “Tenho que ir pra lá porque eu *num posso botar aqui na frente do Diogo*” (destaque nosso). (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 28 de novembro de 2014), revela o *uso* do espaço urbano, daquilo que demonstra uma norma, um contrato.

Quando Geraldo decide ir para rua Barão do Rio Branco e é encorajado a desistir da sua ida devido à desertificação da rua e suas poucas chances de venda na mesma, ele vai mesmo considerando a situação. Logo depois, vai para frente da loja Esplanada, ainda em construção, que quando inaugurada, exige a saída dele. Posteriormente, ele vai para calçada dos Correios, que além dos conflitos diários devido à diretora da instituição não aceitar o comércio na sua calçada, ainda não abria aos sábados, dificultando as vendas. Essas “fracassadas” decisões ou tentativas revelam uma aleatoriedade da caminhada de Geraldo ou um molde da sua experiência?

Chamamos de “fracassadas”, com aspas, porque embora essas decisões pareçam ter sido tomadas de maneira aleatória, sem muita reflexão, é possível que a experiência desses homens tenha sido marcada por esse tipo de conflito, e provavelmente, não significa, para eles, que não tenha dado certo. Não acreditamos que as decisões de ir a uma ou outra rua, para uma ou outra calçada, tenha sido aleatória, essas tentativas faziam algum sentido no sistema simbólico de cada sebista, e devemos encará-las como parte da sua experiência.

Vimos também que em períodos em que o rapa fiscalizava de maneira forte o comércio ambulante de Fortaleza, muitos vendedores se prejudicavam com a retenção de suas mercadorias. Alguns fugiam de ruas em ruas, outros permaneciam e sofriam com a fiscalização, mas era possível que alguns também saíssem “ílesos” naquele

contexto. Discursos como “meus livros nunca perturbaram ninguém porque eu só vendia escorado nas paredes de lojas com a permissão do lojista.” (**Hosano Lopes**, Fortaleza, 31 de janeiro de 2014), demonstram que alguns deles desenvolviam maneiras singulares de vender, de forma, a não sofrer com a vigilância do poder local e continuar vendendo, pois os que faziam diferente, vendendo “No meio da rua parado”, sofriam “uma perseguição horrível”.

O relato de Hosano também nos diz que vender nas paredes das lojas, ou ainda, nas calçadas, era uma solução para driblar a rígida fiscalização da Prefeitura, mas certamente, isso não era feito de qualquer modo. A permissão do lojista era fundamental para que a exposição dos livros do sebista fosse feita, caso contrário, ele sequer poderia utilizar a calçada da loja. Isso nos mostra que a escolha das calçadas, assim como das ruas, não se efetivava de qualquer forma. Era necessário atender alguns critérios: 1) A rua precisava ser movimentada. A prova de que havia muito movimento na rua em que Hosano vendia era a forte fiscalização do rapa; 2) Era necessário escolher bem a calçada da loja; 3) A permissão do lojista era fundamental para o sebista permanecer na calçada. Atendendo a esses critérios, era possível gozar de uma certa tranquilidade.

Embora Geraldo tenha sofrido algumas restrições por parte do Rapa, houve tempo em que o mesmo, trabalhando com Idelmar, adquiriu táticas para não sofrer com o rígido exercício do Rapa. Analisemos o relato de Idelmar acerca de um episódio por eles vivenciado.

Nós botava nossos livros era seis horas, tirava sete horas com medo do inspetor Ciço mais o inspetor Machado né, que era os guerreiro, os carrascos nosso, mas também tinha outros bons, o Edimar, o Elias, o “João das bala”, que também era legal com a gente. Aí tirava um pouquim enquanto eles passavam, que a hora que eles passavam, eles iam perseguir os vendedor de peixe, lá perto da Igreja da Sé, aí então, nós ficava, as vezes, até nove horas da noite. Nove horas da noite nós encerrava (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

O discurso de Idelmar nos diz que depois de um tempo sofrendo com as perseguições do rapa, eles adquiriram táticas para sair ilesos da fiscalização, tirando a mercadoria no horário em que eles já sabiam (por experiência) que o rapa passaria, evitavam que seus livros fossem levados pelos guardas. Mas, o mais importante do discurso de Idelmar é que ele revela, não somente, um modo de fazer singular deles, mas também de alguns guardas do rapa. A passagem “mas também tinha outros bons, o Edimar, o Elias, o “João das bala”, que também era legal com a gente.”, dá a entender

que alguns guardas agiam diferente, pelo menos com eles, e que isso também permitia que eles gozassem de uma certa tranquilidade.

Como dissemos anteriormente, a retórica da caminhada também revela uma forma singular da “maneira de fazer”, que nos permite refletir sobre como no contexto da venda de livros usados existem diferentes formas de vender, que, por sua vez, nos faz lembrar dos vários de tipos de sebistas, e assim, de identidades que se constroem de maneira diferenciada, que já conversamos nos capítulos anteriores.

Segundo o ex-sebista Idelmar, na época em que ele e Geraldo começaram a trabalhar juntos existia, entre eles, vendedores de épocas, isto é, “eles eram de períodos. Eles começavam em janeiro aí vendiam até, mais ou menos, em março, terminava a venda eles ficavam por lá e tudo, guardavam a venda, iam simhora [...] (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014). Esse relato revela outra prática dos sebistas: a venda por períodos. Essa experiência da venda por períodos também revela uma outra experiência totalmente diferente da dos sebistas que vendem durante todo o ano. Os sebistas de épocas, por exemplo, não sofrem com o período de baixa que todo comerciante passa, visto que, só se ocupam da venda de livros em períodos de altas vendas, no caso, de janeiro à março, época de voltas às aulas, início de anos letivos e as pessoas procuram bastante por livros. Naquela época então, em que era possível passar os livros de um filho mais velho que estava na série avançada, para o filho mais novo, na série anterior, essas vendas faziam muito sucesso entre os pais.

Esses sebistas de época, geralmente, não participavam dos jogos dos passos muito ativamente, visto que era possível que eles já tivessem lugares fixos para comercializar, como a Praça dos Leões, muito conhecida, até hoje, pela venda de livros didáticos. Embora eles não passassem o ano todo no jogo, sua experiência revela um outro e singular modo de fazer, que dá, ainda mais, uma variedade ao contexto da venda de livros usados em Fortaleza.

Para toda essa discussão sobre o movimento urbano dos sebistas, bem como, seu modo de fazê-lo, gostaríamos de retornar ao conceito que, na verdade, é a liga de toda a discussão desse trabalho, o conceito de experiência.

Segundo Jorge Larrosa Bondía (2002), vivemos em mundo onde a experiência é cada vez mais rara, definindo-a como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (p. 21). O que Bondía nos leva a refletir é que a experiência é algo que diz respeito ao

interior do sujeito e deve ser separada da informação. Adquirir informação sobre algo é, segundo Bondía, diferente de se ter experiência, pois

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de "sabedoria", mas no sentido de "estar informado") o que consegue é que nada lhe aconteça. (BONDÍA, 2002, p. 22)

O que Bondía quer nos dizer é que o saber da experiência é diferente de saber de coisas que se sabe quando se está informado. Essa é a primeira coisa que Bondía nos fala acerca da experiência, e aponta como uma das causas de sua raridade, pois vivendo em uma “Sociedade da Informação” os sujeitos estão, cada vez mais, informados, mas a ansiedade de se ter informação, de se estar bem informado, não permite que coisa alguma lhe aconteça.

A segunda coisa que Bondía (2002) nos fala é que “a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião.” (p. 22). Depois da informação vem a opinião. O que o autor nos diz é que vivemos em uma sociedade que não basta que tenhamos informação, é necessário que opinemos sobre aquilo de que temos informação, “E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial.” (p. 22). Porém, para Bondía (2002) essa obsessão pela opinião também nos rouba a possibilidade da experiência, pois a opinião é a reação subjetiva à dimensão objetiva que é a informação, tornando a ação de opinar quase automática, disciplinada, certa, e para isso, a experiência não possui lugar.

Em terceiro lugar, para Bondía (2002) “a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo.” (p. 23), pois tudo que se passa, passa rápido demais. Somos bombardeados o tempo todo com notícias, muitas das quais somos obcecados, pela velocidade com que os eventos acontecem, e com a rapidez com que a vida passa. Somos os sujeitos modernos, e

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. (Bondía, 2002, p. 23)

Dessa forma, a experiência está cada vez mais rara devido à dinâmica da vida moderna. A maneira como o sujeito moderno vive torna mais difícil a experiência, porque esta não combina com “a falta de silêncio e de memória”, marcada pela modernidade e sua obsessão pela velocidade.

E em quarto lugar, Bondía (2002) nos diz que “a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho.” (p. 23). Para o autor, embora haja uma relação entre a experiência e o trabalho, não devemos confundi-los. Conforme Bondía (2002)

O sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. Tudo é pretexto para sua atividade. Sempre está a se perguntar sobre o que pode fazer. Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, modificar algo, regular algo. Independentemente de este desejo estar motivado por uma boa vontade ou uma má vontade, o sujeito moderno está atravessado por um afã de mudar as coisas. (p. 24)

Dessa forma, por estarmos sempre desejosos de mudar as coisas, transformar o que está ao nosso redor, nunca paramos, estamos sempre em movimento e agitados.

Nós não só somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiper-ativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece. (p. 24)

Assim, a experiência se torna rara porque sua dinâmica não diz respeito nem à avalanche de informação, nem na obrigatoriedade da opinião, nem na agitação da vida moderna e nem na obsessão pelo trabalho. A experiência

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Essas quatro propostas de reflexão que Bondía (2002) nos apresenta nos é relevante para identificarmos quem é esse sujeito da experiência, pois se ele não é o sujeito da informação, nem o sujeito que opina sobre tudo que sabe, nem o agitado e apressado sujeito moderno, nem o sujeito hiperativo, quem é o sujeito da experiência?

Segundo a proposta de estudo de Bondía (2002), que define o que é experiência em várias línguas temos que em espanhol a experiência é “o que nos passa”; em português “o que nos acontece”, na língua francesa “ce que nos arrive”, em italiano “quello che nos succede” ou “quello che nos accade” e em inglês a experiência é “that what is happening to us”. Isto é, em espanhol “o sujeito da experiência seria como um território de passagem” (p. 24), um sujeito compreendido como uma superfície sensível que quando visitada se deixa marcas, vestígios. Em francês o compreendemos como “um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas” (p. 24), que concede lugar a algo. Em português, italiano e inglês “o sujeito é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (p. 24). Dessa forma, compreendemos que o sujeito da experiência é um sujeito exposto, disponível, que não controla o que o passa, nem o que o chega, nem o que lhe sucede, mas que se permite, e que é, de alguma forma, transformado por tudo isso.

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (BONDÍA, 2002, p. 25)

Sendo o sujeito da experiência um sujeito exposto, ele é também um sujeito que se arrisca, que está submisso ao sofrimento, ao padecimento, às situações difíceis. Ele é também o sujeito que carrega o saber da experiência, que é, como já falamos, diferente do sujeito que carrega informação. O saber da experiência é

o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (BONDÍA, 2002, p. 27)

O saber da experiência não se trata de um conhecimento pré-estabelecido, mas de respostas ao que a vida vai lhe apresentando, e não tem a ver com o conceito de “verdade”, talvez de “verdades”, mas se atrela muito mais ao conceito de “sentido”. Dessa forma, não é possível separar o saber da experiência do sujeito que a carrega. Assim, o sujeito da experiência é também aquele que carrega o saber da experiência que lhe faz sentido. E se não se pode separar o sujeito da experiência do saber da

experiência que lhe faz sentido, então a experiência, assim como o sujeito da experiência, também é singular, único e irrepetível.

Trouxemos essa discussão da experiência, que na verdade permeia todo o nosso trabalho, à luz da proposta de reflexão de Jorge Larrosa Bondía, para justificar a nossa compreensão de que os sebastas são sujeitos da experiência.

Isentos de qualquer conhecimento pré-estabelecido do mercado de livros usados quando iniciaram nesse comércio, vivendo em um contexto de mudanças rápidas, inclusive de profundas substituições, dentre elas, de sua própria mercadoria em alguns contextos, sujeitos assim, ao sofrimento e as complicações que algumas transformações trazem como a dos espaços urbanos, e por isso, às situações difíceis de um mercado, um tanto inconstante. Assim, o sebastista é um sujeito exposto, que embora não controle o que “lhe passe”, o que “lhe chega”, o que “lhe acontece”, consegue responder ao que a vida lhe apresenta, dando-lhe sentido ao que muitas vezes, parece não ter nenhum sentido.

Os jogos dos passos nada mais são do que a enunciação daquele que “não tem lugar”. Essas “andanças” ou essa “errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar” (CERTEAU, 2014, p. 170). Eles andam porque são privados de lugar, obrigados então, a se apropriar de diferentes maneiras disso que “deveria ser, enfim, um lugar, mas é apenas um nome, Cidade” (CERTEAU, 2013, p. 170).

É assim, então que eles tecem o espaço urbano que dele se apropriam, transformando-o e sendo por ele transformado, afinal “É experiência aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma.” (BONDÍA, 2002, p. 26). O sujeito da experiência é também o sujeito que se permite transformar.

Embora o sujeito da experiência não seja aquele hiperativo, não quer dizer também que ele seja completamente passivo, como dissemos antes, ele tece o espaço urbano, transforma-o, são então, sujeitos ativos. E sendo sujeitos ativos eles percebem o mundo ao seu redor, e sendo sujeitos da experiência, eles o percebem de maneira singular, única. Como é ou como era, portanto, a cidade de Fortaleza do ponto de vista dos sebastistas?

4.4 UMA LEITURA DA FORTALEZA ANTIGA

Uma das entrevistas mais ricas que fizemos foi com o ex-sebista Idelmar Cunha. Por ter morado muito tempo nas ruas, Idelmar tem uma leitura fantástica da Fortaleza de outrora. Suas lembranças e recordações pintam uma Fortaleza diferente da que temos hoje, e entre cenários e personagens ele nos faz acreditar que foi “um sujeito que efetivamente viveu – e por isso dá vida” (ALBERTI, 2004, p. 14) a um contexto que, de outro modo, pode parecer distante.

4.4.1 As livrarias da época

Segundo Idelmar ao relembrar uma experiência, na década de 60, mais precisamente na segunda metade da década, existiam poucas livrarias em Fortaleza, dentre elas, a “Héctar discos, a Colegial, a Livraria Alaor, a livraria Désio [ele queria dizer Edésio], a Livraria Gurgel” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014), sendo esta última a responsável pela venda de seus livros à Geraldo quando fechou, “Nós passamos bem uns quatro a cinco meses vendendo esses livros no grito mermo, no queima⁵⁹ na Guilherme Rocha.” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014).

Dentre os boxes existentes no Abrigo Central estava a Livraria Alaor, e na Praça do Ferreira, entre as ruas Floriano Peixoto, Guilherme Rocha, Major Facundo e Travessa do Pará, ficava a Livraria Edésio.

Segundo o blog da socióloga Fátima Garcia, “Fortaleza em Fotos e Fatos”, José Edésio de Albuquerque, proprietário da Livraria Edésio, não era somente um comerciante de livros, era também um idealista difusor da cultura, arriscando, muitas vezes, sua própria liberdade para que livros, jornais e revistas chegassem às mãos dos leitores, em meio à censura policial no Estado Novo.

Na venda de romances de José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos, na entrega dos volumes, sempre bem enrolados, ia escrito a advertência: “Cuidado jovem, isto pode dar cadeia”. Edésio depois se tornou editor e passou, não somente a vender, mas também a publicar.

⁵⁹ A referida expressão pode ser entendida como “a preço baixíssimo”.

Já entre os sebos, além dos sebistas que se encontravam nas ruas Guilherme Rocha e Floriano Peixoto, um homem, conhecido como Sobral, também abriu uma livraria de livros usados “na Heráclito Graça que hoje é fechada” (**Idelmar Cunha** Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014), mas não permaneceu muito tempo no mercado, fechando logo depois. Provavelmente os caros aluguéis dos prédios no centro da cidade, não permitia que um comércio desse tipo sobrevivesse por muito tempo, provável causa dos sebistas serem obrigados a vender sua mercadoria nas calçadas do Centro.

Segundo Idelmar, naquela época, existiam alguns livros que, possuindo uma maior importância, proporcionava aos livreiros um lucro muito além de outros itens vendidos, por exemplo, as Enciclopédias.

Se um dia alguém tivesse, um de nós que tivesse a alegria de pegar uma enciclopédia Delta Larousse, ave Maria! Tava rico! Pronto! Vendesse uma Delta Larousse passava a semana bebo, não aparecia pra trabalhar de jeito nenhum, porque botava dinheiro no bolso. (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

A Enciclopédia Delta Larousse é uma enciclopédia tradicional publicada em 1972, e como a maioria das enciclopédias, consistia em volumes e era muito utilizada como fonte de informação. Hoje as Enciclopédias impressas perderam um pouco o seu status de fonte, do ponto de vista da procura das mesmas pelos leitores, mas antigamente, certamente, pela sua importância e estrutura, trabalho estético e tipo de material utilizado na sua elaboração, era um livro muito importante. Dentre outras enciclopédias reconhecidas pelo público está a Barsa e a Mirador, que também perderam influência como fonte de informação em detrimento, sobretudo, do advento da internet.

Assim, quando os sebistas tinham a oportunidade de vender uma enciclopédia sequer, conseguiam um lucro tão bom que era possível passar a semana “bêbado sem trabalhar”.

4.4.2 A Fortaleza do “rabo de burro”

Rabo de burro não quer conversa não
Quando pega o brotinho na escuridão
Você tome cuidado com essa cara jururu
Rabo de burro é malvado pra xuxu.

Se falta luz é uma agonia
 Dá muita atrapalhão
 Se você pensa que feiúra é garantia.
 Rabo de burro não escolhe cara não.⁶⁰

Segundo Idelmar a Fortaleza boêmia das décadas de 60 e 70 possibilitava o “surgimento” de vários personagens que vagavam pelo centro da cidade, dentre eles, “o rabo de burro”, definido por Idelmar como “os caras que hoje em dia que, já não são mais rabo de burro porque estrupam as mulheres e matam.” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014), eram os caras que se utilizam de artimanhas para conquistar as mulheres.

Conforme o blog de Leila Nobre, “Fortaleza Nobre”, o nome “rabo de burro” foi dado aos desordeiros que andavam de carro na Fortaleza da década de 40 perseguindo e “infernizando” a vida das moças da Escola Normal⁶¹. Segundo a autora do blog “Fortaleza em Fotos”, Fátima Garcia, “os rabos de burros” eram marginais que possuíam boas condições financeiras e cometiam abusos sexuais contra moças, geralmente, estudantes desacompanhadas. Eles agiam livremente pelas ruas de Fortaleza e as estudantes da Escola Normal, do Colégio da Imaculada viviam em pânico, com medo de serem as próximas vítimas, mas as estudantes não eram suas únicas vítimas.⁶²

Conforme Santos (2009),

Os “rabos de burro” teriam o hábito de “laçar” suas vítimas de dentro dos carros, enquanto estas transitavam à noite nas ruas da cidade, levando-as, em seguida, para lugares ermos, onde as violentavam. Também se lhes acusavam de seduzir moças com propostas de casamento, com o fito de obter o consentimento com o ato sexual, abandonando-as ao amanhecer ou as ofertando aos amigos após a consumação do ato, modalidade de crime sexual que se notabilizaria como “curra” (estupro coletivo). Agressões contra prostitutas igualmente eram citadas. (p. 3)

Não eram marginais comuns, mas rapazes que dispunham de automóveis e cometiam abusos contra as moças, geralmente estudantes desacompanhadas. O número de casos aumentou rapidamente e o assunto passou a ser discutido através dos jornais, sendo alvo de intensos debates na Câmara Municipal. (JUCÁ, 1996, p. 23)

⁶⁰ “‘Rabo de Burro’, grande para o carnaval cearense de 1955.” **O Povo**. Fortaleza: 10 de fev. de 1955, p. 4.

⁶¹ NOBRE, Leila. Os rabos de burro. Disponível em <http://www.fortalezanobre.com.br/2011/06/os-rabos-de-burro.html> Acesso em 11 de fevereiro de 2015

⁶² GARCIA, Fátima. Fortaleza década de 1950: Nos tempos dos rabos de burro. Disponível em <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/08/fortaleza-decada-de-1950-nos-tempos-dos.html> Acesso em 11 de fevereiro de 2015

Depois de muitos protestos e ações dos próprios vereadores e outras autoridades, os próprios abusadores sexuais recuaram, mas nunca foram identificados.

Embora esse movimento do “rabo de burro” tenha se dado ainda na década de 50, havia na década de 60 uns resquícios desse tipo de comportamento, visto por Idelmar não como abuso sexual, mas artimanhas para conquistar as mulheres. O mais conhecido “rabo de burro” que vagava pelo Centro era, segundo Idelmar, o Ivan Paiva.

A Fortaleza era boêmia, era do tempo do rabo de burro, do tempo do Ivan Paiva sabe? O rabo de burro são os caras que hoje em dia que, já não são mais rabo de burro porque estrupam as mulheres e matam. O Ivan Paiva não. O quê que é que acontecia no Ivan Paiva? O Ivan Paiva era um rabo de burro famoso. [...] Ele ficava ali na Praça do Ferreira, ali era conhecida como “a praça que ventava”, tinha até a música sabe, do ventim, aí o vento dava nas saia das mulher, aí ele brechava, quando brechava ele dava todo jeito de se aproximar da mulher e conquistava a mulher. Era conquista, ele conquistava. Ele fazia as coisa com ela depois, mas era conquista. Ele chegava, beijava a mulher na marra e tudo, mas o interesse maior era de ver o vento dá na saia da mulher pra levantar a saia dela. (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

Ao pesquisar sobre “o rabo de burro” no blog “Fortaleza em Fotos”, depois de lermos a matéria sobre o assunto referido, fomos dar uma lida nos comentários e em um deles estava o comentário de uma moça chamada Lúcia Paiva, que relatava não somente o pânico em que as estudantes viviam, mas menciona um tal rabo de burro cujo “sobrenome era Paiva”, e que ela, na época aluna do colégio Justiniano de Serpa, morria “de medo de atravessar todo o beco dos pocinhos até a Cidade da Criança, pra pegar o ônibus”. Talvez, não sabemos ao certo, fosse o mesmo Ivan Paiva mencionado por Idelmar.

A Praça do Ferreira, que até hoje é muito frequentada por pessoas que ao sair do trabalho, seja no horário do almoço ou no final do expediente, sentam ali para conversar e usufruir da ventilação da praça para aliviar o calor, era em outros tempos também muito conhecida pelas suas casas comerciais, cafês, restaurantes e seu “vento”, que permitia que alguns personagens do cotidiano fortalezense se divertissem à custa dele.

Outro “rabo de burro” mencionado por Idelmar era o Manél dos discos,

O Manél dos discos, ele ficava ali na esquina com uma ruma de discos aqui debaixo do braço, aí ó quando as meninas da Escola Normal passava, era tudo de saia, ele saía atrás das menina da Escola Normal. As vezes ele ia deixar as menina lá na Escola, na esperança de que o vento desse um pouquim pra ele dá uma brechada. Se desse uma brechada, ele já voltava!

Essa era a Fortaleza sabe? (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

Entre um riso e outro, ao relembrar a Fortaleza de seu tempo de morador de rua e sebista de calçada, observamos no relato de Idelmar, que mesmo em meio ao sofrimento vivido por ele, resultante de uma vida difícil, incerta, era possível dar boas risadas naquela vida complicada, mas “compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos” (CERTEAU, 2014, p. 170). Essa era a Fortaleza de Idelmar, de Geraldo e tantos outros caminantes, “A Fortaleza do Abrigo Central sabe, do Cherife, do Bodim, da Héctar discos, [...], da Casa Parente, da Farmácia Guanabara, do Cearazim. (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014).

4.4.3 As peripécias na Ditadura Militar

Sabemos que o período da ditadura militar foi um período de muitos conflitos no cenário nacional. Em meio a tramas políticas, todo o país sofria com os efeitos dramáticos da ditadura.

Segundo o blog “Fortaleza em Fotos”, as primeiras notícias sobre o golpe militar chegou a Fortaleza ainda de forma confusa, através do principal meio de comunicação em massa daquele tempo, o rádio. Desde então os estudantes passaram a organizar passeatas e concentrações localizadas na Praça José de Alencar, diversas vezes intervindas pelo Exército.⁶³

Em meio às passeatas e manifestações de estudantes e trabalhadores, por vezes concentradas na Praça José de Alencar e outras localidades de Fortaleza, muitos eram os acontecimentos naquele período.

Dentre os acontecimentos presenciados por um dos nossos entrevistados, está o caso do relógio posicionado na rua Guilherme Rocha, frequentado por alguns sebistas, na ocasião.

Eu não ganhei dinheiro como, do pessoal na ditadura militar porque não me prenderam. Eu morava no mei da rua, aí os estudantes jogando pedra e tudo, aí eu taquei uma pedra no relógio da ótica Sansão [?], tinha um relógio bem grandão na Guilherme Rocha sabe? Eu joguei a pedra aí não me pegaram pra me prender, só fizeram dar umas lapada em mim e mandaram eu ir embora,

⁶³ GARCIA, Fátima. O golpe militar de 1964 no Ceará. Disponível em <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/11/o-golpe-militar-de-1964-no-ceara.html>> Acesso em 11 de fevereiro de 2015.

com aqueles cacetete. O Zé Maria Tabosa nem apanhou o tanto que eu apanhei, foi preso, e agora ele recebeu a anistia [...]. Então a gente vivia desse jeito sabe? (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

Em meio aos conflitos, desordem e quebradeira na Guilherme Rocha, Idelmar, em uma atitude impulsiva, vendo todos os estudantes jogando pedras, quebra o relógio da ótica e é pego pelos policiais que, embora não o predam, batem nele e o soltam. Hoje, lembrando esse episódio, Idelmar ri com um pouco de alívio e um pouco de arrependimento, por de alguma maneira ter se livrado de uma prisão certa naquele dia, enquanto o amigo, Zé Maria Tabosa, preso, recebe hoje a anistia.

4.4.4 Copas do Mundo

Outros eventos, considerados importantes por Idelmar, foram as Copas do Mundo de 1966 e de 1970, lembradas com muita alegria pelo ex-sebista.

A Copa de sessenta e seis, a Copa do Mundo de sessenta e seis, sabe onde foi que a gente assistiu? No rádio, a Guilherme Rocha era cheio daqueles fios e tinha rádio, as caixa de som na Guilherme Rocha viu, cheia de rádio e a gente ali, tentando vender uma fitinha, e bebendo cachaça no meio da rua e assistindo o jogo e fazendo a nossa alegria. (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

Na falta de televisão em plena rua Guilherme Rocha, os vendedores ambulantes que a ocupavam tiveram a oportunidade de ouvir, através das caixas de som espalhadas pela rua, o jogo da Copa do Mundo de 1966. Entre um copo de cachaça e outro, os sebistas e demais vendedores ambulantes, ouviam o jogo e se divertiam.

Já na Copa de 1970, com a televisão colorida, os sebistas encontraram outro lugar para se divertirem com o evento.

A Copa de setenta apareceu, pela primeira vez, televisão colorida, nós ia lá pro seu Osmar. Seu Osmar pegava a sinuca e dizia “Tú morre diabo!”, e nós bebendo cachaça com cerveja e quando terminava o jogo nós ia vender lembrança e tudo daquele jogo. (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

Interessante observarmos que os sebistas aproveitavam o evento da Copa para alargar suas possibilidades de vendas. Depois dos jogos, abandonavam,

momentaneamente, a venda de livros e passavam a vender artigos que lembravam o jogo.

É assim que Idelmar recorda a Fortaleza antiga, “Era a vida gostosa que a gente tinha no centro da cidade, sem ter medo de bandido, sem ter medo de droga, sem ter medo de nada” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

4.4.5 Fortaleza e lazer

Enquanto conversávamos sobre as várias faces da Fortaleza em que Idelmar e Geraldo vivenciaram, chegamos a um ponto já bastante trabalhado em outros trabalhos no campo da História de Fortaleza, como nos trabalhos de Gisafran Nazareno Mota Jucá, nos períodos de 1945-1960: a questão do lazer.

O aparecimento de hotéis, boates, casas de pensão, cinemas, permite ao perímetro central da cidade desenvolver hábitos de lazer que movimentavam o centro da cidade. Segundo Geraldo, “os hotéis do centro tinha o Lord Hotel, esse já acabou, tinha o Sapê [?] do hotel, lá na Castro e Silva e o Incelson [Excelsior]. [...] o Premier Hotel, na Barão do Rio Branco, que era, antigamente, o Beira Rio.” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014).

O Lord Hotel, localizado bem próximo à Praça do Ferreira, formando uma arquitetura com O Teatro José de Alencar, é hoje visto em reforma com seu letreiro desconstruído. Erguido em 1956, foi um dos maiores hotéis de Fortaleza, recebeu artistas importantes e teve seu auge nos anos 60 e 70. A seguir podemos vê-lo em uma foto retirada do blog Fortaleza em Fotos.

Foto 1 - Lord Hotel – Edifício Philomeno Gomes – Anos 50



Fonte: Foto extraída do blog Fortaleza em Fotos⁶⁴

Outro grande hotel da cidade de Fortaleza foi o Excelsior Hotel, considerado o primeiro arranha-céu de Fortaleza no ano de 1931, era localizado na Praça do Ferreira, esquina com a rua Guilherme Rocha e Major Facundo. Em sua solenidade de inauguração, o Dr. Eduardo Girão e o capitão Roberto Carneiro discursaram com grande alegria sobre sua abertura.

Durante muitos anos, o Excelsior Hotel foi considerado um dos principais hotéis de Fortaleza, assim como o Lord Hotel, recebeu vários artistas e personalidades importantes da época. Segundo o blog “Fortaleza em Fotos”, o mesmo entrou em declínio quando a cidade passou a expandir-se rumo ao leste e o centro parou de ser um atrativo para novos empreendimentos. Assim, em 1964 o grande Excelsior Hotel fechou suas portas.⁶⁵

⁶⁴ Disponível em

< <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/09/modelo-de-preservacao-portaria-do.html> > Acesso em 11 de fevereiro de 2015.

⁶⁵ GARCIA, Fátima. A antiga portaria do Excelsior Hotel. Disponível em

< <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/09/modelo-de-preservacao-portaria-do.html> > Acesso em 11 de fevereiro de 2015.

Foto 2 - Cartão Postal distribuído na inauguração do Excelsior Hotel



Fonte: Arquivo NIREZ

Acerca dos demais hotéis mencionados por Geraldo não conseguimos nenhuma fonte que corroborasse com seu discurso, mas também não os descartamos, pois é bem possível que não fossem considerados como principais hotéis da cidade e, por isso, não tenham sido tão divulgados. Também é possível que esses demais hotéis fossem frequentados por pessoas de menor poder aquisitivo e, portanto, considerados menos importantes no cenário turístico.

4.4.6 A hora da merenda e da cachaça: A Fortaleza do Abrigo Central

Durante nossa conversa com Idelmar e Geraldo eles mencionaram diversas vezes um dos pontos mais movimentados de Fortaleza na década de 50 e metade da década de 60, o Abrigo Central, construído pelo então prefeito da cidade, Acrísio Moreira da Rocha, e demolido na gestão de Murillo Borges.

Inaugurado em 1949 e demolido em 1966, o Abrigo central foi um espaço localizado na Praça do Ferreira, que tinha a função de estacionar os ônibus e permitir que as pessoas esperassem os mesmos em um lugar específico, seria como os atuais terminais de ônibus da capital.

Em seu interior havia vários quiosques “em que funcionavam lanchonetes, lojas de discos, papelarias, confeitarias, dentre outros serviços.” (MAIA, 2013, p. 10), mas uma das principais atrações do Abrigo era permitir que as pessoas fossem para lá apenas para encontrar amigos, “bater um papo” e “jogar conversa fora”.

Foto 3 - Abrigo Central em 1958



Fonte: Foto extraída do Arquivo Nirez e divulgada no blog Fortaleza Nobre⁶⁶

Idelmar nos conta um pouco das suas experiências pelo Abrigo Central de maneira muito saudosa.

No Abrigo Central você tinha um ponto conhecido a “Confeitaria do Cidrack”, eu pedia esmola, comprava um tijolim na confeitaria do Cidrack, um litro de água no “Pedão da bananada” e depois que eu fazia tudo isso eu tava almoçado. [...]. Tinha um ponto da Guilherme Rocha que pouca gente se lembra, só nós, que era “O Oliveira”. (Idelmar Cunha, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014)

Em seu relato Idelmar menciona dois personagens muito conhecidos no Abrigo Central, o Cidrak e o Pedrão da bananada, que merecem um pouquinho da nossa atenção.

Segundo Mário Cidrack Filho em uma entrevista concedida à autora do blog “Fortaleza Nobre”, o Abrigo tinha de tudo, e lembra que houve um tempo no Abrigo Central em que ele, ainda criança, e seu pai vendiam em sua confeitaria uma bolacha, vinda de Maranguape, que se chamava Jubaia. A bolacha era tão famosa entre os que frequentavam o Abrigo que ia gente de todos os bairros de Fortaleza só para comprar essa bolacha.⁶⁷

⁶⁶ Disponível em < <http://www.fortalezanobre.com.br/2011/06/de-volta-ao-abrigo-central.html>> Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

⁶⁷ NOBRE, Leila. De volta ao Abrigo Central. Disponível em < <http://www.fortalezanobre.com.br/2011/06/de-volta-ao-abrigo-central.html>> Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

Foto 4 - Confeitaria do Cidrack



Fonte: Foto extraída do blog Fortaleza Nobre⁶⁸

Mas no Abrigo não existia apenas a confeitaria do Cidrack, existiam outros pontos de merendas com vitaminas, sanduíches, sucos de todo tipo. “O povo que tava de fora aqui eles viviam aqui e ali pelo Abrigo Central” (**Geraldo Paulo Duarte**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014). Dentre os lugares de merenda mais conhecido estava o “Pedão da bananada”, conhecido não somente pela venda da bananada, mas também porque era um torcedor fanático do Ceará.

Não se sabe ao certo qual era o nome verdadeiro de Pedão, mas seu amigo Pedro Moreira, entrevistado pela blogueira Leila Nobre, descreve um pouco da fisionomia dessa personalidade, afirmando que Pedão era um homem bem alto que andava todo de branco, roupa e sapato, e era bem divertido.⁶⁹

Como falamos, Pedão também era conhecido por ser torcedor fanático do Ceará e conta-se que quando o mesmo se encontrava com o Bodinho, proprietário de uma banca de revista no Abrigo Central, e torcedor fanático do Fortaleza, era briga na certa e as pessoas paravam só para olhar a discussão, que sempre acabava de maneira amigável, “Parecia que eles iam se matar, daqui a pouco estavam brincando”⁷⁰, conta Mário Cidrack, que sempre presenciava a cena.

⁶⁸ Disponível em < <http://www.fortalezanobre.com.br/2011/06/de-volta-ao-abrigo-central.html>> Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

Foto 5 - Pedão da bananada enfrente ao Abrigo Central



Fonte: Foto extraída do blog Fortaleza Nobre⁷¹

Pedão era um dos comerciantes mais antigos do Abrigo Central e também um dos que permaneceu por mais tempo ali. Dizem que sua morte, antecedida por uma degradação de saúde e também financeira, foi resultado da demolição do Abrigo, pois até hoje as pessoas que viveram aquele período e o conheceram associam a morte de Pedão à morte do Abrigo.

Vale ressaltar que o Abrigo Central também foi um espaço importante de debates e conversas de cunho político. Por ali, passavam muitos políticos, dentre eles, Acrísio Moreira da Rocha, prefeito que construiu o lugar. Isso fazia do Abrigo um lugar importante em períodos de eleição. Segundo seu Pedro, entrevistado pela blogueira Leila Nobre, havia no Abrigo um placar que informava o resultado das eleições, então ficava todo mundo sentado na praça olhando o placar, que era localizado em cima do Abrigo, esperando o resultado final. Ele recorda que “quando dava um resultado que um candidato passava do outro havia toda uma manifestação.”⁷²

Outro lugar mencionado por Idelmar era o bar “O Oliveira”, localizado na rua Guilherme Rocha. Conforme o ex-sebista recorda,

⁷¹ Disponível em < <http://www.fortalezanobre.com.br/2011/06/de-volta-ao-abrigo-central.html>> Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

⁷² NOBRE, Leila. De volta ao Abrigo Central. Disponível em < <http://www.fortalezanobre.com.br/2011/06/de-volta-ao-abrigo-central.html>> Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

O Oliveira vendia cachaça com mel, ele botava a cachaça e botava o mel, aí pegava uma faca aí mexia, quando ele mexia, ele lambia a faca e botava aqui. Chegava outro pra tomar outra dose, ele botava do mesmo jeito, mexia de novo, lambia a faca de novo e tudo e a gente passava o dia ali esperando. A gente pedia cachaça com mel do seu Oliveira. (**Idelmar Cunha**, 5 de fevereiro de 2014)

A cachaça com mel do seu Oliveira também aparece como sendo parte integrante das lembranças de uma Fortaleza antiga, boêmia, movimentada e ao mesmo tempo tranquila. Marcado, segundo Idelmar, na lembrança de pouca gente, o seu Oliveira, o bar da cachaça com mel, surge na memória do nosso sujeito que “passava o dia ali esperando” o momento em que a cidade dormia e ele ia embora, “daqui do centro lá pro Pirambú, eu ia a pés, não tinha medo de nada” (**Idelmar Cunha**, Fortaleza, 5 de fevereiro de 2014).

Essa leitura realizada pelo ex-sebista Idelmar, pelo sebista Geraldo e outros personagens da história de Fortaleza mencionados aqui, fortifica a compreensão de Sandra Jatahy Pesavento: a cidade como propriedade cultural compartilhada, onde seus sujeitos são capazes de construir uma memória social a partir de sua própria experiência com o espaço urbano. Essa experiência que os tocou, que lhes chegou e que os transformou e moldou as suas identidades.

Percebemos nos discursos que as ruas, as praças, e outros lugares da cidade ganham um sentido especial na memória dos nossos sujeitos, fortalecendo seu sentimento de pertencimento a uma cidade que é deles e que não poderia deixar de ser, visto que foram eles que ajudaram a construí-las, são eles que dão sentido as essas mesmas ruas e praças, ao associá-las à sua experiência. Eles enfrentam o tempo ao pôr em ação as suas memórias, a fim de que elas não caiam no esquecimento e caindo no esquecimento não seja mais possível contar a sua história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

— Onde nasceu a ciência?...
 — Onde nasceu o juízo?...
 Calculo que ninguém tem
 Tudo quanto lhe é preciso!
 (António Aleixo)⁷³

Não encontramos nada melhor para descrever o final desse trabalho do que as palavras acima destacada nesse poema de António Aleixo. Depois de dois anos nos debruçando sobre o desafio de pintar, ainda que de maneira, talvez, “injusta” a experiência dos sebistas da cidade de Fortaleza, calculamos que “ninguém tem tudo quanto lhe é preciso” para contar a história de outrem. Portanto, eis aqui algumas considerações finais acerca dessa peregrinação que chamamos de caminhada científica, que aqui apresentamos apenas uma parte.

Começamos esse trabalho com a exposição dos nossos sujeitos históricos, das suas práticas, da sua mercadoria e de como eles atuam no seu contexto. “Passeamos” por sebos de várias cidades do Brasil, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Fortaleza, a fim de encontrar pontos em comum entre eles e concluir que o movimento do mercado de livros usados não é algo isolado, ou ainda, pontual, ocorrendo em vários lugares de maneira, muitas vezes, simultânea, e ainda assim, diferenciada em alguns pontos.

Verificamos que a importância dos sebos e do trabalho dos sebistas não reside apenas no seu trabalho com um objeto considerado fundamental para a cultura letrada, mas também na maneira como esse objeto é comercializado, maneira essa que se diferencia do mercado editorial estabelecido não somente pela natureza do livro que se vende, mas pelas redes estabelecidas entre os fornecedores e os sebistas, pelas táticas de comércio dos mesmos como, a compra, a troca, a consignação entre sebistas e clientes, sebistas e sebistas, e pelo valor que o livro adquire nesse mercado, ora como mercadoria, ora como moeda.

Vimos ainda que a importância dos sebos também perpassa a “responsabilidade” social e cultural que os sebistas adquirem por proporcionar a difusão de livros por preços acessíveis a pessoas de poder aquisitivo menor, ou ainda, livros raros aos apaixonados por obras desse tipo.

⁷³ ALEIXO, António. Onde nasceu a Ciência e o Juízo? **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.6, n.1, p. 319-320, abril 2013 ISSN 1982-5153. Disponível em <<http://alexandria.pgect.ufsc.br/files/2013/04/Literatura6-1.pdf>> Acesso em 23/02/2015.

Por necessidade ou por opção, os livreiros de Fortaleza foram das calçadas aos prédios do centro da cidade, estabelecendo seu comércio, muitas vezes, sofrendo restrições, sem que isso os fizesse desistir totalmente de sua profissão. Foi a partir desses muitos conflitos enfrentados, que hoje eles rememoram o seu fazer em uma época longínqua e se encontram, muitas vezes, em suas memórias, fortalecendo assim, sua identidade individual e coletiva.

Mesmo não se tratando de uma identidade homogênea, sabemos agora que a identidade do sebista é formada por vários aspectos de sua experiência, desde o objeto que ele faz uso, o livro, que no caso adquire valor de mercadoria, passando também pelo elemento de relacionamento entre essa mercadoria e o sebista, estando aqui os aspectos de organização e também como ele efetiva sua venda, isto é, de que maneira ele faz uso da “coisa”, até sua relação com *o Outro*, nesse caso, os livreiros do mercado editorial estabelecido. Na união de todos esses elementos é possível visualizarmos, pelos menos parte, do que podemos chamar de “sebista”, pois como foi dito na reflexão sobre a identidade, esta não é nem homogênea, nem acabada, mas caleidoscópica e em constante construção.

Durante o processo da pesquisa, pudemos perceber que, embora os sebistas revelassem práticas semelhantes, eles possuíam formas distintas de ler o mundo ao seu redor, uns com mais pessimismo, outros tão pouco preocupados com o destino que o mercado de livros tem tomado, e outros, bem otimistas mesmo em meio as inconstâncias do mercado, mas nenhum deles preocupados a tal ponto de verem no abandono de sua profissão a saída para resolução dos seus problemas, muito pelo contrário, vemos sujeitos que tem resistido às mudanças do tempo e adquirido uma espécie de resiliência aliada à sua experiência.

É, então, nas ruas, nas praças e demais espaços da cidade de Fortaleza, que a partir das memórias dos sebistas, conseguimos visualizar suas experiências como que peças de um quebra-cabeça que, possivelmente, ainda faltam peças, mas que nos permite vislumbrar parte do mercado de livros usados em Fortaleza, bem como, parte da própria história de Fortaleza.

Eles estavam em todos os cantos, seja na rua Guilherme Rocha, rua Floriano Peixoto, “perdidos” na deserta rua Barão do Rio Branco da década de 60, nas calçadas das lojas, ou ainda, na Praça dos Leões, era possível encontrá-los vendendo seus livros e revistas “no grito” pelas ruas da Cidade, desafiando, muitas vezes, o rapa, as

autoridades que se utilizavam do poder e da violência para conter os vendedores ambulantes do centro da Cidade.

Pelo exposto na nossa pesquisa, é possível, com um pouco de concentração, vermos quase como se presenciássemos o ocorrido, o corre-corre entre as ruas quando o rapa chegava para fiscalizar os ambulantes que insistiam em vender seus produtos nas ruas do Centro, a gritaria e o choro daqueles que perdiam sua mercadoria, arrancada de suas mãos pelos guardas que não poupavam esforços em exterminar esse tipo de comércio das ruas do perímetro central da Cidade.

É possível também, mesmo que ainda com a imagem da violência dos guardas, do choro do vendedor e do olhar assustado daquele que presenciava a cena, imaginar que em outra parte da Cidade e outro momento daquela década, alguém sorria com a briga entre o Pedão da bananada e o dono da banca de revista O Bodinho, pelo jogo ganho ou perdido dos times Fortaleza e Ceará, no espaço do Abrigo Central, e com um pouco mais de atenção também vemos a enorme fila na Confeitaria do Cidrak para comprar a famosa bolacha Jubaia. Eles também estavam lá!

Eles estavam ainda nas manifestações contra a ditadura, quebrando o relógio, localizado na rua Guilherme Rocha, e apanhando dos policiais presentes nas manifestações dos estudantes contra o governo ditatorial. Eles estavam lá!

Eles estavam no bar do Oliveira, tomando cachaça com mel, nos cinemas, nas casas de pensão, na praça do “vento”, como era conhecida a Praça do Ferreira, observando “os rabo de burro” que insistiam em se aproveitar das moças desacompanhas e das estudantes da Escola Normal.

Eles também estavam na rua Guilherme Rocha ouvindo e festejando a Copa de sessenta e seis, pelas caixas de som espalhadas pela rua, e na Copa de setenta, lá estavam eles no bar do seu Osmar que adquirira uma televisão colorida e uma sinuca para chamar os fregueses para uma “partidinha” enquanto assistiam o futebol.

Eles estavam em todos os cantos! E estão até hoje!

Essa é parte da história deles, dos sebistas de Fortaleza, que através de suas memórias relatadas, muitas vezes, de forma nostálgica, nos permite perceber quão importantes eles são para o nosso conhecimento do mercado de livros usados em Fortaleza, bem como, da própria história de Fortaleza, pois essa história é deles, mas também é nossa e de todos aqueles que vivenciaram e vivenciam essa Fortaleza.

Se a experiência é como Bondía (2002) nos diz, o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, a história dos sebistas da cidade de Fortaleza também faz parte

da nossa experiência. Fizemos aqui, durante todo o decorrer dessa pesquisa, uma experiência, mas o verbo “fazer” aqui não remete, necessariamente, a ação de fazermos algo, mas no sentido que Heidegger (1987), citado por Bondía (2002), nos propõe, no sentido de “sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, a medida que nos submetemos a algo.” (p. 25), pois o que é a caminhada científica senão o sofrimento e o padecimento de tentar compreender aquilo que nos alcançou, mas que muitas vezes não conseguimos visualizar como algo completo e, mesmo assim, nos submetemos porque nos tocou, nos apaixonou? Fazer experiência então é “deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso.” (idem). E podermos assim sermos transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”. (BONDÍA, 2002)

É então que percebemos como escrever a história age em nós de maneira formidável, pois não é simplesmente obtermos informação sobre algo e, portanto, sermos capazes de escrever sobre isso, mas é fazermos experiência, no sentido que Heidegger e Bondía nos propõem, permitir que as coisas nos cheguem, nos toquem e nos transformem, hoje e no transcurso do tempo. Pois, para quê serve a História se ela, sendo o que é, não transformar o homem?

LISTA DE FONTES

FONTES ORAIS

ANDRADE, Richard Chamberlain. Richard Chamberlain de Andrade: depoimento [jun 2012]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2012. Arquivos de mp3.

ALVES, Antonio Vieira. Antonio Vieira Alves: depoimento [jan 2014]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. 2014. Arquivos de mp3

CUNHA, Idelmar. Idelmar Cunha: depoimento [fev 2014]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

DUARTE, Geraldo Paulo. Geraldo Paulo Duarte: depoimento [ago 2012]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2012. Arquivos de mp3.

DUARTE, Geraldo Paulo. Geraldo Paulo Duarte: depoimento [set 2013]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2013. Arquivos de mp3.

DUARTE, Geraldo Paulo. Geraldo Paulo Duarte: depoimento [ago 2014]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

DUARTE, Geraldo Paulo. Geraldo Paulo Duarte: depoimento [nov 2014]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

GUEDES, Geraldo Magela Lins. Geraldo Magela Lins Guedes: depoimento [jan 2014] Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

GUEDES, Geraldo Magela Lins. Geraldo Magela Lins Guedes: depoimento [jun 2014] Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

JOÃO. João: depoimento [jun 2013]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2013. Arquivos de mp3.

LOPES, Hosano. Hosano Lopes: depoimento [jan 2014]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

OLIVEIRA. Oliveira: depoimento [jan 2014]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

OLIVEIRA, José Nazareno Silva de. José Nazareno Silva de Oliveira: depoimento [fev 2014]. Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

SANTOS, Francisco de Assis Ferreira. Francisco de Assis Ferreira Santis: depoimento [ago 2014] Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2013. Arquivos de mp3.

SANTOS, Francisco de Assis Ferreira. Francisco de Assis Ferreira Santos: depoimento [set 2013] Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2013. Arquivos de mp3.

SOUSA, Francisca Auristela Alves de. Francisca Auristela Alves de Sousa: depoimento [set 2013] Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2013. Arquivos de mp3.

SOUSA, Francisca Auristela de. Francisca Auristela Alves de Sousa: depoimento [ago 2014] Entrevistadora: Aryanna da Costa Amorim. Fortaleza: 2014. Arquivos de mp3.

JORNAIS

O Povo – Fortaleza (1955)

Tribuna do Ceará – Fortaleza (1969)

Correio do Ceará – Fortaleza (1968)

FONTES VIRTUAIS

Blog “Fortaleza em Fotos” – Disponível em < <http://www.fortalezaemfotos.com.br/>>

Blog “Fortaleza Nobre” – Disponível em < <http://www.fortalezanobre.com.br/>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMORIM, Aryanna da Costa. **Do sebo tradicional ao sebo virtual:** possibilidades para o acesso ao livro. Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciência da Informação. Fortaleza, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BARROS, José de Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: **Rua de mão única**. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

BÍBLIA. Português. Bíblia Devocional Presente Diário Edição Permanente: Nova Versão Internacional. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2002. p. 553: Jó, cap. 42.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

BONDÍA, Larrosa Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista SciELO** Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> > Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social, 2003.

BRUNO, Artur; FARIAS, Airton de. **Fortaleza:** 285 ano. Fortaleza, 2011. Disponível em < <http://www.arturbruno.com.br/images/conteudo/file/cartilhaHFortaleza.pdf> > Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. A **trajetória da Internet no Brasil:** do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança, Dissertação de mestrado Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados** 11 (5), 1991.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **A Cidade e o comércio ambulante: Estado e disciplinamento da ocupação do espaço público de Fortaleza – 1975 a 1995**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras

_____. “História Intelectual e Cultural”. In: **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.175-197.

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. In: **A socialização**. Porto: Porto Editora, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mora. **O Lazer em Fortaleza (1945-1960)**. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premium, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, Vânia Lúcia Silva. **Meios de vida: as experiências de sobrevivência e luta dos trabalhadores ambulantes e feirantes em Fortaleza entre o final da década de 1960 e início de 1970**. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

MAIA, Roberta Kelly Santos. **A Cidade do Jornalista: da Fortaleza representada nos jornais à administração da capital por Luiz Queiroz (1954 – 1964)**. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANSUR, André Luis. Exaltação aos sebos. **O Globo**, Rio de Janeiro, set. 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/paralelos/posts/2007/09/25/exaltacao-aos-sebos-74739.asp>> Acesso em 11 de abril de 2015.

MELO JÚNIOR, João Alfredo Costa de Campos. O Conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH •**

São Paulo, julho 2011. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300653140_ARQUIVO_Anpuh2011.pdf

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORAES, Rubens Borba de. Conversa de porta de livraria. In: **Catálogo 205 da Livraria Kosmos, raridades para bibliófilos, assuntos fora do comum so século XV ao XIX**. Rio de Janeiro, 1960. p. 1-4.

_____. **O bibliófilo aprendiz**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

NORA, PIERRE. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: **Les lieux de mémoire**. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII – XLII. Tradução autorizada pelo Editor. Editions Gallimard, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, Espaço e Tempo: Reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Pelotas, 2012. Disponível em < <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/893/873> Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: **Usos e abusos da história oral**. Janaína Amado; Marieta de Moraes Ferreira (coord.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista da Teoria da História**, ano 3, numero 6, dez/2011. Universidade Federal de Goiás.

SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. "Nas trilhas dos rabos-de-burro" Juventude e gênero na cidade de Fortaleza (1950- 1970). **Anais do XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH**. Fortaleza, 2009. Disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1064.pdf> Acesso em 12 de fevereiro de 2015

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Cadernos de Sociomuseologia**. v. 19, n. 19, 2002.

SANTOS, Wellington de A. **Guia comentado dos sebos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

SCHETTINO, Thais Sena. **Ser ou não ser? Comparações entre o modelo de profissionalização do livreiro no Brasil e na França**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro (RJ), 2009.

SECCHIN, Antonio Carlos. **Guia comentado dos sebos da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do livro, 1996.

SILVA, Eciane Soares da.; SANTOS, Marlon Cavalcante; SILVA, José Borzacchiello da. **Comércio Informal no centro de Fortaleza: Beco da Poeira e Feira da Sé**. Anais

XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e esperanças. Espaço de Diálogos e Práticas. Porto Alegre, 2010.

SILVA, Ozângela de Arruda. **Pelas rotas dos livros:** circulação de romancs e conexões comerciais de Fortaleza (1870 – 1891). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria:** ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura:** o mercado editorial no século XXI – tradução Alzira Allegro. SãoPaulo: Editora Unesp, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.